

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO**

**EMERSON CÉSAR DE CAMPOS**

**O CATARINENSE DE BOMBACHA:  
MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO  
EM SANTA CATARINA (1959-1997)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.**

**Florianópolis, Abril de 1999.**

**O CATARINENSE DE BOMBACHA: MOVIMENTO  
TRADICIONALISTA GAÚCHO EM SANTA CATARINA  
1959-1997**


**EMERSON CÉSAR DE CAMPOS**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

**BANCA EXAMINADORA**

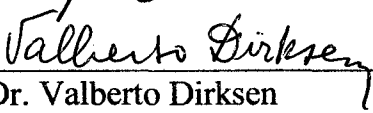


Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Bernardete Ramos Flores (Orientadora) (UFSC)



Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão

(UDESC)



Prof. Dr. Valberto Dirksen

(UFSC)

Prof. Dr. Sérgio Schmitz (Suplente)

(UFSC)



Prof. Dr. Arthur Cesar Isaia  
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 16 de abril de 1999.

CAMPOS, Emerson César de. **O Catarinense de Bombacha: Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina (1959-1997)**. Florianópolis, 1999. 120 p. Dissertação (Mestrado em História) – programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

**Orientadora:** Professora Doutora Maria Bernardete Ramos Flores.

**Data de defesa:** 16 /04/ 1999.

**Resumo:** Neste trabalho se encontra a abordagem de um fenômeno sócio-cultural que vem ocorrendo em Santa Catarina nas últimas quatro décadas deste século: o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Dentro da perspectiva da História Cultural, e explorando sua abrangência e possibilidades, este estudo se preocupa em mostrar as dimensões sociais, culturais e políticas, promovidas pelo tradicionalismo gaúcho no estado. Sendo assim, busca interpretar este Movimento através da análise do crescimento do número de Centros de Tradição Gaúcha em Santa Catarina (CTG's), responsáveis diretos pela expansão do tradicionalismo gaúcho, entre os anos de 1959 e 1997, relacionando-os à diversidade cultural do estado, bem como às tensões sociais que nela se fazem presente. Desta forma, resultam 3 capítulos relacionais: um primeiro que discute o gaúcho enquanto emergência sócio-cultural, partindo do Rio Grande do Sul e se estendendo até Santa Catarina; um segundo que mostra a expansão do Movimento Tradicionalista Gaúcho no estado, e por último, um terceiro capítulo que trata das práticas e representações empreendidas por este Movimento em sua expansão em Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Cultura, Gauchismo, Tradicionalismo.

**Abstract:**

This work approaches a socio-cultural phenomenon that has been occurring in Santa Catarina during the four last decades of this century: the Gaucho Traditionalist Movement. Within the perspective of Cultural History, and exploring its scope and possibilities, this study intends to demonstrate the social, cultural and political dimensions promoted by the gaucho tradicionalism in the state. Therefore, it aims at interpreting this Movement through the analysis of the increasing number of Centers of Gaucho Tradition in Santa Catarina (CTG'S), which are the most important cause for the expansion of the gaucho traditionalism, between 1959 and 1997, relating them to the cultural diversity of the state, as well as to the social tensions that make part in this diversity. In this way, 3 related chapters result: the first discussing the gaucho as socio-cultural emergence, starting from Rio Grande do Sul and reaching Santa Catarina; the second showing the expansion of the Gaucho Tradicionalist Movement in the state; and finally, a third chapter that deals with the practices and representations delineated by this Movement within its expansion in Santa Catarina.

**Keywords:** Culture, Gauchism, Traditionalism.

Dedicado à Nadi e ao Pedro.

Obrigado pelo brilho nos meus olhos.

## **Agradecimentos:**

É impossível não esquecer alguém. Contudo, para não estender o esquecimento a todos, agradeço àqueles que me lembro agora.

Ao pessoal da UFSC, meus amigos de Curso e curso, pelos papos, pelas contribuições e pelas poucas, mas divertidas festas que fizemos.

À Nazaré e o Jorge. Vocês são sensacionais.

Ao pessoal da FAED, professores e colegas de turma.

Aos amigos do Campeche ( Silvia, Luizinho, Ana Luíza, Henrique, Felipe, Bel, Giba, Nara, ...). Zefa, cadê você?

Aos meus pais, Manoel e Maria e irmãos, Everton e Eder. Obrigado por tudo.

Ao pessoal de Criciúma. Silvia, Evilásio, Nicole, Nídia e Nitícia, e família dos Sílvios.

Ao pessoal de Criciúma em Florianópolis: Sílvia, Sergio e seus meninos.

Ao meu amigo e tio Joaquim . Um especial agradecimento pela constante presença.

À Lauren e a Regina. Apareçam!

Ao meu amigo Tiago pelos e-mails, pelos risos e cervejas. Valeu little head!!!

À Clara e ao Rodrigo, pela amizade e pelo inglês.

Ao Moacir (Negão) pelos papos e pela amizade.

Ao pessoal do Porto da Lagoa: Hilário, Lenir, Txai, Íris e Nani.

À Professora Dra. Maria Bernadete Ramos Flores, pela orientação criativa e sugestões que muito me estimularam.

Ao Professor Dr. Luiz Felipe Falcão, pelas contribuições substanciais que me concedeu.

Ao pessoal da Capes, pelo fundamental apoio financeiro e pelos créditos fornecidos à pesquisa no Brasil.

A Nadi e ao Pedro, pela compreensão dos momentos ausentes e por me suportarem nos últimos meses.

A todos. Por tudo.

## Sumário

Introdução .....	09
Capítulo I : O gaúcho e o estado de espírito.....	16
Capítulo II: O espírito no estado.....	43
Capítulo III: O espírito na rede.....	76
Considerações Finais .....	111
Fontes e Bibliografia .....	115

**“Sou quem falhei ser. Somos todos quem nos supusemos. A nossa realidade, é o que não conseguimos nunca”.**  
(Fernando Pessoa)

## INTRODUÇÃO

Um projeto é, sem dúvida, uma declaração de intenções, e, como tal, vinculado a uma série de variáveis, ponderações e até mesmo contradições. Este projeto, particularmente agora quando se apresenta em forma de Dissertação, foi pensado de modo a fugir de um trabalho repleto de convicções e/ou armadilhas que possam inibir outras palavras. Assim, a expectativa é de que se aproxime de reflexões que possam proporcionar uma efetiva colaboração à construção da História Brasileira Contemporânea em geral, e da Catarinense em particular.

A versão inicialmente apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFSC, foi alterada, complementada, e me proporcionou momentos de prazer e também de insatisfação, às vezes não muito equilibrados. Nesta construção, algumas inquietações se mostraram estimulantes, outras se iniciaram a partir de um trabalho mais elaborado, e outras foram desconsideradas ou não priorizadas. E as sugestões, bastante pertinentes, que me foram apresentadas no adequado procedimento que é a pré-banca, foram, em sua quase totalidade, incorporadas ao trabalho, e, assim, notas se transformaram em textos, que provocaram novas notas, numa estimulante e produtora dialética. Algumas das colaborações que não se apresentam nesta versão final, não foram priorizadas por absoluta opção metodológica, e pelas quais, é evidente, eu tenho total responsabilidade.

Durante a realização desta pesquisa, as chamadas fontes primárias, ou seja, as entrevistas realizadas e o material coletado de produção do próprio movimento tradicionalista gaúcho, se mostraram relevantes, tendo em vista a escassa produção historiográfica



catarinense acerca da tradição gaúcha no estado. Devido a isto, boa parte do referencial teórico teve que ser “construído”, o que colaborou para um excelente exercício historiográfico. A pesquisa me permitiu, também, alcançar uma melhor qualificação em relação ao uso da História Oral. A História Cultural ao privilegiar as percepções que diferentes atores têm do social, penso, não deve prescindir de tal ferramenta.

Por outro lado, as disciplinas do Programa que tive a oportunidade de cursar, contribuíram bastante para o melhor desenvolvimento da pesquisa, principalmente enquanto referências teóricas, proporcionando uma qualificação melhor da pesquisa. Entre elas, destaco aquelas que de forma mais direta se relacionaram a este trabalho. Neste sentido, a disciplina *A Pesquisa histórica*, na oportunidade desenvolvida pela Professora Doutora Maria Bernadete Ramos Flores, minha orientadora, e com quem venho nos últimos dois anos dividindo minhas dúvidas; e a disciplina *Historiografia Brasileira e Regional*, desenvolvida pelo Professor Doutor Élio Cantalício Serpa, precisam ser destacadas.

*“O Catarinense de bombacha: Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina (1959-1997)”* se iniciou através da sistematização de alguns dados<sup>1</sup> referentes à expansão da cultura gaúcha em Santa Catarina, relacionada ao crescimento do número de CTG’s (Centros de Tradição Gaúcha) no Estado. O tradicionalismo gaúcho, ao ser abordado do ponto de vista da História Cultural, se mostrou como característico exemplo das inúmeras possibilidades de estudo que esta perspectiva oferece. Então, frente a isto, optei por uma exposição que a mim pareceu mais elucidativa e estimulante, faces que acredito, o trabalho acadêmico é ainda capaz de alcançar. Ao analisar a ocorrência, no estado, de um movimento como o tradicionalismo gaúcho, tentei partir de uma condição plural, ou seja, me permitir entender tal fenômeno aceitando a idéia de que a realidade com a qual trabalhava era

---

<sup>1</sup> Dados estes levantados em documentação própria do movimento, em literatura especializada e também na observação mais atenta.

bastante complexa. E foi nesta perspectiva plural que a diversidade cultural catarinense foi pensada e é assim, espero, que ela se mostra nesta pesquisa.

O inegável crescimento do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina provocou a instalação de CTG's em todas as regiões do estado. Nestas regiões se encontram CTG's bem estruturados e com freqüentadores assíduos. Contudo, tal configuração se mostra mais visível a partir da década de 1980, quando o tradicionalismo se expande de modo rápido e com relativa organização. Mas, a implantação do gauchismo no estado é anterior a esse crescimento. Por isso, de modo a melhor historicizar tal processo, este trabalho foi delimitado temporalmente entre 1959 (data de fundação do primeiro CTG em Santa Catarina, na cidade de São Miguel do Oeste) e 1997 (data da minha entrada no Programa de Pós-Graduação).

Apesar de se constituir num fenômeno sócio cultural de presença relevante no estado, o estudo do tradicionalismo gaúcho foi tratado, ao menos até 1998<sup>2</sup>, de um modo, no mínimo, descuidado. É o que se pode verificar, por exemplo, em boa parte da produção intelectual acerca do gauchismo em Santa Catarina neste período.

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore ao abordar o tradicionalismo no estado, procura situá-lo em um primeiro momento (1949 até 1975) dentro do Folclore Nacional, restringindo-o ao Rio Grande do Sul, e desta forma fazendo-o aparentar certa distância deste com a cultura catarinense. Este período aliás, coincide com alguns momentos da história catarinense — ao menos de uma história que naquele momento se tenta mostrar como a mais importante, ou até mesmo verdadeira — que podem ser bastante elucidativos à resistência que o tradicionalismo gaúcho sofreu em Santa Catarina. Maria Bernadete Ramos Flores lembra que em 1948 se realizou em Florianópolis o “Primeiro Congresso de História

---

<sup>2</sup> Dois instigantes trabalhos foram concluídos em dezembro de 1998, tratando, entre outros temas, da expansão tradicionalista gaúcha em Santa Catarina. Um deles consiste em Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC, por Jakzam Kaiser. Outro se compõe em Tese de Doutorado, apresentado ao Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo (USP),

Catarinense” comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana, que teve por objetivo “resgatar o importantíssimo papel açoriano na colonização de Santa Catarina,” sendo necessário assim identificar “os perigos que estariam colocando em risco a cultura açoriana”<sup>3</sup> ou de outra forma, desqualificá-los, o que parece ter acontecido com o tradicionalismo gaúcho.

Num outro momento, em relação a segunda etapa da expansão tradicionalista (1975-1985), o já referido Boletim da Comissão Catarinense de Folclore — que além do diminuto espaço destinado ao estudo do tradicionalismo gaúcho, também produz poucos estudos de manifestações culturais características de italianos, alemães, africanos, e seus descendentes — procura descrever o movimento como fenômeno restrito a região do Planalto Serrano, ou ainda de regiões onde as práticas campeiras se fazem dominantes, quando já era evidente a presença do gauchismo em áreas onde estas referências não se faziam presentes.

Em uma terceira e última perspectiva (1985-1992) os referidos cadernos simplesmente silenciam-se frente a expansão do movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina, curiosamente quando este já indicava um forte crescimento, a partir de 1985. Mais ainda, nos Cadernos da Cultura Catarinense (preparados no interior da Fundação Catarinense de Cultura, órgão vinculado ao governo do estado), a exemplo do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, o tradicionalismo é mostrado como algo exclusivo a “região serrana ou campeira”<sup>4</sup>. Washington Luiz Mignoni<sup>5</sup> tenta discutir a implantação de CTG’s no litoral catarinense. Entretanto o trabalho possui caráter elementar, se mostrando inadequado a uma

---

por Luiz Felipe Falcão. O fato de ambos constituírem em trabalhos de produção muito recente, não possibilitou suas inclusões nesta revisão historiográfica.

<sup>3</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A farra do boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis, UFSC, 1997. p. 113-5.

<sup>4</sup> SOUZA, Silveira. Centros de tradição gaúcha do folclore catarinense. In: Cadernos da Cultura Catarinense. Florianópolis: IOESC, n. 2, ano I. p. 5-6

<sup>5</sup> MIGNONI, Washington Luis. **CTG Os Praianos: sua atuação no litoral catarinense**. Fpolis: UFSC, 1995. TCC.

reflexão mais complexa do tema. Doralécio Soares<sup>6</sup> mostra os CTG's como uma espécie de clube ou entidade cujo objeto primeiro seria a promoção de desfiles de cavalos ou rodeios crioulos, ou ainda como movimento ligado estritamente a proprietários de fazendas (estancieiros).

Assim, na tentativa de alcançar um entendimento mais elaborado acerca do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina, procurei dividir este texto em quatro partes, relacionais e complementares: *Introdução*, *O gaúcho e o estado de espírito*, *O espírito no Estado*, e por último, *O espírito na rede*.

No primeiro capítulo: *O gaúcho e seu estado de espírito*, será discutida a construção histórica sofrida pelo termo *gaúcho* num período compreendido entre 1850 e 1940, com destaque ao Rio Grande do Sul, onde um errante miserável é transformado em símbolo de honra e lealdade, acabando por representar, de modo genérico, os habitantes daquele Estado. Durante o transcorrer da pesquisa, se mostrou necessário deixar evidente de qual gaúcho estamos falando. Assim, uma vez tendo se convertido em estado de espírito, e extrapolado quaisquer referências territoriais, o gaúcho, antes um aventureiro errante, alcança um status gentílico, passando a dar nome a todos os habitantes do Rio Grande do Sul. Contudo, o capítulo não se preocupa em estudar o aspecto gentílico que o gaúcho alcançou naquele estado, mas sim em analisar o sentido e a importância que, para algumas pessoas, o estado de espírito representa, independente do local onde tenham nascido. Desta forma, a discussão do sentido que hoje o gaúcho alcança, se estendeu até Santa Catarina, onde de modo rápido, é discutido a diversidade cultural catarinense, bem como a identidade do estado (ou a

---

<sup>6</sup> SOARES, Doralécio. *Folclore brasileiro: Santa Catarina*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979, 84 páginas

falta dela), concebidas como configurações complexas, e como tais, “híbridas”<sup>7</sup>, relacionando tais temas com estado de espírito do gaúcho.

*O espírito no estado* tenta historicizar a expansão do estado de espírito do gaúcho que o encarna, discutindo sua instrumentalização realizada pelo movimento tradicionalista gaúcho. Iniciado no Rio Grande do Sul, este movimento em cinquenta anos de existência — tendo como referência a fundação do primeiro CTG na cidade de Porto Alegre, em 1948 — cresceu muito, e se faz presente hoje em vinte estados brasileiros e em cidades como Miami e Tóquio. Santa Catarina, espaço privilegiado por esta dissertação, se mostrou desde cedo (1959) bastante permeável a expansão tradicionalista. Este capítulo aborda alguns aspectos da permeabilidade e também da resistência à penetração tradicionalista no estado. Nele se encontra uma gama razoável de informações, levantadas através de todo o período em que a pesquisa foi desenvolvida. Estes dados possibilitam um delineamento melhor da expansão do gauchismo em Santa Catarina, em seus diferentes momentos.

Por último *O espírito na rede* aborda a expansão tradicionalista privilegiando as práticas e representações desenvolvidas por ele em sua expansão, contribuindo para uma visualização melhor da percepção do social que este movimento demonstra ter, nas diferentes regiões do estado onde ele se faz presente. Nele se pode alcançar um entendimento melhor das motivações que levam catarinenses — das mais variadas camadas sociais e das mais diferentes regiões — a fundar e freqüentar um Centro de Tradição Gaúcha, colaborando, desta forma, para a expansão do gauchismo no estado. Entre estas motivações se destacam: a possibilidade de se manter a família unida em torno dos eventos tradicionalistas, a valorização de um ambiente rústico onde a amizade e o respeito se fazem presentes, um lugar onde referências culturais se sentem ameaçadas por um mundo extra-tradicionalismo que as tenta destruir (ou enfraquecê-las), ou ainda, momentos de lazer e

---

<sup>7</sup> Esta situação híbrida será discutida no referido capítulo. Os demais capítulos partem desta perspectiva.

aventura que as atividades dos CTG's proporcionam. Assim, as afinidades e interpenetrações de interesses que colaboram para o crescimento do tradicionalismo no estado, serão abordadas neste capítulo, que também cuida das relações estabelecidas pelo movimento no meio ou na rede social onde ele se insere. Porém, neste momento, não se trata de detalhar ou problematizar a instigante abordagem de redes sociais, como outros trabalhos com propriedade já o fizeram<sup>8</sup>. Ele busca apresentar algumas características do tradicionalismo gaúcho no estado que, de alguma forma, acabam por estabelecer vínculos estreitos entre os diferentes CTG's nas diferentes regiões onde estes se instalam. Neste sentido, a fluidez entre o público e o privado vivida no tradicionalismo é aqui ensaiada, privilegiando a face política, que um movimento cultural acaba indicando possuir. Além disso, é mostrada também a relação do gauchismo com outras entidades como Lyons Clube ou Câmara Júnior, e ainda, o envolvimento do tradicionalismo gaúcho com ações beneficentes no estado.

As reflexões levantadas neste trabalho, embora me pareçam interessantes, se caracterizam como estímulos iniciais a outras discussões acerca de tão relevante tema, na atual configuração sócio-cultural que o Brasil, e particularmente Santa Catarina, enfrentam. Todavia, ainda que se mostre como um ensaio incipiente e como tal, sujeito a alterações e complementos, acredito que ele colabora para o alcance de respostas mais elaboradas acerca da compreensão da presença do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina e de sua rápida e eficiente expansão.

---

complexa como referência à diversidade cultural do estado.

<sup>8</sup> Como por exemplo a Dissertação de: **MAY, Patrícia Zumblick Santos. Redes político-empresariais de Santa Catarina (1961-1970)**. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado. Mesmo porque, um trabalho deste porte, em relação ao tradicionalismo gaúcho, necessitaria de estudos de casos que não foram possíveis de serem realizados nesta pesquisa.

“Existem momentos onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir.”

(Michel Foucault)

“Muitos não terão ouvido jamais a palavra gaúcho, ou terão ouvido como injúria. (...) Eram sofridos, castos e pobres. A hospitalidade foi sua festa. Morriam e matavam com inocência (...)”

(Jorge Luiz Borges)

Palavras não são más, palavras não são quentes, palavras são iguais, sendo diferentes.”

(Titãs)

## CAPÍTULO I:

### O GAÚCHO E SEU ESTADO DE ESPÍRITO:

Em matéria recente, duas páginas de uma revista de circulação nacional noticia o seguinte:

“(...) o agricultor Darci Nunes de Macedo, 36 anos, calçou suas lustrosas botas de couro preto, vestiu calças largas à moda gaúcha e uma camisa branca. Para completar, amarrou um lenço branco no pescoço. Montou seu cavalo preferido e cavalgou 10 quilômetros até o Centro de Tradição Gaúcha Oswaldo Aranha, em Alegrete, a 464 quilômetros de Porto Alegre. Encontrou-se com os amigos para tomar chimarrão. Também bebeu cachaça e, mais tarde resolveu disputar uma corrida a cavalo. Perdeu.(...) Ao voltar para casa, pegou a sela de seu cavalo, prendeu o cabresto de couro em uma viga de madeira no telhado e fez um laço com uma circunferência do tamanho de sua cabeça. Não houve gritos nem bilhetes chorosos ou cartas rancorosas. Darci enforcou-se em silêncio. (...) a morte de Darci integrase a síndrome do suicídio campeiro e o fenômeno tem motivação cultural. Como o ambiente em que vivem é violento, os homens adquirem uma têmpera especial. Aprendem desde cedo que para sobreviver devem cultivar sua masculinidade. Os homens se acham viris, imbatíveis. Em uma palavra, gaúchos.(...) Darci, segundo seu cunhado, aparentava andar fraquejando com as moças(...). Quando a honra é ameaçada, vale o mesmo raciocínio. Depois de engravidar uma menor, o motorista Vilson Marzulo, 40 anos, deparou com o medo. (...). Sem conseguir desvencilhar-se do que considerava uma atentado a sua dignidade, Vilson acabou seguindo a tradição. Suicidou-se à sombra de uma paineira, enforcado com uma corda de nylon branca, usada para imobilizar as vacas leiteiras durante a ordenha. Seu pai diz que foi a maneira do filho salvar a honra.”<sup>9</sup>

<sup>9</sup> REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 03 de Junho de 1998. p.76-7

Este fragmento da reportagem, para além da reflexão do crescimento do número de suicídios no Rio Grande do Sul<sup>10</sup>, possibilita, em análise mais apurada, identificar uma série de elementos que constituem uma complexa teia de sentidos, uma consistente economia simbólica. A vestimenta do agricultor, seu fracasso na corrida a cavalo e com as mulheres, o chimarrão e a cacchiaça, o comprometimento da honra do motorista — elementos detalhados pelo repórter — dão a tônica da matéria. Completam e identificam aqueles suicidas descritos: são gaúchos. Homens de têmpera especial, e dos quais se espera atitudes, ações e sentimentos que lhes sejam próprios.

Em outro momento, Affonso Alberto Ribeiro Neto, mais conhecido por Al Neto, jornalista aposentado pela BBC de Londres, nascido e residente em Lages (SC), e uma das principais referências do gauchismo no Brasil, reforça este modo de ser gaúcho:

Eu nunca ‘**embarco**’ num automóvel; eu ‘**monto**’ no meu carro ou ‘**apeio**’ dele. É assim que eu falo, é assim que eu sou. Cultivar as origens é sinal de inteligência. E não me refiro a mim, mas a todos nós que nos apoiamos no passado para promover o presente e o futuro”<sup>11</sup>.

As atribuições expostas nestas duas citações colocadas como próprias do gaúcho, quase naturalizadas, e ainda que não exclusivas, contribuem hoje, de modo contundente, para a configuração social de um grupo, uma coletividade denominada gaúcha. Lealdade, honra, respeito, disciplina, família, ou ainda, emblemas, insígnias, bandeiras, indumentárias — aquilo que Pierre Bourdieu<sup>12</sup> chama de representações mentais e objetais — são atributos geralmente presentes em alusões realizadas à vivência gaúcha. Entretanto, são necessárias aqui outras inferências, novas atribuições. De quem se fala? Que gaúcho é este, ao qual se

<sup>10</sup> O tema tem sido estudado, entre outros pesquisadores, pela antropóloga Ondina Fachel Leal, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

<sup>11</sup> JORNAL BUENAS CHÊ. Blumenau: Buenas Chê, Agosto/Setembro de 1997, p. 3. O grifo é meu.

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.



referem hoje, intelectuais, tradicionalistas, literatos, políticos e diversos outros grupos sociais? gaúcho é o sul-rio-grandense?

Ao estudarmos a constituição do termo ou categoria gaúcho, diria até, ao estudarmos sua instituição, tentaremos realizar não uma busca incansável pela origem, mas opormos de modo incontestado à sua solenidade, privilegiando “a pequenez meticulosa e inconfessável das fabricações e invenções”<sup>13</sup>. Sendo assim, tentaremos delimitar, as descontinuidades ocorridas no processo de invenção e criação cultural do termo gaúcho, mesmo tendo em vista que “não é fácil estabelecer o estatuto das descontinuidades para a história em geral (...) bem como o fato de que em alguns anos, por vezes, uma cultura deixa de pensar como fizera até então e se põe a pensar outra coisa e de outro modo”<sup>14</sup>. Assim, o sentido com o qual se mostra hoje o gaúcho, instituído de bravura, valentia, coragem, honradez, carece de historicização. Nem sempre esta versão elogiosa, encomiástica, se fez presente. Em realidade, em sentido inverso, existiu em período bem datado como tentaremos mostrar, uma tecnologia eficaz, que forneceu à categoria gaúcho o status que hoje reconhecidamente ele ocupa.

A invenção da sociedade gaúcha, como nos mostra a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, está relacionada a existência de um tipo social específico, o gaúcho. “É por todos sabido que existe um estereótipo sobre o Rio Grande do Sul, sobre os gaúchos (...)”<sup>15</sup>. Para a autora, isto verifica-se nos personagens-símbolos (o gaúcho por exemplo) e ritos, e nas crenças, práticas sociais e manifestações artísticas pretensamente vivenciadas pelos habitantes do Rio Grande do Sul. Limitando-nos, ao menos por enquanto, a este tipo social específico que é o gaúcho, parece então interessante pensarmos sua construção histórica.

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996. p. 16.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 65.

<sup>15</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha, in: *Ensaio FEE (14) 2*, Porto Alegre, 1993.

Utilizado de modo bastante genérico e quase sempre para designar aquelas pessoas nascidas no Rio Grande do Sul, a categoria gaúcho sofreu uma série de invenções ao longo dos dois últimos séculos. Possui hoje uma razoável carga de conceitos e valores simbólicos — com uma iconografia proeminente, onde destaca-se a indumentária, o apego a práticas campeiras e ao cavalo, o sotaque, o chimarrão, a valentia, a coragem, entre outras atribuições — de modo algum vazios de significados, mas sim cheio de possibilidades de significações.

A complexa economia simbólica e discursiva na qual se insere o gaúcho, começa a desenhar-se a partir de 1850 no Rio Grande do Sul. Mesmo frente a irrefutável diversidade cultural presente naquele estado, ele quase sempre é representado (ou se representa) através da figura do gaúcho. Entendido hoje como aquele que, independentemente do local de nascimento e moradia, se interessa pela preservação, divulgação e vivência da cultura do homem ligado a práticas campeiras, desenvolvidas primordialmente na região onde foi se definindo a fronteira<sup>16</sup> sul dos domínios portugueses e espanhóis na América, o gaúcho não teve sempre a face encomiástica, bravia e elogiosa, tampouco tinha a propriedade de identificar ou representar um número expressivo de pessoas, ou até mesmo numa versão mais elaborada e expansiva, um “estado de espírito”<sup>17</sup>. Um “estado de espírito” preñado de historicidade.

---

<sup>16</sup> Sobre o caráter fronteiro do Rio Grande do Sul e as atribuições a ele ligadas ver: NEVES, Gervásio Rodrigo. **Fronteira Gaúcha (fronteira do Brasil com o Uruguai)**. Belo Horizonte: UFMG, 1976. Dissertação de Mestrado. Uma análise elaborada do ponto de vista da antropologia social pode ser encontrada em : FONSECA, Claudia (org.) . **Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1983. Ou ainda em OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

<sup>17</sup> São inúmeras as referências onde este propagado estado de espírito aparece. Como por exemplo, a citação feita por Moacir Claudio Conrad, 42 anos, em entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão, na cidade de São José (SC), em 06/12/95: “Tu identificas um gaúcho de longe. Gaúcho é um estado de espírito. Sou gaúcho de Florianópolis”. Ou ainda em jornais que veiculam esta idéia, como o Buenas Chê, da cidade de Blumenau (SC), onde se lê: “Ser gaúcho é um estado de espírito, não se nasce gaúcho, torna-se gaúcho”. JORNAL BUENAS CHÊ. Blumenau: Buenas Chê, Abril de 1996, p. 12.

Jacob Momm Filho, advogado e fazendeiro, 60 anos, nascido em Petrolândia (SC), atualmente morador da cidade de São José (SC) e um pensador do que é ser gaúcho, bem como da sua versão social, ou seja, o gauchismo, afirma:

“A origem do gaúcho é muito discutida: uns querem que seja argentina, outros chilena, espanhola, até mesmo árabe ou do Rio Grande do Sul. Na verdade, não tem como dizer de onde veio. Sabemos sim que é uma mescla do índio, do negro e do branco, tendo uma coisa que o identifica muito, que é a própria síntese do gaúcho, que é o mate chimarrão.”<sup>18</sup>

Neste sentido, a primeira referência feita ao gaúcho<sup>19</sup> pode ser identificada ainda no século XVIII. Em 1820 um grupo de pessoas tidas como aventureiros, miseráveis caçadores, homens sem pátria, e que não conheciam leis senão aquelas forjadas por eles — como o direito de andar livres pelos pampas<sup>20</sup> em busca de alimentos — constituem então, cerca de 10% da população<sup>21</sup> sul-rio-grandense. Os gaúchos eram em realidade, os habitantes do pampa úmido, descendentes de aventureiros europeus e índios da Região da Campanha, desprovidos de terra, pobres, miseráveis mesmo. “Moravam na sua camisa, embaixo do seu chapéu”<sup>22</sup>. Eram assim mostrados:

“[...] uma classe de gente mui propriamente chamados gaúchos ou gaudérios [...] sua nudez, suas barbas crescidas, seu cabelo sempre despenteado, sua sujeira e brutalidade de sua aparência, os tornam horríveis de ver. Por nenhum motivo ou interesse querem eles trabalhar para alguém, e além de serem ladrões, também raptam mulheres. A

<sup>18</sup> Depoimento concedido a mim e a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis, no dia 3 de outubro de 1995.

<sup>19</sup> Augusto Meyer indica que o termo gaudério “aparece nos documentos de uma e outra banda (Brasil e Argentina) a partir de 1770”. Já o gaúcho, o autor mostra como “primeira referência feita em Língua Portuguesa a citação de José Saldanha em 1787 no *Diário Resumido*, numa alusão aos coureadores”, Apud MEYER, Augusto. **Gaúcho: História de uma palavra**. Porto Alegre: IEL, 1957. O **Diccionario Espanõl e Hispânico** de Vicente Garcia de Diego em sua segunda edição (Madrid: 1985) não traz qualquer referência ao “gaúcho” ou a “gaudério”. O **Diccionario de Americanismos** de Marcos A. Morínigo (Barcelona : Muchnik, 1985) mostra que a primeira menção documental ao “gaúcho” aparece em 1771, no atual território da República Argentina, numa comunicação do Comandante Maldonado, enquanto que “gaudério” aparece em 1746, na mesma região.

<sup>20</sup> Nome dado às extensas planícies da campanha gaúcha, da Argentina e Uruguai, cujas pastagens são ideais para a criação do gado. Ver OLIVEN, Ruben George. O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental: o tradicionalismo gaúcho. *In*: Caderno de antropologia do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

<sup>21</sup> GOLIN, Tau. **Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca**. Porto Alegre: tchê!. 1989. p. 38.

<sup>22</sup> MEYER, Augusto. Op. Cit. p. 18.

essas levam para os matos e vivem com elas em choças, abatendo gado bravo para o seu sustento.”<sup>23</sup>

Este grupo de homens, acostumados a lide campeira, ao trato com o cavalo, exímios laçadores de gado, mas de caráter pouco apreciado, eram alvo constante do recrutamento organizado por parte das tropas oficiais em campanhas contra indígenas, ou ainda, de grandes proprietários de terras, os estancieiros<sup>24</sup>. Eram vistos como ladrões, uma vez que em sua luta pela sobrevivência, e não (re)conhecendo cercas, estes gaúchos roubavam o gado das estâncias. Assim, a partir de 1850, esses gaúchos despertam a atenção de outros segmentos sociais sul-rio-grandenses, tais como aqueles formados por estancieiros, políticos, intelectuais e outros atores sociais. As estâncias começavam a implantar-se com maior frequência e organização, e aquele errante e aventureiro, o gaúcho, caminhava para o desaparecimento, cercado pelos limites das cercas estancieiras. Quando ainda se fazia presente, acabava sendo absorvido pelos estancieiros, que utilizando-se dele para além do sentido prático — mão de obra, especializada e quase escrava<sup>25</sup> — começava a ver nele a possibilidade de transformar indivíduos humanos em sujeitos do viver da estância<sup>26</sup>.

Desta forma, em 1860, aqueles que eram errantes, desviados, bandidos, encontravam-se, então, praticamente desaparecidos. A experiência rústica de vida do gaúcho aventureiro caminhava para a extinção, o gado se encontrava, agora, confinado nos limites

---

<sup>23</sup> Declaração feita pelo viajante espanhol Felix de Azara em 1780. Ver: GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: Primeiras contribuições da literatura, in DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 117.

<sup>24</sup> Para o Cientista Político José Antônio Giusti Tavares, “a sociedade rio-grandense fundou-se, deste modo, sobre o trânsito da expropriação predatória do gado e logo da terra, precária e instável, para a estabilidade e a respeitabilidade da estância” Ver: TAVARES, José Antônio Giusti. O regionalismo rio-grandense no Brasil: autonomia ou participação?. In : GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luis Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. V. I Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 29

<sup>25</sup> As condições de trabalho e o trato dispensados aos gaúchos integrados às estâncias eram desprezíveis. Para isto ver, entre outros: FLORES, Moacyr. **Negros e índios: História e Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

<sup>26</sup> Segundo o historiador César Guazelli, nesta situação, aquelas pessoas que não comprovassem a propriedade da terra onde viviam, passaram a ser consideradas foras-da-lei. O gaúcho, tão exaltado pelo ideais libertários, “torna-se peão, dependendo de um patrão para não ser alvo de punições”. Ver: GUAZELLI, César. O caudilhismo. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luis Augusto (orgs.). Op. Cit. p. 154.

das estâncias, onde o gaúcho era o peão, e, quanto mais afastado ou distante se tornava a possibilidade de viver caçando gado bravo nos campos, maior potencial simbólico ele poderia adquirir<sup>27</sup>. Neste sentido, do gaúcho se aproveitavam traços que eram bastante aprazíveis aos demais segmentos sociais (estancieiros, intelectuais e políticos), tais como a valentia e coragem, e inventar outros, como nobreza e fidelidade.

Num processo de inovação cultural bastante eficiente, o gaúcho, aquele mesmo que fora combatido por ser um errante, um desajustado imundo, seria o elemento indivíduo em torno do qual os sul-rio-grandenses passariam a construir (senão forjar) sua identidade. Este processo de inovação se inicia de maneira muito bem delimitada, empreendido por intelectuais (que insistiam em vincular-se aos estancieiros) e políticos, que se apropriando de elementos presentes nas zonas de campanha (produzidos por segmentos bastante populares, que viviam o dia a dia das lides campeiras), tentavam nuançar os contornos de uma identidade sul-rio-grandense.

Sendo assim, aproveitando o momento oportuno, é criado por um grupo de intelectuais e literatos em 1868, na cidade de Porto Alegre, o Partenon Literário, com o objetivo de promover encontros e atividades que dinamizassem a vida cultural da cidade e mesmo do estado<sup>28</sup>. A entidade, então, se inspira nos modelos de produção literária vigentes no continente europeu, sem contudo romper com os padrões culturais presentes entre as oligarquias sul-rio-grandenses, em especial os grandes proprietários de terra e gado (estancieiros), exaltando temas relacionados com o regionalismo local. Fundado pelo abolicionista e republicano Apolinário Porto Alegre, a formação do Partenon Literário, conforme mostra o antropólogo Ruben Oliven, se deu por “pessoas de origens modestas, não

---

<sup>27</sup> Segundo Eric Hobsbawm, “os objetos e as práticas só são liberados para uma plena utilização simbólica e ritual quando se libertam do uso prático”. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 12.

<sup>28</sup> A primeira iniciativa de formação organizacional de uma sociedade gaúcha, em realidade nasce no Rio de Janeiro, em 1858, realizada por um grupo de sul-rio-grandenses, e que está em atividade até hoje. Ver:

detentoras de terras ou capital e que encontram na atividade intelectual uma forma de ascensão e inserção no quadro do poder. (...) À semelhança do exército e da política, a atividade intelectual seria uma das poucas formas de ascensão social destas camadas despossuídas”<sup>29</sup>. Lembra ainda o historiador Guilhermino César, que a iniciativa de criação de tal sociedade, “coube a um grupo de jovens e representou o primeiro esforço bem sucedido para agremiar homens de inteligência, e (...) através de seus primeiros cultores a nova corrente se deixou atrair, acima de tudo, pelo passado gaúcho, procurando reviver o guasca largado, o homem livre dos primeiros tempos, os rebeldes de 1835”<sup>30</sup>. E para deixar claro a importância do Partenon Literário no inicial processo de idealização do gaúcho, Paixão Côrtes, um ativo pensador do gauchismo, completa: “não podemos olvidar, outrossim, o papel desenvolvido pelo Partenon Literário que, a partir de 1868, em plena agitação da Guerra do Paraguai, desenvolveu um trabalho que lançaria, praticamente, as bases iniciais do regionalismo gaúcho, através de jovens letrados — escritores, poetas, historiadores, teatrólogos na casa dos vinte anos de idade (que se consagrariam no cenário literário rio-grandense) e que na época, transmitiam idéias liberais, abolicionistas, nativistas, através de conferências, cursos, palestras, textos teatrais e revistas poéticas”<sup>31</sup>.

Ao Partenon seguiram-se outras publicações literárias<sup>32</sup> que continuaram a celebrar um herói capaz de encarnar qualidades como a índole guerreira, a nobreza de

---

LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989. P.22.

<sup>29</sup> OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. Petrópolis, Vozes, 1992. p. 72. O autor ainda lembra que esta formação social de intelectuais repetir-se em outras associações de cultura gaúcha, como o Grêmio Gaúcho Porto Alegre, de 1898. Para isto ver capítulo 2 deste trabalho.

<sup>30</sup> LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre: LP&M, 1985. p. 33.

<sup>31</sup> CÔRTEZ, J.C. **Origem da semana Farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: Ed. Própria, 1994. p. 22. A relação ou “coincidência” da criação do Paternon “em plena guerra do Paraguai” se estabelece numa conjuntura bem marcada. Havia a necessidade de aumentar, ou manter, o efetivo militar na Guerra, e quaisquer atividades que viessem a colaborar com isto, como celebrar, por exemplo, um herói valente e destemido, seriam bem recebidas. Este tipo de convergência se repetirá em outros conflitos, que são abordados mais adiante.

<sup>32</sup> *O vaqueano (1870)*, de Apolinário Porto Alegre, celebra um herói de índole guerreira e nobreza de sentimentos. Destaca-se ainda o poema *El Gaúcho Martin Fierro (1872)*, do argentino José Hernandez, que enaltece a já então desaparecida figura do gaúcho errante. Numa perspectiva regional, José de Alencar, em 1870

sentimentos e a habilidade nos tratos campeiros, apontando tais qualidades como representativas de todos os grupos sociais, de proprietários de terra aos peões, pois as condições de vida e trabalho destes estariam fundamentadas numa certa igualdade<sup>33</sup>. Então, esta idealização de uma suposta democracia social<sup>34</sup> existente nos pampas, contribuía para a formação de referenciais daquilo que será mais tarde (1948) desenvolvido no imaginário do gauchismo<sup>35</sup>.

Entre os indícios que podem tornar mais transparentes as relações sociais, gostaríamos de destacar os elementos referenciais como índole guerreira, lealdade e nobreza de sentimentos; pensando-os como estigmas capazes de gerar ou obstruir — conforme a perícia de quem deles se apropria e do reconhecimento de quem os recebe — grupos sociais que em determinada região introduzem descontinuidades — como a do gaúcho honesto e honrado — de maneira arbitrária e eficiente. Oportunamente utilizados por estancieiros e intelectuais e toda a incipiente esfera política sul-rio-grandense, os referenciais já vistos e ligados a eles outra gama de estigmas — tais como: a bombacha, bandeiras, o sotaque — contribuíram para um melhor investimento das representações, levando aqueles agentes sociais, embora distintos, ao êxito de sua empresa. Segundo Barbosa Lessa, um dos pioneiros

---

publica o romance *O Gaúcho* e embora descreva em detalhes os pampas, o autor coloca o gaúcho fora de sua realidade social, idealizando-o.

<sup>33</sup> Para o literato José Hildebrando Dacanal, a separação entre possuidores e despossuídos, no caso patrão e peão respectivamente, apresentara-se até certa época (aproximadamente até 1910), pouco nítida devido a ausência de diferenciação sociocultural entre latifundiários e peões, o que poderia ser apontados por alguns pensadores do gauchismo, com muita boa vontade, como uma sinalização de igualdade social. Ver: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). *Nós os gaúchos*. V. I. Porto Alegre: UFRGS, 1993. P. 82-3.

<sup>34</sup> Esta democracia social, cara por muito tempo à historiografia sul-rio-grandense, é pintada com todas as cores, pelo tradicionalismo gaúcho. Um exemplo desta suposta democracia pode ser encontrada em: VIANA, Oliveira. Os paulistas no extremo sul. *Origens pastoris da democracia rio-grandense*. in **Populações meridionais do Brasil. O campeador rio-grandense**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, onde se lê: (...) É essa tradição de igualdade entre patrões e servidores, essa interpenetração das duas classes rurais — e a baixa, a senhoril e a servil; fenômeno este que constitui, na sua substancialidade, o espírito da democracia rio-grandense”. p. 195-6.

<sup>35</sup> O Gauchismo aqui pensado como algo relacionado estreitamente ao Tradicionalismo Gaúcho. Ver Capítulo II desta Dissertação.

do gauchismo no Rio Grande do Sul, “iam se aglutinando, pouco a pouco, esparsas contribuições que, ao final, reforçariam a simbologia do nativismo gaúcho”<sup>36</sup>.

Sobrando do gaúcho errante somente as atribuições virtuosas, ele surge então como o elemento assimilador<sup>37</sup>, em torno do qual se poderia representar o Rio Grande do Sul. Sendo assim, o gaúcho valente, honrado e leal, seria considerado um bom combatente, e como tal, pronto a atuar em Revoluções como a Federalista (1893-1895)<sup>38</sup> junto aos caudilhos adeptos do federalismo, ou mesmo antes, ainda na Revolução Farroupilha (1835-1845)<sup>39</sup>. Desta forma, em discursos federalistas, fica evidente a apropriação, por parte destes, da nova representação que o gaúcho alcançava:

Às armas, patrícios, valentes gaúchos,  
Filhos da terra dos contos guerreiros!  
Depressa, a cavallo, dispostos á lucta,  
Nas azas voando de ardentes pampeiros!<sup>40</sup>

Interessante ainda seria perceber que o outro polo político, representado pelos adeptos do Partido Republicano Rio-Grandense, que dominaria a política do Rio Grande do Sul ao longo da Primeira República, se apropriando da figura do gaúcho, colocaria em prática seu projeto positivista do “conservar melhorando”. Tal projeto consistia em “implantar a

<sup>36</sup> LESSA, Barbosa. Op. Cit. p. 35. Pierre Bourdieu mostra que “as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) são lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima do mundo social e por este meio, de fazer e de desfazer grupos.” Op. Cit. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p.112.

<sup>37</sup> Assimilação aqui entendida como próxima ao sentido mostrado por Pierre Bourdieu, quando diz: “assimilação supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima”. BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. p.124.

<sup>38</sup> Para uma análise do processo que conduziu à Revolução Federalista e também do próprio conflito, ver: FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: UFRGS, 1988. Também POSSAMAI, Zita. **Revolução Federalista de 1893**. Porto Alegre: SMC, 1993.

<sup>39</sup> Ainda que alguns líderes, como Bento Gonçalves, não suportassem a idéia de serem comparados a gaúchos, estes formavam boa parte das forças farroupilhas. Sobre a revolução farroupilha e a maneira pela qual ela foi apropriada pela cultura regionalista do Rio Grande do Sul, ver respectivamente: PICCOLO, Helga I. L. **Considerações em torno do projeto de constituição da república Rio-Grandense**, in: Revista de História, número LII, São Paulo, 1974, p. 1189-1217 e LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1971. Para uma discussão elaborada a partir do movimento tradicionalista gaúcho, ver: CÔRTEZ, J.C. **Origem da semana Farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: Ed. Própria, 1994.

<sup>40</sup> *Lyra Patriótica*. A REFORMA. Porto Alegre. 21 de setembro de 1892.



homogeneização social como representante da verdadeira força social dirigida pela mesma comunhão de interesses e sentimentos”<sup>41</sup>, e tendo em vista a necessidade de grupos sociais supostamente com forte sentimento de disciplina e lealdade, os novos gaúchos se mostravam como uma opção tentadora e viável.

Também os intelectuais e literatos, estes através de seus discursos, continuavam a produzir estratégias e práticas, pautadas numa nova configuração, que o símbolo gaúcho engendrava. Neste momento, já no início deste século, se inicia uma intensa produção literária tematizando o gaúcho. Autores como Ramiro Fortes Barcelos (Amaro Juvenal), João Simões Lopes Neto, Alcides Maia, entre outros, se baseando na cultura da campanha sul-riograndense (apropriada por eles), elaboram poesias e contos que encontram, apesar das diferenças existentes entre suas respectivas obras, uma grande recepção a nível local e mesmo um reconhecimento no restante do país, principalmente a partir da década de 1920<sup>42</sup>, quando os conflitos políticos e sociais mostravam mais explícitos (a exemplo daqueles ocorridos em 1923, 1924 e 1926, quando também são fundados novos partidos: Federalista Socialista, Anarquista, Comunista e o Libertador<sup>43</sup>), e o discurso regionalista ganhava força. E Mesmo que em determinados momentos estas produções literárias estivessem vinculadas a uma idéia de um regionalismo renovado, embora não modernista, como foi o caso de Simões Lopes

---

<sup>41</sup> ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: História e Mitificação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 51. Ainda sobre o Partido Republicano Rio-Grandense e suas concepções programáticas, ver: BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.p.273-307.

<sup>42</sup> Entre outras obras destacamos: “*Contos gauchescos*” de João Simões Lopes Neto publicado em 1910 e “*Tapera*” de Alcides Maya publicado em 1911 e onde estão manifestas as recordações saudosas de um Rio Grande centrado nas vastas extensões de terra da zona da campanha. Ramiro Barcelos (Amaro Juvenal) critica seus ex-correligionários positivistas com o poema “*Antônio Chimango (poemeta Campestre)*” publicado em 1915. Darcy Azambuja em 1925 edita “*No galpão*” com o qual ganha o primeiro prêmio de contos da Academia Brasileira de Letras deste mesmo ano. Para uma breve e consistente análise do regionalismo na literatura brasileira, ver BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984,p.207 e seguintes. Uma discussão mais aprofundada da produção literária do caráter regionalista do RS pode ser encontrada em LEITE, Lígia C. Moraes. **Regionalismo e Modernismo**. São Paulo: Ática, 1978.

<sup>43</sup> ALBECHE, Daysi Lange. Op. Cit. p.79.

Neto, elas não ousaram romper com laços que as ligavam aos segmentos sociais mais privilegiados, as chamadas elites rio-grandenses<sup>44</sup>.

Esta ligação de obras que se aproximam das elites, fornecendo uma nova configuração a elementos de uma cultura inicialmente vivida pelas camadas mais populares das zonas de campanha, pode se encontrada no próprio Simões Lopes Neto, que:

“Pôs-se a pesquisar o folclore, a sabedoria espontânea, e reuniu centenas de quadrinhas populares em seu *Cancioneiro Guasca* (1910). Depois, provocou a projeção da cultura cultivada, através das admiráveis páginas das *Lendas do Sul* (1913), dos *Contos Gauchescos* (1912) e dos esparsos *Casos do Romualdo* (1914).(...) Foi ao tempo em que Simões Lopes divulgava seus inspirados trabalhos que, no Rio de Janeiro, coincidentemente, os sul-rio-grandenses que por lá chegavam, passaram a ganhar o apelido, bem informal, de *gaúchos*. Integrante da colônia gaúcha na capital federal, o Dr. Severino de Sá Brito registrou, com simpatia, essa novidade: ‘De alguns tempos a esta parte os nossos amáveis patricios do Rio de Janeiro e outros estados, nas suas habituais gentilezas nos alcunham de gaúchos, exatamente por darem a essa palavra uma expressão de galhardia e elevação’ ”<sup>45</sup>

Então, não parece “coincidência” que a alcunha de gaúcho tenha conseguido alcançar um sentido altivo e nobre. Homero Milton Franco, jornalista e apresentador de programa nativista em rádio de Florianópolis, conhecido como Mano Terra, e um estudioso do ser gaúcho, de seu estado de espírito, ao discursar sobre a construção do termo gaúcho e dos homens que o cultivaram no século passado (e ainda hoje), afirma:

“O gaúcho aventureiro foi recrutado para ir lutar na guerra do Paraguai. Este cara mostrou seu valor e voltou de bombacha. Roupa de gente baixa e réles. A estância já existia e os estancieiros viam o gaúcho como um baixo. Em 1893 Gomercindo Saraiva e Aparício Saraiva ‘resgatam’ a bombacha (utilizada largamente na guerra do Paraguai), e passam a combater usando bombacha, inclusive chegaram e entraram governo de Santa Catarina pilchados. O estancieiro passa então a usar bombacha,

<sup>44</sup> Para isto ver o instigante trabalho de LEITE, Lígia C. Moraes. **Regionalismo e Modernismo: o caso gaúcho**. São Paulo: Ática, 1978. A autora analisa a peculiaridade que o Modernismo alcançou no Rio Grande do Sul, ao ser assimilado por um grupo de escritores que, embora jovens, estavam ainda presos a tradição regionalista, tentando mostrar as semelhanças existentes nos contos dos escritores: Clemenciano Barnasque, Roque Callage, João Maya, Alcides Maia e João Simões Lopes Neto, com a propaganda da Aliança Liberal e com as idéias da Revolução de 1930( inspiradas no mito do gaúcho-herói), e, que segundo ela, provocou o fracasso destes escritores no projeto de inserção no Modernismo brasileiro.

<sup>45</sup> LESSA, Luiz Carlos Barbosa. Op. Cit. p. 45-6. A datas das obras, no excerto, foram postas por mim.

que entre nos salões sociais. A dança gaúcha é de origem nobre, uma ou outras é de origem popular. A elite captou os valores ou ‘clichês’ e patenteou para si o movimento tradicionalista gaúcho. Se tivesse ficado com a origem simples, o gaúcho não teria conseguido se projetar e firmar como cultura.”<sup>46</sup>

Sendo assim, e voltando a literatura regionalista, ela ganha impulso no fim da década de 1920, na medida em que passa a mostrar o gaúcho como tipo representativo de todos os habitantes do Rio Grande do Sul, independente da diversidade cultural presente no estado<sup>47</sup>. Os conflitos<sup>48</sup> que separavam as elites dirigentes do estado (positivistas e liberais ou por alcunha conhecidos por chimangos e maragatos) tinham sido ao menos contornados. Então, se tornava mais plausível certa união entre camadas mais amplas da população e tais elites, o que poderia viabilizar o projeto político sul-rio-grandense de disputar um lugar de destaque na vida política nacional. Este deslocamento da figura simbólica do gaúcho propicia, à Aliança Liberal, a oportunidade de apelar para o mito do gaúcho, seja na Campanha de Getúlio Vargas para a presidência em 1930 ou durante a Revolução do mesmo ano, uma vez que o destino histórico dos gaúchos — o termo então, já usado para designar sul-rio-grandenses — seria realizar uma reabilitação brasileira<sup>49</sup>. Deste modo não causa surpresa que, “entre as tropas sul-rio-grandenses que contribuíram para o triunfo da revolução de 1930, havia muitos indivíduos que orgulhosamente ostentavam seus laços coloridos no pescoço, se

---

<sup>46</sup> Depoimento concedido a mim e a Luiz Felipe Falcão, na cidade de Florianópolis, em 19/12/1995. Em relação a ‘origem nobre’ da dança e estendendo a discussão para a música, reforçando a declaração de Homero Franco, Barbosa Lessa lembra que: “(...) através daqueles elementos de fácil assimilação visual e auditiva; (houve) (...) por exemplo, a transposição das músicas de piano do Club Comercial (para as elites) e do Clube Caixeral (destinado a classe média) para ‘chotes’, ‘polquinhas’, ‘vanera’, e ‘mazurkas’ das modestas gaitas-ponto. In: LESSA, Barbosa. Op. Cit. p. 38-9. No que diz respeito ao início mais efetivo do uso da bombacha, não existe uma indicação segura dele. Contudo, entre tantas versões a mais plausível parece ser que ela tenha chegado à América do sul na época da guerra do Paraguai (1864-1870), como sobra de uniforme militar utilizado na Guerra da Criméia(1854-1856), sendo então utilizada pelas tropas brasileiras, argentinas e uruguaias. Ver: FRANCO, Homero. **Raízes da América Gaúcha**. Florianópolis: Grupo de Arte e Cultura Ilha Xucra, 1993.p. 161-2. Quanto ao movimento tradicionalista gaúcho, ver discussão nos capítulos II e III.

<sup>47</sup> É extensa a literatura que discute a diversidade cultural no Rio Grande do Sul.. Ruben Oliven discute esta diversidade em : OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. Petrópolis, Vozes, 1992. Uma boa amostra pode ser encontrada também em: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luis Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. vol. I e II.

<sup>48</sup> Como por exemplo as Revoluções Farroupilha e Federalista ou ainda a crise política de 1923, 1924 e 1926, conforme visto anteriormente.

<sup>49</sup> É da época a expressão “Rio Grande em pé pelo Brasil”.

deixavam fotografar tomando chimarrão, ou mesmo não hesitavam em amarrar os seus cavalos em monumentos da Capital Federal”<sup>50</sup>.

E ainda que de modo adiantado — posto que será discutido no Cap. II deste trabalho — é necessário frisar a relação existente entre o sucesso deste processo de estabelecimento de uma cultura homogênea de forte sentido regional, com o início mais organizado de associações gaúchas, principalmente se consideramos que entre as pioneiras associações deste tipo, no Rio Grande do Sul, se encontram aquelas fundadas nas zonas de colonização alemã e italiana, áreas estas em que as tensões sócio-culturais se acaloram naquele momento, agravadas pela campanha de nacionalização implementada em 1938, que entre outras medidas determinava o fechamento de escolas onde o ensino não fosse ministrado em português, além da proibição do uso de línguas estrangeiras em locais públicos, e ainda pelo envolvimento do Brasil na Segunda guerra mundial junto as forças aliadas<sup>51</sup>. E ainda estendendo a discussão, parece pertinente destacar a face autoritária que uma perspectiva regional, como aquela iniciada no Rio Grande do Sul e aqui mostrada, promove, onde o “outro”, aquele que não compartilha das mesmas representações promovidas por esta perspectiva, é tolerado enquanto inserido num folclore, mostrado como pertencente a todos, mas que ao mesmo tempo cria grupos e estabelece diferenças, mostrando-as como incontornáveis, e por isso, de necessária exclusão. Não são apenas os projetos de uniformização nacional<sup>52</sup> que apresentam um potencial autoritário e excludente. A

---

<sup>50</sup> FALCÃO, Luís Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

<sup>51</sup> Ver: FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit. Sobre o envolvimento de alemães e descendente em conflitos no Rio Grande do Sul, especialmente a Revolução Federalista, Ver: RAMBO, Arthur Blásio e Félix, Loiva Otero. (orgs.). **A revolução Federalista e os teuto-brasileiros**. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: UFRGS, 1995. Em relação a campanha de nacionalização posta no Rio Grande do Sul, ver WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí, in MAUCH, Cláudia e VASCONCELOS, Naira (orgs.). **Os alemães no sul do Brasil (cultura, etnicidade, história)**. Canoas: ULBRA, 1994, p. 105 a 119. Ver no capítulo II deste trabalho, a discussão acerca do envolvimento de populações de alemães e italianos e seus descendentes, com o tradicionalismo gaúcho.

<sup>52</sup> Neste século, no Brasil, projetos de uniformização nacional, ou de construção de uma identidade brasileira ocorreram (e parecem vir ocorrendo) em bom número. São exemplos: as preocupações intelectuais das três primeiras décadas, representadas, entre outros, por Silvio Romero(1851-1914), Alberto Torres (1865-1917) e Oliveira Vianna (1883-1951), a campanha de nacionalização empreendida por Getúlio Vargas a partir de 1938,

perspectiva regional, pode, e por vezes se mostra capaz de encerrar estas mesmas propriedades.

Os critérios que definem uma região não surgem de classificações naturais. Uma fronteira por exemplo, nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento na realidade. Esta perspectiva regionalista iniciada no Rio Grande do Sul, e pautada na figura do gaúcho vencedor (o herói) e seus estigmas, é um evidente exemplo de atribuições fortes e consistentes à idéia de região. Segundo Pierre Bourdieu, de fato, se a região não existisse como espaço estigmatizado, como ‘província’ definida pela distância econômica em relação ao ‘centro’, quer dizer, pela privação do capital (material e simbólico) que a capital concentra, não teria que reivindicar a existência:

“É porque existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica que alguns dos que nela participam podem ser levados a lutar (e com probabilidades objetivas de sucesso e ganho) para alterarem a sua definição, para inverterem o sentido e o valor das características, e que a revolta contra a dominação em todos os seus aspectos — até mesmo econômicos — assume a forma de reivindicação regionalista.”<sup>53</sup>

A idéia de região está intrinsecamente ligada ao processo inicial de construção cultural e social do gaúcho (com certeza até 1930), promovido no Rio Grande do Sul. Mesmo que, em outra perspectiva, não exista uma associação direta — posto que o estado de espírito parece se afastar de uma idéia de região, a priori, que não aquela campeira — essa construção do ser gaúcho muitas vezes absorve e utiliza o discurso performativo<sup>54</sup> que a idéia de região possibilita. Isto tem colaborado, ainda, ao que tudo indica, para configurações

---

ou ainda, de mais recentemente, “o País do Futuro”, promovido pelos governos militares que sucederam-se entre 1964 e 1985.

<sup>53</sup> BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 126-7.

<sup>54</sup> Pierre Bourdieu lembra que o discurso regionalista é um discurso performativo, que visa impor como legítima uma nova definição de fronteiras (mesmo que simbólicas, como as que separam o gaúcho do não-gaúcho), e fazer conhecer e reconhecer a região assim delimitada contra a definição dominante e desconhecida enquanto tal

outras, que acabam por instituir não apenas a diferença, mas também a semelhança entre atores sociais diversos<sup>55</sup>.

Contudo, o sucesso de discurso regionalista, do gaúcho idealizado e representante de toda a população sul-rio-grandense, ocorreu não sem discordâncias. Estas podem ser encontradas na própria literatura. Em 1912, o escritor Arthur Toscano, nas páginas do *Almanaque do Rio Grande do Sul*, se manifesta no artigo de título “*Gaúcho, por quê?*”:

“Por que carga d’água chamam ao nosso Estado terra gaúcha, e aos rio-grandenses, gaúchos? Gaúcho, no sentido étnico, histórico, ou peculiar da palavra, é um tipo extinto.(...). Os membros dos clubes gaúchos que existem no Estado são todos homens da cidade, muito bem educados, vivem de profissões sedentárias, trajam, como toda a gente, á européia, comem à mesa, em pratos sobre toalha adamascada, e servem-se para essa delicada operação de todos os requintes e comodidades em voga. Não revivem, portanto, uma tradição, que nunca existiu, que é falsa, porque agora, como em todos os tempos e em todos os lugares do interior, só se dão às canseiras do campo os campeiros, os peões, homens rudes, que fizeram aprendizagem para tal fim. E mais. Em nenhuma reunião ou baile familiar ou de sociedade realizado no povoado mais modesto e perdido na mais remota paragem do Rio Grande do Sul — note bem — seria tolerada a presença ou a participação de um sujeito vestido à moda chamada gaúcha; e dado que a tolerassem por espírito de hospitalidade, esse sujeito não se permitiria a liberdade de ir para sala comer churrasco à unha e dente, ou de recitar, de botas sujas de lama ou de barba e cabelo hirsutos, qualquer dos mistifórios denominados modinhas gaúchas. Admitindo, entretanto, como genuinamente rio-grandenses, as trovas atoleimadas, a linguagem, os hábitos arcaicos e abalandonados, que por aí nos atribuem, não seria o caso de fazermos tudo para esquecê-los, ou para melhorá-los, na proporção do progresso e do desenvolvimento intelectual que por toda a parte se observa, em vez de formarmos associações para revivê-los e perpetuá-los?”<sup>56</sup>

---

(portanto, reconhecida e legítima) que a ignora. Ver: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 110.

<sup>55</sup> Embora de forma digressiva e extrapolando as margens deste trabalho, é bom salientar aqui que durante todo o desenvolvimento desta pesquisa foram inúmeras às vezes que pude observar uma autêntica confusão de sentimentos em pessoas que, embora não compartilhassem com outras o sentido do ser gaúcho, de seu estado de espírito, dos estigmas a ele associados, se mostravam solidárias a idéia de diferença, de não pertencimento a uma comunidade maior, como a brasileira por exemplo. Em relação ao Rio Grande do Sul, apesar da clara diferença entre gaúcho e o sul-rio-grandense, se pode identificar em diversos momentos e nas mais variadas camadas sociais um sentimento de pertencimento a uma comunidade menor (uma região) e distanciamento de uma comunidade maior. Como exemplo se pode citar: “O Rio Grande do Sul deve muito menos ao Brasil, que o Brasil a nós”, depoimento de um pecuarista in: OLIVEN, Ruben George. Op. Cit. p.63. Ou ainda em desdobramentos sociais mais complexos como o movimento “O Sul é o meu país”, desenvolvido a partir do Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, uma análise bastante elaborada do ponto de vista da História Social da Cultura, pode ser encontrada em: FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit.

<sup>56</sup> Op. Cit. *Apud*: LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre: LP&M, 1985. p. 46-7.

De modo diferente a Arthur Toscano, mas com a mesma idéia contrária ao processo de homogeneização embalado pelo gerenciamento dos bens simbólicos que se depositavam no gaúcho, Érico Veríssimo afirma:“(...) o comportamento humano é simbólico. Vivemos num universo de palavras. De palavras são feitos mitos e preconceitos.(...) os meus coestaduanos que depois da vitória da revolução de 1930, se tocaram para o Rio, fantasiados, e amarraram seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco – esses não eram gaúchos legítimos, mas paródias de opereta.”<sup>57</sup>

Utilizando o termo gaúcho — já assimilado por ele — Veríssimo, entretanto, se mostra resistente quanto à generalização ocorrida com os sul-rio-grandenses, quando pergunta-se: “afinal de contas, que é um gaúcho? Um sujeito branquíssimo e louro chamado Shultz? Aquele senhor corpulento e corado que atende ao nome de Caratenuto? Ou será aquele outro de apelido luso e cara indiática? Porque o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido cadinho racial do Brasil”<sup>58</sup>. É possível, então, verificar a presença de elementos que atuaram em direção a perceber diferenças, tomando cuidado com “generalizações e sentido de partilha”.<sup>59</sup>

Além disto, o cadinho cultural descrito por Érico Veríssimo, situado num campo de concorrências e competições, e, onde configurações intelectuais diversas construídas por diferentes grupos (como intelectuais, literatos, políticos); se mostra por demais complexo para ser caracterizado de modo definitivo. Essas configurações complexas formadas por significações que “impregnam, orientam e dirigem a vida de todos os indivíduos concretos

---

<sup>57</sup> VERÍSSIMO, Érico. Um romancista apresenta sua terra. in: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). Vol. II. *Nós os gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 242-43.

<sup>58</sup> VERÍSSIMO, Érico. op. cit.

<sup>59</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*. 11(5), 1991. São Paulo: USP, jan/abr. 1991.p.173-91.

que a constituem”<sup>60</sup>, nos impelem a uma análise mais elaborada do termo gaúcho, principalmente a partir da década de 1930.

Virtualmente inexistem estudos mais cuidadosos sobre o usos e atribuições postas no gaúcho, ao menos até 1948 (que será discutido no capítulo II), mesmo na literatura deste período, que já se apresenta muito mais dispersa e diversa. Desta forma, retomamos a discussão do sentido que hoje alcança o gaúcho, e, para isso, se torna relevante a noção de apropriação, entendendo-a como uma “história social dos usos e das interpretações referida a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem”<sup>61</sup>.

Para o antropólogo Ruben Oliven<sup>62</sup>, na construção social do gaúcho, especificamente o gaúcho brasileiro, há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja “existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra”. Contudo, segundo o Jornal Buenas Chê, da cidade de Blumenau (SC) “Não basta pensar que onde está o cavalo o gaúcho estará”<sup>63</sup>, afinal ser gaúcho é um “estado de espírito”. O engenheiro Luiz Fernando Arruda Paim, 35 anos, editor chefe do Jornal Buenas Chê, nascido em Lages (SC) e morador da cidade de Blumenau, diz que:

“A gente bate na mesma tecla que o gaúcho não é o nascido no Rio Grande do Sul. Hoje se pode falar que os gaúchos são aqueles que cuidam da mangueira e os ginetes, estes são gaúchos mesmo”<sup>64</sup>.

---

<sup>60</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *Encruzilhadas do labirinto II - Domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.230.

<sup>61</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa e Rio de Janeiro: DIFEL e Bertrand, 1990. p. 26.

<sup>62</sup> OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo*. Petrópolis, Vozes, 1992. p. 50.

<sup>63</sup> JORNAL BUENAS CHÊ. Blumenau: Buenas Chê, Novembro de 1995, p. 02.

<sup>64</sup> Entrevista concedida a mim na cidade de Blumenau, em 14/10/97



Neste momento, é evidente a forte preocupação em mostrar o gaúcho como algo desvinculado a uma idéia de região exclusiva, a um território a priori. Assim, existe uma ligação com a idéia de uma vida mais próxima daquela vivida num ambiente peculiar às estâncias, onde estariam os gaúchos autênticos<sup>65</sup>. Para o jornalista e apresentador Homero Milton Franco, o Mano Terra (já citado), que nasceu em Ijuí (RS) e que reside em Florianópolis (SC) há mais de 25 anos:

“O gaúcho não é o rio-grandense, suas raízes são bem mais profundas. O Rio Grande do Sul codificou a cultura gaúcha para o país. Tem o mérito de ter sido a vertente. Porém ser gaúcho é ter uma raiz campesina rural. O termo gaúcho deve ser retirado do Rio Grande do Sul, pois não é somente lá que existe gaúcho, talvez 60%, 70% da população daquele estado não seja gaúcha.”<sup>66</sup>

O sentido alcançado pelo termo gaúcho se encontra de tal forma elaborado que em muito extrapola quaisquer referências feitas a territorialidade<sup>67</sup>, ao menos, a uma territorialidade física original, durante muito tempo associada ao estado do Rio Grande do Sul, como vimos. É o que se pode observar na argumentação de Affonso Alberto Ribeiro Neto (Al Neto):

“Quando se fala aqui em gaúcho, o essencial é recordar que não se trata de um toponímico. É um termo que designa certo tipo humano, bem diferenciado dos demais por suas características étnicas, por seus costumes e por sua filosofia de vida”<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> O comunicador e pesquisador do gauchismo, Antônio Augusto Fagundes, critica as pessoas, e em especial os intelectuais “que vivem enterrando o gaúcho, com seu cavalo, sua tropa, os peões, ginetes, os domadores (...) essas pessoas continuam com o gordo rabo fncado nas macias poltronas de seus gabinetes, sem se dignarem viajar ao interior (...) onde o gaúcho sempre viveu e vive”. FAGUNDES, Antônio Augusto. E o gaúcho, morreu? In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luis Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. V. I Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 97-8. Como contraponto ver ainda DACANAL, José Hildebrando. Origem e função dos CTG's. In: **Nós os gaúchos**. V. I Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 81 e seguintes.

<sup>66</sup> Entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão na cidade de Florianópolis, em 19 de dezembro de 1995.

<sup>67</sup> Territorialidade entendida aqui como espaços de ocorrências da cultura. Uma perspectiva do ponto de vista das Ciências Sociais pode ser encontrado em: ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho d'água, 1996, que propõe o espaço “como um conjunto de planos atravessados por processos sociais diferenciados”. Ou ainda: CASTRO, Iná Elias de e GOMES, Paulo César da Costa (orgs.) **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. Do ponto de vista da antropologia, ver por exemplo: FONSECA, Claudia (org.) . Op. Cit.

<sup>68</sup> AL NETO (Affonso Alberto Ribeiro Neto) . **O Gaúcho** . Lages: ATGESC, sem data de edição, página 07.

Por outro lado, parece necessário considerarmos ainda, a relevância da inversão dos estigmas ligados a construção de processos culturais, entendendo o gaúcho como tal. Segundo Pierre Bourdieu, “o estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema”<sup>69</sup>. Isto pode ficar mais evidente, no caso específico dos estigmas ligados ao gaúcho, e nos quais ele parece fazer questão de se vincular, em declarações como a da antropóloga Maria Eunice de Souza Maciel, que diz: “o estigma foi assumido como uma resposta à estigmatização. A partir do uso da matriz (seja ela o gaúcho original, o homem do campo ou o mundo rural) justifica-se o uso de traços tais como a fanfarronice, o machismo e a rudeza, associando-os de negativos em positivos porque são do gaúcho. Assim inverte-se o sentido e ao mesmo tempo o valor dos traços estigmatizados<sup>70</sup>. Desta forma, para aqueles que buscam encarnar estes estigmas, os gaúchos, reivindicá-los e possuí-los é mesmo uma hábil estratégia.

O gaúcho que emerge destas estratégias e que parece torna-lo — já liberto de quaisquer vínculos territoriais que possam tirar-lhe a autenticidade — uma pessoa dotada de qualidades e ideais elevados, pode ser evidenciado na declaração de Moacir Claudio Conrad, professor de danças gaúchas e comerciante de artigos gauchescos, na cidade de São José:

“O gaúcho participa de uma raça superior. A sua a personalidade é de um homem desbravador de lugares inóspitos, que abre fronteira, ocupa espaços. Sem menosprezar outras culturas, mas é superior”<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. p.124

<sup>70</sup> MACIEL, Maria Eunice de Souza. Marcas. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. V. II. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Sobre esta positivação, a exemplo, segue citação do jornal Buenas Chê, da cidade de Blumenau: “É possível que voltemos a ser simplesmente 'rio-grandense', como no início do século, embora gaúcho provavelmente nunca mais venha a ser pejorativo, como já foi no passado” JORNAL BUENAS CHÊ. Blumenau: Buenas Chê, Julho de 1996, p. 03.

<sup>71</sup> Depoimento já citado.

Esta concepção que encarna o espírito e o transforma em raça, é compartilhada por Graciela Regina M. Machado e Alédison Monte Machado, em artigo publicado no Jornal A Notícia:

“De nada adiantará reagir contra a ideologia do gauchismo, pois ser gaúcho não é referência do lugar onde se nasce: gaúcho é um estado de espírito, é uma raça, somos os gregos da idade moderna”<sup>72</sup>

Embora, pelo modo dilatado como foi colocada a matéria não nos pareça restar alternativa que não aquela de nos tonarmos gaúchos, engajando-nos no processo civilizador promovido pelos gregos da idade moderna, a idéia que ela levanta precisa ser considerada. Aliás, são inúmeras as alusões a superioridade da personalidade do gaúcho, deste gaúcho que encarna o estado de espírito, um sujeito quase mitificado, embora de carne, osso, e bombacha. Um estado de espírito que em sua volatilidade e emergência tenta se mostrar como síntese pronta e acabada.

Sendo assim, não causa surpresa que, desvinculado de quaisquer territorialidade, este estado de espírito alcançado pelo gaúcho hoje, venha conseguindo penetrar em configurações sociais diversas, como aquela particularmente vivida (e neste caso encarnada) em Santa Catarina, estado onde a diversidade cultural, a exemplo do Rio Grande do sul, é evidente, e como tal, inegável. Portanto, de modo a finalizar esta discussão acerca do gaúcho em sua emergência, aplicando-o em Santa Catarina, se faz necessário algumas considerações em relação a esta irrefutável diversidade cultural do estado, e de como se mostra nela, a identidade catarinense (ou a falta dela).

Se por um lado fica claro a dificuldade de se definir, frente a diversidade cultural, uma identidade catarinense, por outro fica evidente também que, as lutas, os embates

---

<sup>72</sup> MACHADO, Alédison e MACHADO, Graciela. Os gregos da idade moderna. In: Jornal A Notícia. Joinville: 31/07/96. p. C- 9.

travados pela apropriação desta (e os benefícios e lucros reais que tal conquista acarretaria) foram inúmeros. É bastante conhecido e divulgado pela historiografia catarinense, ao menos a parte dela interessada na discussão deste tema, o discurso do atual governador de Santa Catarina Espiridião Amin, figura pública que frequenta CTG's (Centros de Tradição Gaúcha – ver Cap. II) e aparece em entrevistas de alcance nacional tomando chimarrão, mas que aparenta não compartilhar da idéia do gaúcho enquanto um estado de espírito. Afirma ele:

“Nós precisamos criar a marca de Santa Catarina. Quando a gente fala no gaúcho, sabe o que é o gaúcho. Quando se fala do carioca, também se sabe o que é o carioca. Quando a gente fala do catarinense, não sabe bem como representar o catarinense”<sup>73</sup>

Em outra oportunidade, já então eleito governador (sua primeira gestão, 1982-1986), Espiridião Amim propõe uma integração sócio-cultural do estado, a fim de se consolidar uma identidade catarinense. Apresentando sua “Carta aos Catarinenses”, ele declarava:

“Com efeito, do ponto de vista cultural, quem é o catarinense? Será o homem do litoral, de cultura marcadamente européia? Será o ‘serrano de traços gauchescos? Será o ‘oestino’, mescla euro-gaúcha? Nossa riqueza cultural é tão vasta e singular que impediu ao longo do tempo a formação de um ‘tipo’ do qual se possa dizer: este é o ‘homem típico catarinense’”<sup>74</sup>

O que se observa nas duas declarações é uma forte preocupação em encontrar o que seria o catarinense típico. Contudo se ele não existe, a tarefa de encontrá-lo passa, conforme indicado, pela negatização do que se apresenta estranho a Santa Catarina. Ser catarinense é não ser carioca, e no caso específico que nos interessa, é também não ser

<sup>73</sup> Op. Cit. Em Irani, um desfile recorda a Guerra do Contestado. O estado, 16/09/80, p. 17. *Apud*: AURAS, Marli. **Poder oligárquico catarinense: da guerra dos “Fanáticos” do Contestado à “Opção pelos pequenos”**. São Paulo: PUC, 1991. Tese de Doutorado (Educação), p. 324.

<sup>74</sup> AMIN, Espiridião. *A vez do pequeno: uma experiência de governo*. Florianópolis: Casa Civil, 1985. P. 124. *Apud* FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado. p. 24.

gaúcho. Mesmo que internamente exista o reconhecimento de diferenças, e até mesmo da participação gaúcha : o ‘oestino’ uma mescla euro-gaúcha e o ‘serrano’ de traços gauchescos. Segundo Élio Cantalício Serpa, naquele momento (1982-1986) existia o empenho de intelectuais (se referindo aos integrantes do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina) em transferir para muitos uma preocupação que com certeza se encontrava restrita a grupos isolados no interior da sociedade catarinense, e cita como exemplo, Victor Antonio Peluso, que dizia:

“Preocupação constante de largo segmento da população catarinense, notadamente nos últimos anos, é a existência de hábitos culturais e políticos que caracterizem a comunidade que vive dentro dos limites do Estado de Santa Catarina. Como Estado federado, seu povo faz parte da nação brasileira, mas no âmbito regional deve ele diferenciar-se, por seus traços culturais próprios, dos habitantes das demais unidades da federação. **É a isto que chamamos Identidade Catarinense, dando o nome Catarinensismo à aceitação destes vínculos comunitários, e de Catarinização aos processos de atração, para o seio da comunidade, da parte do povo que se encontre dela afastado**”<sup>75</sup>

É, sem dúvida um reforço substancial ao discurso regionalista, e de modo pertinente, lembra ainda Élio Serpa que: “ao chamar de identidade catarinense traços culturais próprios que diferenciam Santa Catarina dos demais estados da federação, o autor (Peluso) circula por dentro daqueles discursos e práticas que outrora criaram, no Rio Grande do Sul, a chamada ideologia do gauchismo e se propõe a fazer frente à expansão da difusão de hábitos culturais inventados naquele estado, e que na década de 1980 expandiam-se pelo litoral de Santa Catarina, com a vinda de migrantes do Rio Grande do Sul”<sup>76</sup>. Este projeto de construção ou forja de uma identidade catarinense, capaz de representar o estado, numa explícita idéia homegenizadora, também se fez presente em outros momentos, e onde

<sup>75</sup> PELUSO JÚNIOR, VICTOR ANTONIO. A identidade Catarinense. Florianópolis: Revista do IHGSC. 3ª fase, n. 5, 1984, p.259. *Apud* SERPA, ÉLIO Cantalício. **A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1996. Mimeo. p. 6. O grifo foi mantido do original.

<sup>76</sup> SERPA, Élio Cantalício. Op. Cit. p.7 . Sobre a expansão do gauchismo na década de 1980, ver Capítulo II deste trabalho.

novamente, pode se perceber a negatificação, por parte destes, daquilo que a eles não se mostrasse próximo ou representativo.

Aproveitando o momento propício, depois da campanha de nacionalização do Estado Novo, no recente pós-guerra, e seguindo a “vereda aberta pelo luso-brasileirismo de Gilberto Freyre”<sup>77</sup>, Oswaldo Rodrigues Cabral tenta implementar uma identidade catarinense voltada às referências luso-brasileiras na formação da nação brasileira, e mais precisamente, dos açorianos na formação dos catarinenses, cujo marco inicial se encontra no “Primeiro Congresso de História Catarinense”, comemorativo do segundo centenário de colonização açoriana (ver introdução). Segundo Maria Bernadete Ramos Flores, “(...) havia uma forte preocupação em definir o assentamento do açoriano na região litorânea como uma empresa colonizadora, que serviu a fins nobres, à defesa da terra no sul do país, ou melhor, à construção da brasilidade nesta região”<sup>78</sup>. Desta forma não se reconhecia a participação de outros grupos na construção da realidade cultural do estado. Ainda neste sentido, e ampliando esta discussão, Luiz Felipe Falcão lembra que:

“Com esta montagem, que reduzia arbitrariamente a importância dos descendentes de outras origens na vida política e sociocultural do estado (uma vez que no plano econômico ela era admitida), o autor (Oswaldo Cabral) procurava sobretudo conferir uma identidade distintiva para as parcelas da população de Santa Catarina que descendiam de portugueses utilizando o mesmo quadro de referências simbólicas em que eram afirmadas as tradições germânica e italiana (língua, religião, costumes, sentimento pátrio), tendo porém o cuidado de fazer uma decisiva ressalva ao afirmar que as “qualidades intrínsecas” de uma tal identidade granjeavam-lhe preeminência e supremacia diante das demais. Esta criação intelectual, própria do ambiente ocasionado pela II Grande Guerra e pela campanha de nacionalização durante o Estado Novo, pretendia obviamente instituir uma homogeneidade do ponto de vista cultural em Santa Catarina, reduzindo ao nível de meras manifestações folclóricas típicas de certas paragens interioranas ou de grupos humanos exíguos todas as demais representações e práticas culturais existentes no estado (inclusive as desenvolvidas por descendentes de africanos, com

---

<sup>77</sup> FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit.

<sup>78</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A farra do boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis, UFSC, 1997. p. 117.

presença marcante em toda a faixa litorânea catarinense, e que por uma espécie de toque mágico desapareceram no curso da argumentação.”<sup>79</sup>

Uma vez negada a participação nas decisões de todas as ordens, e até mesmo não sendo reconhecida enquanto parte integrada a realidade catarinense (ver os casos dos quistos étnicos ou do perigo alemão), as populações alemãs e italianas, bem como seus descendentes, se viram cercados. Contudo, tal configuração parece ter promovido situações que podem apenas se apresentarem como antagônicas, mas que em realidade se encontram profundamente relacionadas: a perda de referências culturais primitivas daquelas populações e a limitação do sucesso de uma idéia homogênea nacionalista (ou seu enfraquecimento). Primeiro, o medo e a vergonha (frente a derrota do Eixo na Segunda Guerra) que aquelas populações experimentaram, colaboraram decisivamente para debilitar uma tradição pautada em reivindicações de maior autonomia e numa suposta supremacia étnico-cultural, pois “(...)afora uma ou outra manifestação isolada em diminutos nichos culturais ou no âmago de famílias convencidas de sua estirpe ilustre, e descartando as promoções turísticas de um exotismo muito discutível, pouco sobrou de autenticidade daquelas antigas preocupações em manter inalterada uma identidade étnica com base nas longínquas terras dos ancestrais(...)”<sup>80</sup>. Segundo, as pretensões de sucesso absoluto dos projetos homogenizadores (sejam estes pensados numa perspectiva nacional ou regional, sendo que este último, conforme discutido, também pode empreender tais esforços homogenizadores), não se confirmam, na medida em que, aqueles elementos culturais que se podem pensar extintos, se inserem em novas configurações, se combinam, se afinam e interpenetram-se, e nos impelem a pensar em novos sentidos para identidades, diversidade e tensões sociais.

A identidade, este tema bastante recorrente entre os historiadores, hoje, ao que tudo indica, vista como um processo bastante amplo e que contribui para tirar de nós as bases com

---

<sup>79</sup> FALCÃO, Luís Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

<sup>80</sup> FALCÃO. Luiz Felipe. Op. Cit.

as quais estávamos acostumados a nos sustentar, não se perdeu ou reduziu sua importância na colaboração para uma melhor compreensão de uma realidade sócio-cultural. Sem dúvida ela vem sofrendo novas interpretações, pois, também é nova a configuração que hoje ela alcança. Pode ser tentador pensar a identidade como algo “destinado a finalizar-se em um outro lugar: retornando a suas raízes ou desaparecendo através da assimilação ou homogeneização. Porém este pode ser um falso dilema. Existe uma outra possibilidade: a da Tradução. (...) As pessoas pertencentes a tais *culturas do hibridismo* tiveram que renunciar ao sonho ou ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida”, ou de absolutismo étnico . Elas são irrevogavelmente *traduzidas*”<sup>81</sup>.

De modo digressivo, mas de adequada ilustração, vejamos o exemplo de uma conjuntura híbrida, experimentada por gaúchos no exterior: procurando carvão vegetal para assar o churrasco que costumeiramente faziam, um grupo de amigos gaúchos, morando na Alemanha, depois de alguma dificuldade, acabou se contentando com Briquettes (um tipo de carvão vegetal prensado, de forma e consistência regulares). A frustração gerou um certo desconforto, que aumentou com a dificuldade de encontrar uma boa costela para saborear. Pensando melhor, um deles ( o que escreve a história), que reclamara inicialmente da “imposição cultural”, admite logo em seguida: “(...) não era (são) apenas as imposições externas, formais e informais vinda dessa (daquela) sociedade; eram (são) também as internas, quer dizer, aquelas que nós mesmos criávamos e víamos aparecer a cada momento, como fantasmas a ameaçar nossa própria identidade. (...). Quando os primeiros desses fantasmas começam a ser desmistificados, quando a gente começa a se sentir confortável nesse novo ambiente, começa também a querer transformá-lo”<sup>82</sup>.

---

<sup>81</sup>HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 69-70. Os grifos foram mantidos do original.

<sup>82</sup> KRAFTA, Romulo. *Dominação Cultural*. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luis Augusto (orgs.). *Nós os gaúchos*. V. II. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 21-5.



Finalizando, a relação da diversidade catarinense, aqui esboçada, com a expansão de uma identidade que se pretende estável, ou seja, o gaúcho em seu estado de espírito, num meio sócio-cultural “híbrido”, e como tal bastante complexo, pensamos, verificável em Santa Catarina, é o que será tratada no segundo capítulo.

“O poder sobre o grupo a que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, e, portanto, uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade.”

(Pierre Bourdieu)

“As convicções são mais inimigas da verdade que as mentiras.”

(Friedrich Nietzsche)

“Não acredito, não tem mistério, se o velho é novo, o novo é velho.”

(Alceu Valença)

## CAPÍTULO II:

### O ESPÍRITO NO ESTADO:



Foto: JORNAL BUENAS CHÊ. Blumenau: Buenas Chê, Novembro de 1995, capa.

A fotografia mostra homens que, numa atribuição corriqueira, são chamados de gaúchos. Também, de maneira bastante previsível, poderíamos afirmar que a cena se passa

numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, ou do Oeste catarinense. Entretanto, o desfile comemorativo da Revolução Farroupilha, apresentado na fotografia, ocorreu, e vem ocorrendo a cada ano, na cidade de Blumenau, localizada no Vale do Itajaí, onde as referências à cultura germânica são relevantes<sup>83</sup>, e que em sua construção histórica não se fizeram presentes a influência da cultura gaúcha e/ou de práticas campeiras, tampouco estas se mostraram historicamente decisivas. Neste sentido Blumenau integra junto a outras cidades catarinenses — que em comum têm a evidência de não possuírem referências as lides campeiras nem a cultura gaúcha — a exemplo de Itajaí, São José, Joinville e Florianópolis, o espaço onde o gauchismo se instala e expande.

Uma vez tendo, nas últimas décadas deste século, se convertido em um estado de espírito, o gaúcho — ou o grupo social formado por ele e que encarna esta “espiritosa vivência” — adquiriu um sentido desvinculado de quaisquer territorialidade. Como vimos, para os adeptos do gauchismo, o gaúcho é aquele interessado em preservar, divulgar e viver a cultura do homem ligado a práticas campeiras, onde estas se façam presentes ou não. Ao longo das últimas cinco décadas deste século, a preservação e divulgação do gauchismo vem ocorrendo de forma mais sistematizada, ligando-se estreitamente a um movimento que a instrumentaliza.

Conseguindo obter adeptos nas mais diferentes camadas da população, seja ela urbana ou rural, o movimento tradicionalista gaúcho vem se ampliando com rapidez e está presente hoje em todas as regiões de Santa Catarina, promovendo sistematicamente um conjunto de atividades de caráter sócio-cultural e recreativo, tais como: bailes, festas, rodeios

---

<sup>83</sup> Embora, como mostra o instigante trabalho de Méri Frotscher, ocorra uma valorização excessiva deste caráter germânico que Blumenau possui, o que acaba colaborando para que “a complexidade da sociedade não seja evidenciada, instituindo-se em seu lugar uma imagem germanizada e homogênea da cidade”, é negável a influência de uma cultura européia elaborada a partir de elementos germânicos e que influenciaram historicamente na construção daquilo que a cidade hoje é. Ver: FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado. A análise desta complexidade social vivida em Blumenau, ainda que instigante, extrapola os limites atuais deste trabalho.

e gineteadas, onde se faz presente um número expressivo de pessoas. Este movimento, hoje, se encontra presente em 20 estados brasileiros e em algumas cidades americanas como Miami e Los Angeles, ou ainda em cidades japonesas como Tóquio e Osaka. Mais ainda, o movimento tradicionalista gaúcho reivindica para si a “posição de maior movimento de cultura popular do mundo ocidental, com mais de dois milhões de participantes, mais de 40 festivais de música, envolvendo um público em torno de um milhão de pessoas, e vários rodeios, além de um mercado de produtos vinculados a essas práticas culturais”<sup>84</sup>

O Movimento Tradicionalista Gaúcho se inicia no Rio Grande do Sul na década de 1940. Já em 1898, no mesmo Estado, começavam a proliferar, embora timidamente, algumas entidades voltadas ao cultivo do tradicionalismo gaúcho. A primeira entidade tradicionalista foi o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, fundado em 1898 por iniciativa do republicano militar e positivista João Cezimbra Jacques. Seu objetivo era divulgar, por meio de palestras, festas e desfiles comemorativos, uma cultura regional que já se apresentava como tradição gaúcha<sup>85</sup>. Até 1948 o tradicionalismo gaúcho se representou, de forma mais significativa, através de pensadores e literatos<sup>86</sup>, quando então é fundado em Porto Alegre o “35 CTG”<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> OLIVEN, Ruben George. **São Paulo, o Nordeste e o Rio Grande do Sul**. Ensaios FEE, Porto Alegre (14) 2: 397-409. p. 404.

<sup>85</sup> A esta entidade seguiram-se a União Gaúcha de Pelotas, em 1899; o Grêmio Gaúcho de Bagé, em 1899; União Gaúcha Lourenciana de São Lourenço em 1900; União Gaúcha Rio Grande, em 1901; Grêmio Gaúcho de Santa Maria, em 1901; Grêmio Gaúcho Encruzilhada, em 1902; União Campestre de Pelotas, em 1902; Clube Gaúcho Arealense de Pelotas, em 1902; Grêmio Gaúcho de Livramento, em 1904 e Grêmio Gaúcho Dom Pedrito, em 1904. Os tradicionalistas como Paixão Côrtes em: CÔRTEZ, Paixão. **Origem da semana Farroupilha e primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre: Edição própria, 1994, consideram estas agremiações, juntamente com a Sociedade Gaúcha Lombagrandense (surgida na zona de colonização alemã, em 1938) e o Clube Farroupilha de Ijuí (fundado em zona de colonização alemã e italiana em 1943), como as entidades pioneiras do movimento no Rio Grande do Sul e no Brasil, ratificadas pelo sociólogo Tau Golin em: GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983, páginas 32 e 33. Chama a atenção o número expressivo de entidades presentes em Pelotas, que em fins do século passado e início deste, junto a Porto Alegre, mostrava-se como principal referência urbana do R.G.S. Para isto Ver: MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a História de Pelotas**. Florianópolis: UFSC, 1993. Dissertação de Mestrado.

<sup>86</sup> É proeminente a produção literária deste período, quase sempre voltada para o enaltecimento da figura já inovada do gaúcho e que serviu para dar certo suporte reflexivo e apaziguar diferenças e tensões sociais vividas no Rio Grande do Sul até 1923 ou ainda estendendo-se até 1930, quando do projeto de Getúlio Vargas “Rio Grande em pé pelo Brasil”. Ver capítulo 1. Para uma melhor compreensão desta produção literária, ver: BOSI,

Primeiro Centro de Tradição Gaúcha (C.T.G) com características semelhantes àquelas encontradas hoje nos diversos CTG's instalados no Brasil e fora dele, o "35 CTG" surge com a intenção de se mostrar, segundo Paixão Côrtes, um de seus fundadores, como "uma estância simbólica" e, como tal, deveria atuar no sentido de procurar "cercá-la de um simbolismo gauchesco que atentasse para uma instância imaginária", não perdendo de vista seu lema maior de "em qualquer chão, sempre gaúcho"<sup>88</sup>.

Ainda que tenha se iniciado na cidade, é evidente a alusão à vivência campeira promovida pelo movimento tradicionalista gaúcho. Sendo assim, a partir de sua fundação o CTG engendra uma série de práticas sociais, na tentativa — não apenas nesta — ainda que a nível simbólico<sup>89</sup>, preservar um tempo onde, embora simples e rude o homem era honesto e bom<sup>90</sup>, propondo uma constante positivação do campo. Barbosa Lessa, um dos pioneiros do gauchismo, referindo-se a fundação do CTG, afirma que "em torno de um fogo de chão era fundada uma entidade que pretendia restabelecer, no meio urbano, o espírito solidário do pago"<sup>91</sup>.

Continuando, o "35 CTG" começa a articular em torno de seus eventos — neste momento ainda sem atividades campeiras tais como os rodeios ou gineteadas — um número expressivo de pessoas. Através de seus freqüentadores — entre os quais jornalistas,

Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984. p.207 e seguintes e LEITE, Lígia C. Moraes. **Regionalismo e Modernismo**. São Paulo: Ática, 1978.

<sup>87</sup> No ano anterior (1947), um grupo de estudantes secundaristas do colégio Júlio de Castilhos havia fundado um Departamento de tradições gaúchas. Tal Departamento seria considerado posteriormente como o embrião do 35 CTG. Ver: CÔRTEZ, Paixão. Op. cit. p.49

<sup>88</sup> CÔRTEZ, J.C. **Origem da semana Farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: Ed. Própria, 1994. P. 57.

<sup>89</sup> Para o antropólogo Ruben Oliven, o simbolismo gauchesco tem sua base numa cultura desterritorializada, pois os adeptos do gauchismo cultivam o campo através da cidade. Em sua versão expansiva, o gauchismo sofreria uma dupla desterritorialização, uma vez que além do fato de surgir fora de seu espaço cultural inicial, estaria expandindo-se para outras regiões, tais como Santa Catarina. Ver: OLIVIEN, Ruben George. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. In: FONSECA, Claudia (org.). **Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

<sup>90</sup> Uma análise elaborada a partir da literatura e ambientada na Inglaterra, que discute a polarização costumeira realizada entre o campo e a cidade, pode ser encontrada em: Williams, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

escritores, estudantes, políticos — o CTG começa a interagir na cidade de Porto Alegre, que vivia o clima pós-guerra e, como tal, voltada a uma concepção urbana mais cosmopolita, principalmente para uma vivência mais próxima da cultura americana. Então, de maneira contrária, e no sentido de divulgar um patriotismo até então (1948) adormecido<sup>92</sup>, de promover uma campanha em favor de uma cultura autóctone e contra os “estrangeirismos” — onde se propunha aos jovens trocar a coca-cola pelo chimarrão — mas principalmente de uma tradição capaz de “reunir forças que pugnem pelo melhor funcionamento da sociedade”<sup>93</sup>, o “35 CTG” acabava se instalando, e firmando-se como um dos elementos fundamentais para a vivência do tradicionalismo gaúcho<sup>94</sup>, já a esta altura, influenciando outras pessoas em diferentes regiões sul-rio-grandense<sup>95</sup>.

De outra forma, entre os tradicionalistas é comum a manifestação da idéia de que o gaúcho tornou-se brasileiro por opção, e onde a referência maior é, sempre e ainda, a Revolução Farroupilha<sup>96</sup>. Alguns tradicionalistas, seguramente, boa parte deles, se identificam com um nacionalismo de características bem peculiares. Quase sempre, o sentimento de nação no meio tradicionalista acaba se mostrando sob duas fortes posições. Uma que tenta se excluir da idéia de uma nação maior (brasileira), com forte tendência separatista, e outra que tenta se incluir no país. Contudo, em ambas se encontra profundamente enraizado o caráter regionalista, chegando em alguns momentos, a se mostrar como opção viável para o alcance da moralização e civilidade no Brasil, que sob os cuidados do gauchismo seria uma grande

---

<sup>91</sup> Lessa, Luiz Carlos Barbosa. *Porteira aberta*. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). *Nós os gaúchos*. V. I Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 76

<sup>92</sup> Segundo os tradicionalistas, fruto das seqüelas deixadas pela ditadura do Estado Novo de Vargas.

<sup>93</sup> LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Porto Alegre: Globo, 1955. p.137.

<sup>94</sup> Como vimos, criado em fins do século passado.

<sup>95</sup> Ruben Oliven alerta para a dupladesterritorialização que os CTG's teriam enfrentado. Uma vez cultuando o campo através da cidade, eles estariam desterritorializando aquela cultura. E ao se difundirem para outras cidades e estados (como veremos), provocariam uma dupladesterritorialização. Ver: OLIVIEN, Ruben George. *A dupla desterritorialização da cultura gaúcha*. In: FONSECA, Claudia (org.) *Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1983.

<sup>96</sup> É significativo que o primeiro CTG tenha recebido o nome de 35, em alusão ao ano de explosão do conflito Farroupilha

nação. É o que se pode perceber na declaração de Jacob Momm Filho, já referido anteriormente, e que se diz um nacionalista convicto:

“Eu tenho muito civismo, muito patriotismo. Cada um deve ter amor pela sua pátria(...). Eu acho que o Brasil é um país diante do qual o povo deve mostrar um verdadeiro patriotismo, cedendo em favor de sua pátria alguma coisa. Não tudo, é claro, mas dentro de um bom senso, pois cada um cedendo um pouquinho isto se torna bastante. (...). O Brasil deveria incrementar mais a educação, a formação cívica nas escolas, inculcando nas crianças e nos adolescentes um instinto de patriotismo (...) O tradicionalismo serve de reeducação do povo brasileiro. Graças ao movimento e aos sulistas, o Brasil não despencou ainda, quer na moral ou em qualquer outro aspecto.”<sup>97</sup>

Por outro lado, Homero Milton Franco, Jornalista e apresentador já citado, que acredita que as dimensões territoriais do Brasil tornam impossível sua gerência, por isso se diz um separatista, mas não fanático, comenta uma outra face nacionalista que se encontra no tradicionalismo:

Em alguns destes homens (tradicionalistas) tem algo do integralismo. Eu tenho certeza que o nacionalismo existente na cabeça de alguns tradicionalistas não é pelo Nordeste do Brasil, e nem pelos negros, e nem pelos índios. Então, nacionalismo de onde? Por quem? Tenho certeza de que eles não defendem os pobres que estão morrendo nas favelas. Então como é que é o nacionalismo destes homens? Nacionalismo das famílias deles? Então é a defesa da estância, do clã, do status.<sup>98</sup>

A divulgação destes tipos de nacionalismo descritos, ou ainda, a defesa de atitudes contrárias a uma vida mais cosmopolita, entre outros elementos, são cultivados e difundidos em boa parcela dos CTG's. Constantemente confundido como o tradicionalismo em si, o

<sup>97</sup> Entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão em 03/10/95, na cidade de São José.

<sup>98</sup> Depoimento concedido a mim e Luiz Felipe Falcão, na cidade de Florianópolis, em 19/12/95. A referência ao integralismo, embora válida, não foi priorizada nesta pesquisa. Segundo Luiz Felipe Falcão, é possível estabelecer pontos de contatos entre o tradicionalismo e o integralismo (por exemplo, a disciplina, o moralismo, e o conservadorismo político que se mostra na defesa da propriedade privada e do anti-cosmopolitismo), mas com certeza o nacionalismo não assume um relevo maior. Ver: FALCÃO, Luís Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

CTG, em realidade, a partir de sua fundação, tem se mostrado como principal ferramenta ou dispositivo, através do qual o gauchismo se expande. Pensados como algo estreitamente ligado àquilo que Hobsbawm chama de tradição inventada, os CTG's "visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade em relação ao passado histórico apropriado"<sup>99</sup>.

Responsáveis pelo "cultivo da tradição" e pela divulgação do "estado de espírito", os CTG's possuem uma estrutura bem determinada. Com o perfil de sociedade civil sem fins lucrativos, os CTG's têm sua organização interna baseada na estrutura de uma estância. Desta forma, sua diretoria recebe uma nomenclatura diferenciada, na tentativa de simular a hierarquia que se pode encontrar numa estância. Assim, a direção geral é do patrão (presidente), normalmente o dono da fazenda<sup>100</sup>, seguido pelo capataz (secretário), o sota-capataz (tesoureiro) e agregados (cargos de confiança da patronagem, comprometidos normalmente com as festas e as relações públicas do CTG). Estes quatro elementos constituem-se nos cargos eletivos da patronagem. Seguido a estes aparecem os cargos de confiança (não eletivos) que são: diretor de patrimônio, o xiru das falas (o orador do CTG em seus eventos) e o xiru veterinário.

A patronagem é eleita pelos membros filiados ao CTG, com mandato de dois anos. Na maioria dos CTG's existe o chamado Conselho de Vaqueanos, espécie de Conselho Deliberativo, composto pelos tradicionalistas mais antigos do CTG, conferindo apoio e endosso maior às decisões da patronagem. Os CTG's dividem suas atividades em duas grandes áreas (invernadas): Campeira e Artística. Existe patrão para cada uma das invernadas e as prendas e peões (participantes que não integram a patronagem, considerados a base do movimento) distribuem-se conforme suas afinidades, pelas duas invernadas.

---

<sup>99</sup> HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). Op. Cit. p. 09.



Geralmente um CTG, ao ser fundado, possui uma estrutura mais simples, se compondo apenas da invernada campeira e uma discreta invernada artística. Em realidade, existem, segundo nosso levantamento, três tipos de CTG's. Um primeiro conhecido como de comunidade, com organização parecida com um clube recreativo, com vistas a um envolvimento maior das pessoas com o CTG, sejam estas tradicionalistas ou não, a exemplo do CTG "Os Praianos", da cidade de São José. Um segundo tipo é o familiar, de propriedade do patrão, que busca promover encontros entre amigos e parentes nos fins de semana e feriados, a exemplo do CTG Leodato Ribeiro, da cidade de Schroeder, Região Nordeste do estado. O terceiro e último tipo é aquele considerado pelos tradicionalistas como especulativo<sup>101</sup>, ou seja, destinado única e exclusivamente a obtenção de lucro com a organização de bailes e fandangos, e que não são reconhecidos pela entidade fiscalizadora no Estado, o MTG-SC.

Parte de uma organização maior, os CTG's encontram-se vinculados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina (MTG-SC), constituído há menos de dez anos. Em 1961 foi criado em Lages o Movimento Tradicionalista Catarinense (MTC), que funcionou até 1978, quando sofreu alteração em sua denominação, passando a chamar-se Associação Tradicionalista Catarinense (ATGESC). Esta entidade, na primeira metade da década de 1980, sofre duas dissidências<sup>102</sup>: em 1983 nasce o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), na cidade de São Joaquim, e, logo em seguida (1984) a Associação Tradicionalista Gaúcha (ATG), na região litorânea, onde a expressão maior eram as cidades da Grande Florianópolis e a cidade de Tubarão<sup>103</sup>. Em 1985 houve a fusão da ATGESC com o

---

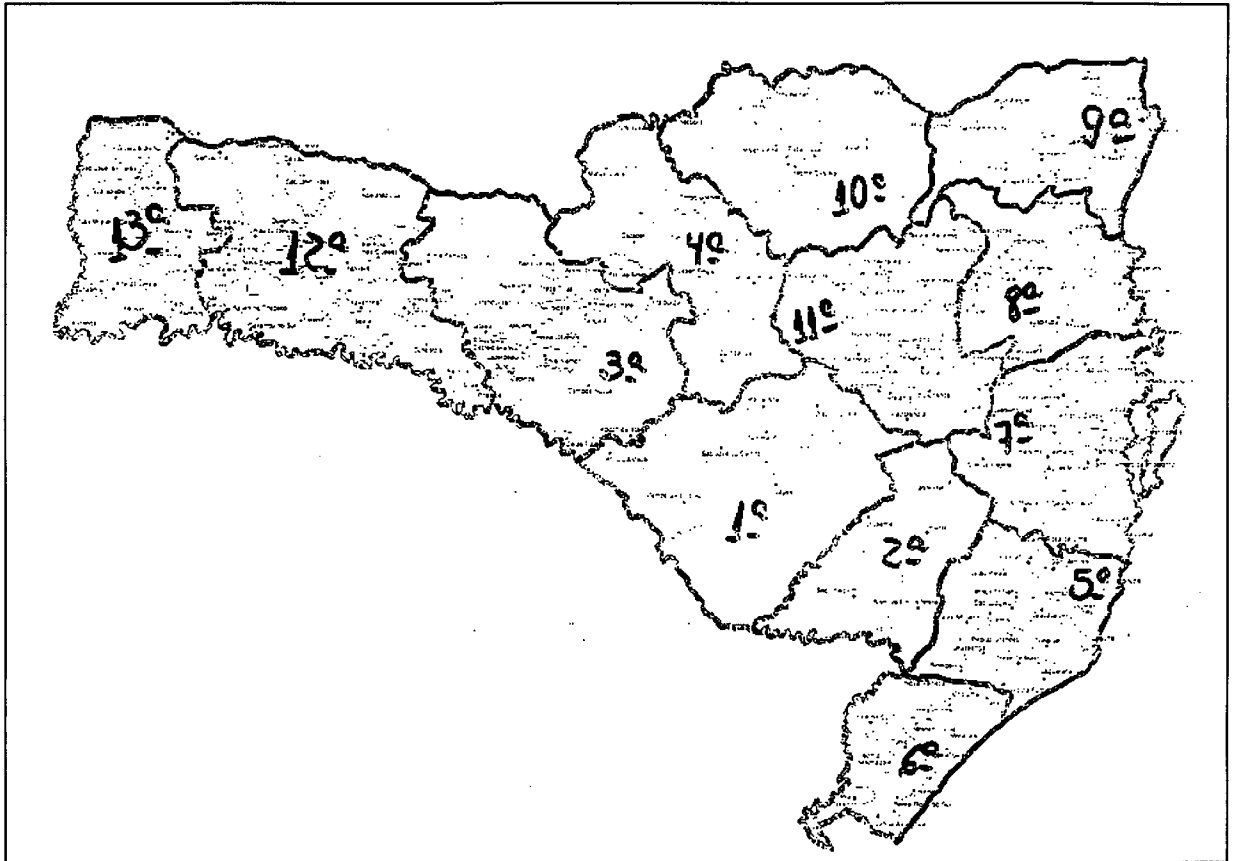
<sup>100</sup> O termo fazenda é utilizado como equivalente a estância.

<sup>101</sup> Segundo os tradicionalistas, estes tipos de CTG's "não se criam" devido a rígida fiscalização do MTG-SC. Em realidade o que vem acontecendo neste sentido é que, aproveitando-se da denominação "CTG", alguns empresários vem abrindo galpões para a realização de fandangos tão somente, sem envolverem-se com o movimento tradicionalista propriamente dito, e, devido a isto, não têm o reconhecimento do MTG.

<sup>102</sup> Estas dissidências ocorrem num período em que o movimento tradicionalista começa a expandir-se com maior vigor.

<sup>103</sup> Segundo Jacob Momm Filho, praticamente todos os CTG's do litoral aderiram a ATG (42 CTG's), com exceção dos CTG's Os Praianos de São José, Coração do Vale de Gaspar e Chaparral de Joinville (que

MTG, sendo que em 1987 passam a denominar-se MTG-SC. Em 1990 foi realizado o I Congresso Tradicionalista Barriga Verde, oportunidade na qual a ATG foi incorporada ao MTG-SC. Atualmente, o MTG-SC, com sede no Parque Conta Dinheiro, na Cidade de Lages, fiscaliza, disciplina e estabelece regras aos CTG's, auxiliado por seus coordenadores<sup>104</sup>, dispersos nas 13 regiões tradicionalistas<sup>105</sup> em que o Estado se encontra dividido<sup>106</sup>:



incluíam-se, à época, na região que a ATG alcançava). Estes CTG's continuaram vinculados à ATEGESC, de Lages.

<sup>104</sup> Estes coordenadores regionais, entre outras atribuições, encaminham pedidos de reconhecimento de novos CTG's, recomendando ou não sua aprovação, fornecem carteirinhas de tradicionalistas aos sócios e realizam também as cobranças das anuidades devidas pelos CTG's (um salário mínimo por ano de cada CTG), além de servirem com autênticos articuladores e fiscalizadores em suas respectivas regiões.

<sup>105</sup> Regiões estas divididas conforme critérios próprios do movimento e de acordo com sua conveniência. Para uma discussão acerca da idéia de região como algo arbitrário, ver: BORDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. P. 107 e seguintes e ainda o primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>106</sup> Fonte obtida nos arquivos do MTG-SC, em Lages S.C.

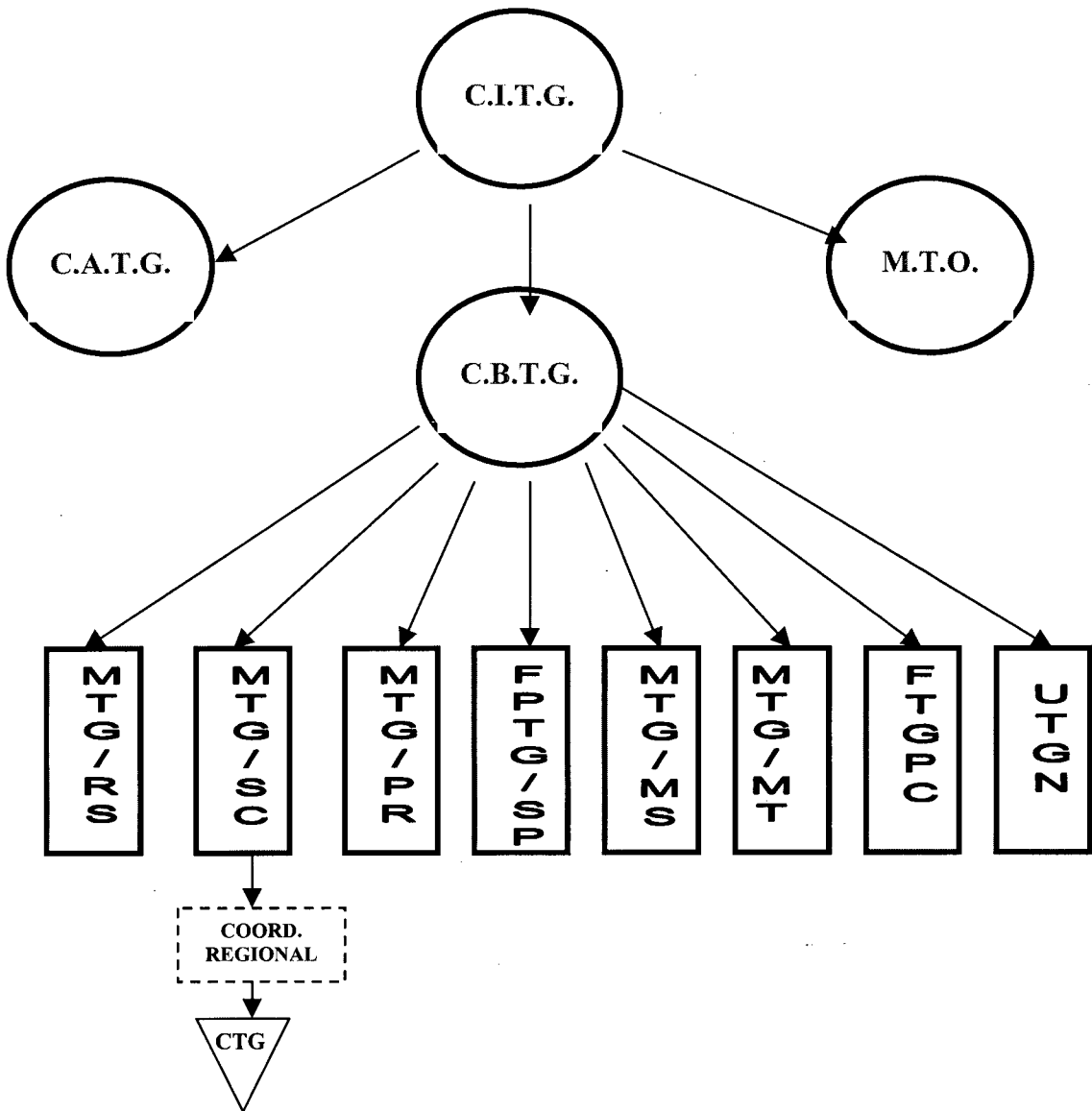
Por sua vez, o MTG-SC se encontra situado em uma estrutura organizacional maior, sendo subordinado à Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha<sup>107</sup> (CBTG), criada no I Congresso Brasileiro de Tradição Gaúcha, realizado em Florianópolis em 1988, tendo sido eleito como presidente o catarinense Jacob Momm Filho. A CBTG se encontra subordinada à Confederação Internacional de Tradição Gaúcha<sup>108</sup> (CITG), com carta constitutiva aprovada em 1991 em Florianópolis, sendo eleito para sua presidência novamente Jacob Momm Filho<sup>109</sup>. A organização do Movimento Tradicionalista é assim definida:

---

<sup>107</sup> Constituem a CBTG, além do MTG-SC as seguintes entidades: Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul (MTG-RS), Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (MTG-PR), Movimento Tradicionalista Gaúcho de Mato Grosso do Sul (MTG-MS), Movimento Tradicionalista Gaúcho de Mato Grosso (MTG-MT), Federação Paulista de Tradição gaúcha (FPTG), Federação de Tradição Gaúcha do Planalto Central (FTGPC, onde incluem-se os Estados de Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal), União Tradicionalista Gaúcha do Nordeste (UTGN, onde incluem-se nove Estados do Nordeste, com sede em Natal-RN). Além destas unidades, a CBTG coordena outros CTG's fundados no exterior por iniciativa de brasileiros que lá vivem, como é o caso dos CTG's já mencionados de Osaka (Japão) e Tóquio (Japão), Miami (EUA) e Los Angeles (EUA). Para uma melhor visualização desta estrutura ver organograma na página seguinte.

<sup>108</sup> A CITG é constituída por: CATG (Confederacion Argentina de Tradição Gaúcha), MTO (Movimento Tradicionalista Oriental - Uruguai) e CBTG (Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha). Ver organograma.

<sup>109</sup> A sede da Confederação Internacional de Tradição Gaúcha, situou-se durante o biênio 91-93 na cidade de São José, por ser a cidade onde residia seu presidente à época, o catarinense Jacob Momm Filho.

ESTRUTURA DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO<sup>110</sup>

<sup>110</sup> Fonte: Organograma desenvolvido a partir de dados coletados em entrevistas e na documentação do MTG-SC.

O tradicionalismo gaúcho, de modo mais apurado, e, representado pelos CTG's que divulgam o estado de espírito iniciado em bases históricas discutidas anteriormente, se manifesta em Santa Catarina na década de 1950. É fundado em 1959, o primeiro Centro de Tradição Gaúcha no Estado, com o nome de Porteira Aberta, localizado na cidade de São Miguel do Oeste, e em atividade até hoje. Logo após, em 1960, é fundado em Lages o CTG Planalto Lageano, seguido em 1962 pelo CTG Minuano Catarinense, da cidade de São Joaquim, em 1962. Desde então, o Movimento Tradicionalista Gaúcho vem se configurando em um dos fenômenos sócio-culturais mais proeminentes em Santa Catarina, principalmente nos últimos 10 anos. Estabelecendo vínculos e unidades (CTGs) em todas as regiões do estado, vem agregando em torno de seus eventos — rodeios, gineteadas, bailes, concursos, churrascadas e outros — um número de pessoas superior àquele encontrado em outras atividades como jogos de futebol, festas religiosas ou carnaval. Em Santa Catarina, o tradicionalismo gaúcho se desenvolveu da seguinte forma durante as últimas quatro décadas:

**TABELA I**  
**Número De Entidades Tradicionalistas**  
**Em Santa Catarina Por Ano De Fundação\***

ANO	NÚMERO	ANO	NÚMERO
1959	1	1982	14
1960	1	1983	11
1962	4	1984	13
1966	3	1985	23
1969	2	1986	21
1971	3	1987	21
1972	2	1988	22
1973	2	1989	28
1974	3	1990	16
1975	2	1991	23
1976	6	1992	23
1977	9	1993	19
1978	5	1994	19
1979	7	1995	13
1980	11	1996	31
1981	10	1997	25
Sem documentação disponível			34

Fonte: Elaborado a partir do arquivo do MTG-SC, Lages.

\*A referência é a data de publicação dos estatutos no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. Na ausência disto, foi usado o registro em cartório como entidade civil.

Em dezembro de 1997 existiam em Santa Catarina 430 entidades tradicionalistas oficializadas, sendo 420 CTG's e 10 associações de caráter cultural, com um número de sócios regularmente inscritos que ultrapassava 18.000 pessoas<sup>111</sup>. Estes números se tornam mais expressivos quando comparados ao de 293 municípios existentes no estado no mesmo período<sup>112</sup>. Algumas cidades catarinenses possuem um número maior de CTG's do que de agências bancárias, correios e livrarias, ou ainda de teatros e cinemas. Além disso, esses dados possibilitam uma melhor periodização da instalação do movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina, estado brasileiro no qual, segundo o dizer dos tradicionalistas, o gauchismo se encontra melhor organizado, superando, inclusive, o Rio Grande do Sul, estado se inicia o tradicionalismo<sup>113</sup>.

A propósito, as observações mostradas coincidem e se ratificam com os depoimentos coletados entre algumas lideranças do Movimento Tradicionalista, e apontam para três grandes etapas<sup>114</sup> da expansão do gauchismo no estado. Num primeiro momento, pode-se identificar um crescimento tímido, mas constante, compreendido entre 1959 e 1975, caracterizado como período de implantação do movimento tradicionalista em Santa Catarina. Segue-se a este período, um crescimento moderado, compreendido entre 1975 e 1985, apontado como o momento de estabelecimento e organização do movimento no estado. Por último, o período caracterizado por um crescimento vertiginoso, iniciado a partir de 1985 e que é reconhecido como período de grande expansão tradicionalista, conferindo a ele o caráter massivo e de grandes proporções que apresenta hoje. Esta periodização pode ser melhor visualizada quando apurado o número de CTG's por período de cinco anos:

---

<sup>111</sup> Dados obtidos em pesquisas realizadas na sede do movimento, na cidade de Lages.

<sup>112</sup> Conforme dados obtidos na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Divisão de Expediente.

<sup>113</sup> Na transição de 1989 para 1990 e ainda de 1995 para 1996 ocorrem quebras mais consideráveis no crescimento do movimento. Contudo ambas apontam para uma recuperação logo em seguida. Conforme o que foi apurado na pesquisa, e segundo depoimentos de funcionários ligados a administração dos arquivos de registros dos CTG's em Santa Catarina, a estimativa é de que o movimento cresça mais ainda nos próximos anos, devido ao grande número de pedidos de filiações de CTG's encaminhados ao MTG-SC nos últimos três anos. No ano passado (1998), somente até o mês de agosto, foram criados 14 CTGs.

## TABELA II

**Número De CTG's Em Santa Catarina**  
**Por Período De Fundação**

PERÍODO	NÚMERO ABSOLUTO	NÚMERO ACUMULADO
1959-1971	11	11
1971-1975	12	23
1976-1980	38	61
1981-1985	71	132
1986-1990	107	239
1990-1995	91	330
1996-1997	56	386
Sem documentação		34
<b>TOTAL</b>		<b>420</b>

Fonte: Elaborado a partir de dados do arquivo do MTG-SC, Lages.

Assim, é interessante perceber que a expansão tradicionalista, até 1975, fica praticamente restrita às áreas onde se fazem (ou fizeram) presentes as práticas campeiras ou onde ocorre (ou ocorreu) a influência de modo mais direto da cultura gaúcha. O antropólogo Ruben Oliven, ao tratar da expansão tradicionalista lembra que o Rio Grande do Sul é um dos estados de maior emigração do Brasil. De 1920 a 1950, o êxodo gaúcho compreendeu 300.000 pessoas. Nesse último ano, “o Rio Grande do Sul era o estado que fornecia o maior contingente emigratório para outros estados, ao passo que era a unidade da federação que menor número de brasileiros recebia. Esta emigração se dá geralmente do interior do Rio Grande do Sul para o interior de outros estados, em busca de novas fronteiras agrícolas, principalmente em Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso”<sup>114</sup>. O referido autor chega a utilizar o termo “diáspora” para designar a emigração sul-rio-grandense. Segundo ele, em 1980 havia aproximadamente 900.000 gaúchos vivendo fora do Rio Grande do Sul, o

<sup>114</sup> É importante ressaltar que estas etapas são arbitrárias e embasadas nos dados coletados na sede do MTG-SC na cidade de Lages, cotejadas com as entrevistas realizadas no transcorrer desta pesquisa.

<sup>115</sup> OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. Petrópolis, Vozes, 1992. p. 91-2.

equivalente a 11,5% da população daquele estado à época. Opinião, aliás semelhante a do escritor e jornalista Lourenço Cazarré, que afirma: “a migração gaúcha é algo permanente, cotidiano, que vem desde os anos 50, mas que se acentuou na década de 70”<sup>116</sup>. É bastante característico então que, desta forma, o primeiro CTG fundado em Santa Catarina tenha sido em São Miguel do Oeste, região fronteira com a Argentina, de colonização recente (a partir das primeiras décadas deste século), prevalecendo colonos imigrantes descendentes de italianos e alemães<sup>117</sup>, vindos do Rio Grande do Sul<sup>118</sup>. Segue-se, nesse momento, a expansão ainda tímida do tradicionalismo, com um número acumulado de 23 CTG's em 16 anos — para a região do Planalto Catarinense, na qual se destaca a cidade como Lages, e onde as referências campeiras são evidentes, devido a forte atividade pecuária ali desenvolvida<sup>119</sup>, bem como a irrefutável influência cultural sul-rio-grandense.

Entre 1975 e 1985, a expansão tradicionalista em Santa Catarina já é bem mais evidente e organizada. Para além dos fatores que continuam nesta expansão — como os vínculos com atividades campeiras ou as referências culturais do Rio Grande do Sul — os CTG's começam a surgir em regiões onde estas referências não se fizeram presentes ou não foram historicamente decisivas. Em 10 anos o número acumulado de CTG's passa de 23 para 132 unidades.

---

<sup>116</sup> CAZARRÉ, Lourenço. Op. Cit. Apontamentos sobre a diáspora. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luis Augusto (orgs.). *Nós os gaúchos*. V. II. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 14.

<sup>117</sup> Um trabalho elaborado a partir da perspectiva da antropologia e que problematiza a instalação e vivência de italianos no oeste de Santa Catarina, pode ser encontrada em: RENK, Arlene Anélia. *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense*. Rio De Janeiro: UFRJ, 1990. Dissertação de Mestrado. Em relação aos alemães, ver: SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: UNB, 1990.

<sup>118</sup> Ainda sobre este rompimento de fronteiras sul-rio-grandense e o estabelecimento de novas comunidades gaúchas, desta feita na Bahia, ver: COSTA, Rogério Haesbaert. *“Gaúchos” no Nordeste: Modernidade, Des-territorialização e identidade*. São Paulo: USP, 1995. Tese de Doutorado (Geografia).

<sup>119</sup> Ver, por exemplo: SILVA, Elizabeth Farias. O Município de Lages. In: Op. Cit. *O fracasso da oposição no poder. Lages: 1972-1982*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994. Ou ainda: PIAZZA, Walter Fernando. Os caminhos-de-tropa e a conquista do Planalto. In: PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina na História*. Florianópolis: UFSC e Lunardelli, 1983.



Neste sentido, para o período em questão, seria importante considerarmos a emergência de associações de caráter beneficentes como Rotary e Lyons clubes<sup>120</sup>, ocorrida em amplos setores da sociedade brasileira no período, simultaneamente subordinados a um governo militar, onde a vulnerabilidade democrática, a censura, um nacionalismo com características bastante peculiares<sup>121</sup> e obras monumentais que buscavam abrir o país para o interior, forneciam fortes subsídios às práticas sociais destes grupos, bem como do próprio tradicionalismo gaúcho.

Por outro lado, as décadas de 1970 e 1980 de certa forma se caracterizaram como um período de transição de um regime autoritário para um de feições democráticas — a reivindicação representativa deste último, vem sendo, inclusive, argumento bastante corriqueiro em declarações e discursos políticos que tentam se mostrar como opções democráticas, a exemplo do atual presidente da república, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Porém, ao que tudo indica parece também haver no mesmo período e acompanhando a referida transição, uma outra, desta feita voltada a difusão das formas coletivas de solidariedade e da assimilação de valores e normas de comportamento no dia a dia das pessoas<sup>122</sup> e até mesmo de uma maior participação política de todos os segmentos sociais, da qual o tradicionalismo gaúcho de modo algum se excluiu.

Também no referido período ocorre uma autêntica peregrinação em favor da “união ruralista”, promovida por um grupo de fazendeiros criadores de gado de Goiás, e que

---

<sup>120</sup> Os dados obtidos apontam para um crescimento destas associações no mesmo período considerado. Como exemplo pode-se verificar a data de fundação do Rotary Clube de Indaial (1976), Imbituba (1978) e outros.

<sup>121</sup> É do período campanhas publicitárias como: “Brasil Ame-o ou deixe-o”, A construção da Transamazônica, ou ainda a plena vigência dos chamados Atos Institucionais em número de cinco que, por maneiras diversas, exprimiram o forte caráter autoritário e repressivo dos governos que os sustentaram, até pelo menos 1979, quando amplos setores sociais empreenderam uma campanha em favor da anistia política, conseguida oficialmente naquele ano, no governo do então presidente e militar reformado, João Batista Figueiredo.

<sup>122</sup> Os exemplos destas formas coletivas de solidariedade se multiplicam. Mostra disto pode ser observada no grande crescimento no país, nas últimas duas décadas, das chamadas Organizações Não Governamentais (ONG's). Para isto Ver: NEDER, Ricardo. **Figuras do espaço público contemporâneo, associações civis, fundações e ONG's no Brasil**. Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1998, ou ainda Revista VEJA. 09/02/94, p.70 e seguintes. Com isto, não quero aqui mostrar o tradicionalismo como uma possível ONG ou associação

acabou obtendo ao menos o êxito de representatividade política, quando da fundação, em maio de 1985, da União Democrática Ruralista – UDR, estabelecendo as bases do que seria a estrutura de empresários rurais mais organizada do país<sup>123</sup>. Nas palavras de um de seus fundadores, o médico e ruralista Ronaldo Caiado, era preciso “participar ativamente do momento democrático que o país vivia”<sup>124</sup>. Desta forma, se considerando que a maioria das lideranças tradicionalistas são proprietários de terra, das mais variadas extensões e nas mais distintas regiões do país<sup>125</sup>, não causa surpresa que num momento onde se articula uma coordenação política mais efetiva de grandes proprietários rurais, representada principalmente pela UDR, cresça também o número de CTG’s no estado de Santa Catarina, o que ressalta, sem dúvida, a face política que possui um movimento cultural como o tradicionalismo gaúcho<sup>126</sup>.

Em relação a última etapa da expansão tradicionalista, compreendida de 1985 até os dias de hoje<sup>127</sup>, é notório o caráter massivo adquirido pelo movimento no período, onde em 12 anos, o número de CTG’s passa de 132 para 420 unidades, numa impressionante marca de 24 CTG’s fundados anualmente. O crescimento do número de CTG’s entre 1987 e 1988, coincide com o período de elaboração da Constituição brasileira vigente atualmente, onde após várias articulações políticas, foi criado o “Centrão”, segmento político da Câmara dos deputados federais, constituído principalmente por representantes dos setores ruralistas, que entre muitas manobras políticas, conseguiram conter, em boa medida, leis e projetos que visavam implementar uma reforma agrária mais eficiente no país.

---

semelhante. A idéia é, antes de mais nada, mostrar que o gauchismo não se mostrou alheio a este crescimento, pelo contrário, o acompanhou.

<sup>123</sup> Para isto, ver: DREIFUSS, René Armand. **O jogo da direita na nova república**. Petrópolis: Vozes, 1989. Página 69 e seguintes.

<sup>124</sup> DREIFUSS, René. Op. Cit. p. 71.

<sup>125</sup> Como é o caso por exemplo do empresário do setor de transporte da cidade de São José, Oscar Giaretta, ex-patrão do CTG Os Praianos da mesma cidade, que é dono de uma fazenda no estado de Mato Grosso; também de Jacob Momm Filho, tradicionalista já citado, que é proprietário de uma fazenda no Município de Tijucas (SC), ou ainda, por último, do político e tradicionalista, o senador Casildo Maldaner, o qual é proprietário de uma grande fazenda no estado do Maranhão onde também possui um CTG muito bem estruturado.

<sup>126</sup> Ver ainda uma discussão mais detalhada desta questão agrária no capítulo III deste trabalho.

De qualquer modo, após conquistar o status de movimento de grandes proporções, principalmente na década de 1990, o tradicionalismo gaúcho divulgado pelos CTG's, subordinados ao órgão central no estado (MTG-SC), se faz presente em todas regiões do estado. A expansão do gauchismo na diversidade catarinense pode ser melhor visualizada através do acréscimo de CTG's em cada região tradicionalista<sup>128</sup>, conforme se mostra a seguir:

**TABELA III**  
**Distribuição de CTGs Por**  
**Região Tradicionalista 1959-1997**

<b>Região Tradicionalista</b>	<b>NÚMERO De CTG's</b>
1 <sup>a</sup>	64
2 <sup>a</sup>	9
3 <sup>a</sup>	54
4 <sup>a</sup>	43
5 <sup>a</sup>	13
6 <sup>a</sup>	13
7 <sup>a</sup>	42
8 <sup>a</sup>	34
9 <sup>a</sup>	29
10 <sup>a</sup>	23
11 <sup>a</sup>	29
12 <sup>a</sup>	43
13 <sup>a</sup>	24

Fonte: Elaborado a partir de dados do arquivo do MTG-SC, Lages.

Mais ainda, ao relacionarmos a expansão tradicionalista com a diversidade sócio-cultural presente no estado, de modo a melhor entender esta expansão, se produz desta relação a configuração de unidades sócio-culturais mais indicativas. Desta forma, resultam cinco

<sup>127</sup> Os dados apresentados são referentes a dezembro de 1997.

<sup>128</sup> Em número de treze e conforme disposição mostrada na página 50.

macro-regiões: Sul (5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> regiões tradicionalistas), Litoral Central (7<sup>a</sup> região tradicionalista), Oeste (12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> regiões tradicionalistas), Nordeste (8<sup>a</sup>, 9<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> regiões tradicionalistas) e Planalto (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> regiões tradicionalistas). A configuração sócio-econômica e cultural que se apresentam nestas macro-regiões, é bastante diversa. A região Sul recebeu em sua formação um forte contingente de imigrantes italianos, principalmente em cidades como Urussanga e Nova Veneza, bem como também de outras etnias, como alemã em Forquilha, a polonesa e a de descendentes de africanos em Criciúma, cidade que conta com um setor industrial desenvolvido bem como remaneja algumas jazidas de carvão mineral ainda existentes. Na região Litoral Central, de colonização antiga empreendida inicialmente por vicentistas seguidos dos açorianos, ocorreu também a formação de comunidades de imigrantes europeus nas áreas mais afastadas do litoral, como foi o caso do atual município de São Pedro de Alcântara, sendo que esta região agrega as principais atividades do setor de serviços no estado. No Oeste do estado a colonização é bem mais recente, do início deste século, favorecida pelos descendentes de imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul, e onde prevalece a agroindústria, com predominância do abate de aves e suínos. A Região Nordeste teve em sua formação uma forte população de imigrantes alemães e italianos, e nela se encontra o maior parque industrial do estado, em cidades como Blumenau e Joinville, sendo que esta última, hoje, a maior cidade catarinense. Por último, a colonização do Planalto, que a exemplo da litorânea, também é antiga, foi promovida por paulistas e paranaenses e ainda com presença de imigrantes europeus em quase toda sua extensão, sendo que nesta região, enquanto atividades econômicas prevalecem a extração de madeira e a criação extensiva de gado, e onde se localizam os municípios de maiores extensões territoriais do estado. Então, tendo em vista estas considerações, a distribuição dos CTG's em Santa Catarina pode ser assim representada:

## TABELA IV

## Distribuição de CTGs Por Regiões do Estado

REGIÃO	NÚMERO De CTG's
Sul	26
Litoral Central	42
Oeste	67
Nordeste	92
Planalto	193

Fonte: Elaborado a partir de dados do arquivo do MTG-SC, Lages.

O movimento tradicionalista gaúcho vem seguindo sua expansão se firmando em regiões onde as práticas campeiras e a presença da cultura gaúcha não foram (ou são) referências sócio-culturais predominantes. São exemplos, a criação do CTG's: Figueira Velha (1987), da cidade de São José, do Mala de Garupa de Brusque (1989), e do Cidade Azul (1993), da cidade de Tubarão. Mais ainda, os dados indicam a presença do tradicionalismo gaúcho em todas as regiões do estado e em 193 municípios, incluindo todos aqueles mais representativos do ponto de vista econômico.

Conforme visto na tabela acima, as práticas campeiras se mostram ainda como um dos fatores primordiais e irrefutáveis na difusão do gauchismo, uma vez que na região do Planalto é que se encontra o maior número de CTG's, área esta que sofreu de modo mais direto a influência da cultura gaúcha e onde a criação de gado e atividades afins são referências importantes. Isto também se confirma quando se analisa o número de CTG's que foram desativados por motivos diversos e em diferentes datas<sup>129</sup> nas respectivas regiões tradicionalistas.

## TABELA V

**Número De CTG's Desativados Por  
Região Tradicionalista 1959-1995**

<b>Região Tradicionalista</b>	<b>NÚMERO De CTG's</b>
1 <sup>a</sup>	0
2 <sup>a</sup>	0
3 <sup>a</sup>	8
4 <sup>a</sup>	1
5 <sup>a</sup>	1
6 <sup>a</sup>	1
7 <sup>a</sup>	0
8 <sup>a</sup>	0
9 <sup>a</sup>	1
10 <sup>a</sup>	0
11 <sup>a</sup>	0
12 <sup>a</sup>	2
13 <sup>a</sup>	4
	<b>Total: 18</b>

Fonte: Elaborado a partir de dados do arquivo do MTG-SC, Lages.

O Planalto se apresenta como a região onde mais se desativou CTG's, o que de certa forma é compensado pelo grande número de entidades que se verifica nesta região, não indicando, assim, grandes distorções ou até mesmo questionamentos.

Em relação as praticas campeiras, seria interessante considerarmos suas influências em camadas maiores da população catarinense, uma vez que contingentes populacionais diversos, oriundos de regiões como a do Oeste ou do Planalto do estado, se dirigem para outras regiões a exemplo da Litoral Central ou da Nordeste, onde acabam

<sup>129</sup> Não há como precisar a data de desativação exata de um CTG. Desta forma se trabalha com períodos.

fixando residência<sup>130</sup>. Assim, a relação entre o contingente populacional urbano e rural em Santa Catarina pode ser elucidativo:

**TABELA VI**

**População Rural e Urbana do Estado de Santa Catarina**

<b>ANO</b>	<b>RURAL (%)*</b>	<b>URBANA (%)*</b>	<b>TOTAL</b>
1940	924.623 (78,5)	253.717 (21,5)	1.178.340
1950	1.197.785 (76,8)	362.717 (23,2)	1.560.502
1960	1.444.135 (68,2)	673.981 (31,8)	2.118.116
1970	1.655.691 (57,1)	1.246.043 (42,9)	2.901.734
1980	1.473.695 (40,7)	2.154.238 (59,3)	3.627.933
1990	1.333.457 (29,4)	3.208.537 (70,6)	4.541.994
1996*	1.310.114 (26,9)	3.565.130 (73,1)	4.875.244*

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1994.

\* Os números entre parênteses indicam percentuais.

\*\*Conforme dados obtidos na Secretaria do Estado do Desenvolvimento Econômico e Integração ao MERCOSUL/ Diretoria de Geografia, Cartografia e Estatística/ Gerência de Análise Estatística.

Somente a partir da década de 1970 é que a população urbana começa a superar a rural. Neste caso, é inegável que um movimento como o tradicionalismo gaúcho, que entre suas práticas, reafirma um comprometimento com laços que remetam às pessoas a uma vivência mais próxima da rural, — mesmo quando elaborada no campo simbólico, pois um CTG não é a estância em realidade, embora insistentemente busque representá-la — acabe conseguindo um número de adeptos e simpatizantes expressivo em relação a população catarinense<sup>131</sup>.

<sup>130</sup> A grande Florianópolis, por exemplo, se pode inferir com boas chances de acerto que, a partir da década de 1970 começa a receber um contingente expressivo de população proveniente do Planalto, principalmente da cidade de Lages e imediações.

<sup>131</sup> Não existem dados que permitam determinar em que proporção encontra-se envolvida a população catarinense com o tradicionalismo gaúcho. Entretanto, seus participantes (entre eles Luiz Fernando Arruda Paim, 35 anos, engenheiro e morador da cidade de Blumenau, em depoimento concedido a mim em 14/10/97, naquela cidade) afirmam que, direta e/ou indiretamente, cerca de 30% da população catarinense participa ou simpatiza com a tradição gaúcha, o que nos leva a um número aproximado de 1.500.000 pessoas.

Contudo, além das referências campeiras e da oferta de uma possível proximidade com uma vida mais simples, rústica, pautada no respeito e na lealdade, o tradicionalismo gaúcho se expande em regiões e cidades onde os aspectos sócio-econômicos e culturais não se equivalem aqueles praticados pelo gauchismo. Neste sentido, é bastante esclarecedor que após a região do Planalto, o número de CTG's seja maior na região Nordeste, especialmente ao se considerar que houve apenas um CTG desativado nesta região até 1995. Vale lembrar que esta região, em suas referências não encerra ou privilegia práticas campeiras, tampouco uma proximidade maior com a cultura gaúcha. Além disso, é também revelador que a partir de 1996, a referida região apresente um crescimento bastante considerável, e que pode ser visto na tabela abaixo.

#### TABELA VII

##### Crescimento Do Número De CTG's Por Regiões Do Estado Entre 1996 E 1997

REGIÃO	NÚMERO De CTG's
Sul	2
Litoral Central	4
Oeste	7
Nordeste	17
Planalto	26

Fonte: Elaborado a partir de dados do arquivo do MTG-SC, Lages.

– Verificando-se a tendência apontada na tabela acima, e confirmada a região do Planalto como a mais expressiva do tradicionalismo no estado. Porém, se deve ressaltar que o êxito expansivo do movimento em áreas de grande contingentes populacional, visto que as cidades mais populosas do estado se encontram também nas regiões onde o número de CTG's é grande e onde as atividades econômicas são distintas, a exemplo do Planalto e do Nordeste do estado. Também fica patente que uma possível proximidade com a cultura gaúcha, ou com



o Estado do Rio Grande do Sul não são decisivas na tendência de expansão, pois a região Sul, por exemplo, se mostra como área de menor crescimento no estado. As referências étnicas, por si, também não garantem uma aceitação maior do tradicionalismo, posto que ele cresce em cidades como Blumenau e Joinville, e se mantém estagnado ou simplesmente não existe, em cidades como Nova Veneza e Urussanga, e, que em comum tem o fato de serem apontadas como cidades que, de todas as formas, preservam uma identidade cultural voltada às raízes de suas colonizações.

Então, as evidências apontam para um fenômeno sócio cultural complexo, que em muito extrapola relações diretas de vínculos com práticas campeiras ou referências culturais do Rio Grande do Sul. Os dados parecem ser suficientes ao menos para afirmar que a expansão tradicionalista em Santa Catarina é bastante dispersa no aspecto territorial (embora seja muito organizada), e, desta forma, extrapola quaisquer supremacias, quer sejam de ordem econômica ou sócio-identitárias, das quais Santa Catarina é um exemplo pertinente. Sendo assim, não parece ser um excesso sustentar que o tradicionalismo gaúcho seja um fenômeno sócio-cultural bastante complexo, inserido numa complexidade cultural que, principalmente nas duas últimas décadas se caracteriza pela incrível rapidez em provocar mudanças nas condições de vida de um grande número de pessoas (embora muitos ainda estejam excluídos deste processo), fazendo-as procurar — no caso específico do gauchismo — um movimento capaz de servir a uma diversidade de anseios, tais como: lazer, segurança e estabilidade de referências culturais que gostariam de ver preservadas, status social, ou ainda a possibilidade de tornar mais aprazível, ao menos por algum tempo, o próprio cotidiano.

Porém, mesmo com toda a penetração que o tradicionalismo alcança em Santa Catarina, não seria seguro afirmar que o catarinense, em geral, compartilhe das representações e práticas que o gauchismo, em sua expansão, empreende; e mais ainda, que, enquanto um movimento muito bem articulado, o tradicionalismo gaúcho não tenha

enfrentado (ou enfrente) resistências. Sendo assim, a declaração de Aurino Manoel dos Santos, comerciante do Mercado Público de Florianópolis, que se sente um gaúcho nascido em São José, se torna elucidativa:

"Na época em que nós começamos (1972), eu, meu mano, o pessoal da diretoria (futura patronagem do CTG Os Praianos), fomos vaiados, muito vaiados. Quando a gente passava na praça de bombacha e lenço no pescoço, faziam piadas como 'acabou a guerra' e outras parecidas"<sup>132</sup>.

Por outro lado, o professor universitário aposentado, Américo Augusto da Costa Souto, que não compartilha nem simpatiza com a expansão do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina, afirma que a "cultura litorânea não tem nada a ver com esse verdadeiro imperialismo folclórico" que seria o tradicionalismo gaúcho, tampouco teria relação com "costumes campeiros, que tentam impor a cultura gaúcha aos catarinenses". Segue dizendo:

"Eles estão agredindo a nossa identidade, e o que é pior, nós não temos uma identidade tão firme como a deles. E esta é em boa parte uma identidade postiça, porque o gaúcho não é nada disto, pois é em grande medida ficção, tradição inventada."<sup>133</sup>

Contrário a posição de Américo Souto, Gelci José Coelho, conhecido como Peninha, um dos criadores do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) positiva a instalação do gauchismo no estado, e especificamente no litoral, pois:

"A chegada de CTG's anima a população local, que não se identifica com o gauchismo, a retomar suas próprias tradições, pois os gaúchos são organizados, têm dinheiro, presença nacional, são admiráveis e temos que aprender com eles"<sup>134</sup>

<sup>132</sup> Depoimento concedido a mim em Florianópolis, no dia 18 de dezembro de 1995. Em relação as piadas que ainda fazem entre si: catarinenses e sul-rio-grandenses, cada qual, da sua maneira, tentando desqualificar o outro, Aurino, na entrevista lembra que também diziam a eles que "o gaúcho é tão grosso que não passa no estreito". Moacir Claudio Conrad, comerciante de produtos gauchescos na cidade de São José, em entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão no dia 06/12/95, diz o seguinte: "Comigo, aqui no litoral nunca aconteceu de ouvir piadas que me ofendessem, no Rio Grande do Sul sim. A partir do momento que tu colocas uma bombacha tens que estar preparado, tens que ter resposta, se não sabe inventa, mas não deixa ninguém sem reposta".

<sup>133</sup> Entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis, no dia 28/10/95.

<sup>134</sup> Entrevista concedida a Jakzam Kaiser, na cidade de Florianópolis em novembro de 1995. Opinião semelhante mostra Teófilo Mattos. Op. Cit. Tradicionalismo mascarado in: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, ano XIX, número 34, Florianópolis, dezembro de 1981, "Por que não implantamos o movimento tradicionalista catarinense, com as nossas várias origens étnicas, onde sempre predominou a cultura popular açoriana, formando

Inicial e apressadamente se poderia concluir que, em sendo aceito e positivado numa região como a litorânea, conforme a declaração acima indica, o tradicionalismo estaria obtendo, desta forma, uma aceitação irrefutável, pois em outras regiões, mais afeitas ao gauchismo (como a Oeste ou a do Planalto), dificilmente se mostrariam resistentes ao movimento. Tal pensamento é, sem dúvida, prematuro. A cidade de Lages pode ser indicada como contraponto e exemplo. Mesmo que as práticas campeiras tenham auxiliado e ainda auxiliem a expansão do tradicionalismo, sua presença não é garantia de assimilação do gauchismo por parte daqueles que nessas regiões habitam. Isto pode ser melhor compreendido em declarações como a do escritor e jornalista Raul Arruda Filho, que nasceu e foi criado no Planalto Catarinense e nunca considerou-se um gaúcho. Ele, inclusive, acredita que se deve reagir contra a “ideologia do gauchismo”. Lembra que a cidade de Lages somente recebe um contingente expressivo de sul-rio-grandenses (populações descendentes de italianos e provenientes do Norte do Rio Grande do Sul, especialmente de Caxias e região) a partir da década de 1940, para trabalharem na exploração da madeira. Segue ele:

“Alguns anos depois da chegada dos italianos vieram os CTG’s. Acontece que a melhor forma de estabelecer uma identidade, entre aqueles que estão perdidos culturalmente, é adotar as referências mais recentes – mesmo que sejam estranhas a sua história anterior. E isso aconteceu. Em lugar de recriar, no planalto catarinense, uma nova colônia italiana, os imigrantes optaram por reviver a experiência gaúcha, com seus ideais épicos de conquistas e aventuras. O fascínio da lida com o gado, da doma, do churrasco e do chimarrão foi mais forte.”<sup>135</sup>

Esta reflexão, para além da discussão que poderia suscitar a sugestão feita aos descendentes de italianos para “recriarem” uma nova colônia italiana — dado as implicações e análises que do ponto de vista da história tal empreitada acarretaria — , aponta para uma questão que deve ser levantada: o envolvimento de populações formadas por descendentes de

---

assim um lindo mosaico nativista?”. Em conversa informal que tive com Júlio Fernandes, estudante de História, pude ouvir deste que “nós tentamos até formar um centro de tradição açoriana (mostrando uma camiseta com a sigla CTA), mas não deu muito certo, faltou a organização e vontade que tem nos CTG’s”.

italianos, e não somente elas, como também a dos descendentes de alemães, com o tradicionalismo gaúcho.

Ruben Oliven, ao comentar o envolvimento de populações de alemães e italianos e seus descendentes com o tradicionalismo gaúcho, no Rio Grande do Sul, lembra que o segundo CTG fundado naquele estado, surgiu na cidade de Taquara, de colonização alemã. Diz ele: “os fundadores do segundo CTG eram adultos, em boa parte de origem alemã. À semelhança do que pode ter acontecido com os dois CTG’s pioneiros criados em área de colonização alemã durante a II Guerra Mundial, a criação do CTG de Taquara foi uma forma de seus fundadores afirmarem sua brasilidade”, e termina afirmando que Barbosa Lessa (um dos pioneiros do tradicionalismo gaúcho no Rio Grande do Sul) lhe confessou, em entrevista, sua surpresa com a localização do segundo CTG no estado ‘nós achávamos que viria eventualmente da Campanha e veio da região colonial alemã’<sup>136</sup>. Apesar de ser tentadora uma relação direta desta argumentação com o crescimento de CTG’s em áreas de colonização alemã em Santa Catarina, se deve tomar cautela, e não tomar, de imediato, como uma explicação plausível. Vale lembrar que o primeiro CTG no estado é criado em 1959, portanto 14 anos após o fim da II Guerra, num momento onde já claramente se mostrava um processo de perda do sentimento de medo e perseguição que aquelas populações alimentaram no Pós-Guerra, e, ainda que outras ainda estivessem latentes, e embora não exclusiva a elas, com certeza parte destas populações as alimentavam, como parece ser o caso da idéia do não-pertencimento à nação brasileira ou da resistência a integração. As conjunturas que se apresentaram nas décadas seguintes se mostraram bastante complexas (diria híbridas) para se fazer tal categórica afirmação. Se este foi um dos motivos (não se deve excluir a possibilidade), com certeza outros se fizeram e se fazem presentes, e com maior intensidade.

---

<sup>135</sup> ARRUDA FILHO, Raul. Lageano não é gaúcho. In: Jornal A notícia. Joinville:A Notícia, 28/06/96. p.C- 8

<sup>136</sup> OLIVEN, Ruben George. Op. Cit. 79-80.

Para Américo Souto, que como visto, pensa o tradicionalismo gaúcho como uma ameaça à identidade catarinense — embora o próprio reconheça a dificuldade de estabelecer em que consistiria esta identidade —, o envolvimento das populações que descendem de italianos, bem como as que descendem de alemães com o tradicionalismo, em parte explica a expansão tradicionalista no estado, uma vez que se trata de um movimento que estimula a vivência de um “heroísmo rústico”, uma épica rural influenciada pela participação de gaúchos em Revoluções como a Farroupilha e a Federalista, ou ainda a participação destes em conflitos fronteiriços e/ou internacionais, como a guerra do Paraguai e que, segundo ele, seria um sentimento convergente entre estas populações<sup>137</sup>. Embora a declaração tenha consistência, posto que se pode facilmente verificar, em rápida revisão historiográfica, o envolvimento destas populações (especialmente dos alemães e descendentes) em conflitos como aqueles já mencionados, se faz necessário, contudo, outras considerações a respeito. Tal envolvimento, parece, não deve ser utilizado como argumento capaz de estabelecer relações diretas daquelas populações com um segmento político específico<sup>138</sup>, com uma idéia de nação compartilhada por todos, ou ainda, em outro sentido, de formação de nichos culturais que de toda forma tentam preservar uma cultura que a cada dia a eles se mostra mais volátil e distante.

É o que se pode perceber, como exemplo, no caso de conflitos como a Revolução Federalista, que envolveu de modo mais direto o estado do Rio Grande do Sul, mas que se estendeu também a Santa Catarina. Ao comentar a participação de populações alemãs e

---

<sup>137</sup> SOUTO, Américo. Depoimento citado

<sup>138</sup> Geralmente ocorre uma relação direta de populações de alemães, e italianos e seus descendentes com regimes autoritários, como o fascismo e o nazismo. Segundo Luiz Felipe Falcão: “pode-se dizer sem nenhum receio de equívoco que a exaltação da Alemanha nazista e da Itália fascista, secundados pelo Portugal salazarista e depois pela Espanha franquista, era quase que unânime e onipresente na imprensa de Santa Catarina dos anos trinta, independentemente de sua filiação partidária, da sua área de circulação ou mesmo da língua em que estava sendo redigida. Nela, as restrições à democracia liberal e o anticomunismo militante faziam-se presentes em tonalidades variadas, porém mediante uma convergência impressionante no sentido de sublinhar as ações remodeladoras dos fascismos europeus em suas respectivas sociedades e a urgência de erguer barreiras protetoras diante da ameaça proporcionada pelo “perigo vermelho”. In: Falcão, Luiz Felipe. Op. Cit.

descendentes na Revolução Federalista, bem como a memória destes em relação ao conflito, diz René E. Gertz: “analisando-se os escritos em alemão sobre a Revolução Federalista, pode-se perceber claramente dois surtos de textos: um é o que vai do final da Revolução até a Primeira Guerra, o segundo localiza-se nas décadas de 1950/60. (...) De maneira geral, pode-se dizer que os escritos produzidos até a Primeira Guerra se caracterizam pela diversidade do enfoque. Eles abrangem enfoques humorísticos, trágicos, visões simpáticas sobre federalistas, elogios aos castilhistas e muita outra coisa. (...) existiam pessoas com os posicionamentos mais diversificados possíveis. (...) Num segundo momento, sobretudo após 1950, a quase totalidade dos textos encontrados é de (...) uma clara tendência antifederalista e destaca as origens “exógenas” da Revolução nas regiões de colonização alemã”<sup>139</sup>.

Também entre estas populações, principalmente entre alemães e descendentes, existiu um envolvimento e até mesmo um fascínio em relação ao cavalo. Segundo Ruben Oliven “os estudiosos da colonização assinalam que os imigrantes estrangeiros idealizavam o gaúcho como tipo socialmente superior. Para isso contribuiu não somente o fato de os fazendeiros formarem a camada social mais poderosa (...) mas também de o símbolo principal do gaúcho ser o cavalo”<sup>140</sup>, e, o tradicionalismo a instrumentalização deste símbolo. Emílio Willems reforça o argumento de Ruben Oliven, afirmando que em 1946, tal fascínio já se fazia presente entre estas populações, mesmo antes do primeiro CTG fundado (1948). O autor segue dizendo que “o cavalo, apesar de sua inegável importância nas atividades cotidianas da

---

<sup>139</sup> GERTZ, René E. A memória da guerra civil de 1893 nas regiões de colonização alemã. Pgs.97-113. In: RAMBO, Arthur Blásio e Félix, Loiva Otero. (orgs.). **A revolução Federalista e os teuto-brasileiros**. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: UFRGS, 1995. Em Santa Catarina, um episódio que mostra o envolvimento de populações alemãs e descendentes em conflitos, opondo uma arraigada germanidade com uma polêmica brasilidade pode ser ilustrativo: uma canhoneira de nome Panther, de bandeira alemã, cujos oficiais e marinheiros desembarcaram no porto de Itajaí, onde ela estava ancorada, durante a madrugada de 27 de novembro de 1905, para realizar buscas inclusive em domicílios particulares sob o pretexto de capturar um desertor. Noticiado com destaque pela imprensa (...) o caso assumiu proporções de crise diplomática envolvendo o Brasil e a Alemanha, sendo contornado apenas quando este último país apresentou, menos de dois meses depois, satisfações formais ao governo brasileiro. Em Santa Catarina, todavia, tal episódio manteve-se vivo por mais de um ano, graças a acesa polêmica que confrontou o jornal ‘Novidades’, de Itajaí, o qual divulgou o ocorrido com moderação e apoiou as gestões diplomáticas lideradas pelo Barão do Rio Branco (então ministro das relações exteriores), e o ‘Der Urwaldsbote’, de Blumenau, para quem tudo não passara de artimanha grosseira promovida por nativistas com o intuito de manchar a honra da nação alemã”. In: Falcão, Luiz Felipe. Op. Cit.

colônia, seria também um signo de status, pois estaria associado a uma tradição cultural européia em que seu uso assumia um significado quase que aristocrático (o que, aliás, não se estendia ao burro ou à mula, considerados como ridículos de se montar), (...) e a ampla difusão do cavalo de montaria entre os colonos indicava igualmente o forte fascínio exercido entre eles pelos habitantes do planalto catarinense (“serranos” ou “gaúchos”), de quem absorveram outros costumes, como o de sorver chimarrão, em contraste com o desprezo que nutriam pelos brasileiros do litoral, encarados como indolentes e preguiçosos<sup>141</sup>.

Ainda com relação às populações descendentes de alemães, não há como garantir que sua presença se configura em barreira ou auxílio à expansão tradicionalista no estado. Os clubes de Caça e Tiro que com bastante frequência são mostrados como autênticos centro de tradições alemãs<sup>142</sup>, podem exemplificar. Encontra-se nos arquivos do MTG-SC em Lages, uma declaração segundo a qual “os sócios fundadores do CTG Querência do Tio Bento, de São Bento do Sul (Nordeste do estado e 9ª região tradicionalista), vêm se reunindo regularmente na sociedade de atiradores 23 de setembro, deste município”<sup>143</sup>, sendo signatários da declaração o patrão Carlos de Oliveira e o Capataz Rubens Schroeder. Neste caso, houve sem dúvida, uma colaboração do clube à penetração do tradicionalismo. Contudo, não significa que o gauchismo tenha provocado uma quebra considerável destas tradições, uma vez que estas se encontram já bastante reduzidas e bastante inseridas na cultura daquela região, num razoável hibridismo ( a se observar, por exemplo, os nomes da patronagem do CTG citado acima), salvo excepcionais nichos culturais que sustentam, ainda, boa parte dos laços identitários dos primórdios da colonização.

---

<sup>140</sup> OLIVEN, Ruben George. Op. Cit. p. 80.

<sup>141</sup> WILLEMS, Emílio . **A aculturação dos alemães no Brasil** (segunda edição, edição original em 1946) . São Paulo e Brasília: Companhia Editora Nacional e Instituto Nacional do Livro, 1980, páginas 6 e também 135 a 139.

<sup>142</sup> Para isto, ver uma boa discussão apresentada em : FLORES, Maria Bernadete Ramos. **OKTOBERFEST: Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. Pgs. 27 e seguintes.

<sup>143</sup> Conforme documento encontrado nos arquivos do MTG, em Lages.

Entretanto, mesmo tendo elementos que aparentam ampliar as possibilidades do tradicionalismo em áreas que lhes eram estranhas, como é o caso do Vale do Itajaí, do Litoral e da Região Nordeste do estado, o gauchismo também enfrenta restrições à sua expansão. É o que se depreende da declaração de Darcy Pandini, comerciante da cidade de Presidente Getúlio, Alto Vale do Itajaí, município que em sua formação recebeu um contingente expressivo de alemães e descendentes:

“Há muitos anos, desde pequeno, a gente pedia ao nosso pai para que ele fundasse um CTG aqui na cidade, porque a gente sempre gostou da tradição. Mas sozinho era difícil. E o prefeito, por achar que a cidade era de origem alemã, não caberia um CTG”<sup>144</sup>

Na mesma região do estado, na cidade de Laurentino, próxima a Rio do Sul, Márcio Oliveira, empresário, 22 anos, um dos fundadores do CTG Laço Aberto, afirma que a tradição gaúcha sofreu muita resistência ao chegar no seu município. Em sua formação, Laurentino recebeu um contingente expressivo de italianos e descendentes (o que se verifica também em municípios vizinhos, como Rio do Oeste, por exemplo). Segundo ele:

“Aqui em Laurentino a maioria das pessoas tem origem italiana. Então a gente ao tentar colocar a tradição gaúcha sofreu bastante preconceito. Depois foram vendo que a coisa era séria, e hoje tá todo mundo de bombacha”.<sup>145</sup>

A ocorrência e a penetração do tradicionalismo entre as populações consideradas descendentes de europeus, sobretudo as alemãs, se deve a fatores múltiplos, diretos ou indiretos, mas sem dúvida, bastante interpenetráveis. Embora o gauchismo cresça em algumas destas áreas, como é o caso da região Nordeste e Vale do Itajaí, os vínculos do tradicionalismo com aquelas populações, embora visíveis, não se constituem em elementos que garantam o sucesso do tradicionalismo, visto que ele não cresce em outras regiões, onde alemães e italianos (e seus descendentes) se fazem presentes, como por exemplo, a região Sul

---

<sup>144</sup> Entrevista concedida a mim em 13/10/97, na cidade de Presidente Getúlio.



do estado. Também se deve lembrar que o tradicionalismo se expande de modo a supervalorizar um discurso de feições extremamente regionalista<sup>146</sup>, e muitas vezes não includente, o que favorece sua penetração entre segmentos da população brasileira, em geral, e da catarinense em particular, que quando postos frente a momentos de recrudescimento social, deixam aflorar os mais enfáticos sentimentos de (in)diferença em relação ao país, não parecendo ser relevante, nesta situação, que estas pessoas envolvidas, sejam ou não, imigrantes ou descendentes deles, tão somente.

Em Santa Catarina, o tradicionalismo gaúcho tem se mostrado como alternativa àquelas pessoas que desejam preservar algumas referências culturais<sup>147</sup> ou mesmo como uma forma de reação a uma possível sociedade global, da qual o movimento tenta excluir-se, simultaneamente reivindicando para si, o suporte real de uma cultura regionalista. Além disto, a aproximação destas pessoas que mantêm o desejo de preservar referências culturais alcançadas pelo tradicionalismo — um movimento de concepção claramente conservadora —, tende a se motivar pela afinidade destas com práticas empreendidas pelo gauchismo, tais como: a possibilidade de educar os filhos num ambiente que privilegia o respeito e a total obediência aos mais velhos; de atingir uma maior projeção social ou ainda de possibilitá-las usufruir de momentos de lazer, ao participarem de grupos de cavalgadas, tiros de laço ou competições que envolvam o cavalo, animal com o qual se torna mais inviável uma aproximação, frente a vida predominantemente urbana que acabam levando<sup>148</sup>. Sem dúvida,

---

<sup>145</sup> Depoimento concedido a mim na cidade de Laurentino em 14/10/97.

<sup>146</sup> Num instigante trabalho, Alfredo Bosi declara que: “a dialética da colonização não é tanto a gangorra de nacionalismo e cosmopolitismo (que se observa também em culturas européias) quanto a luta entre modos de pensar localistas, espelho dos cálculos do aqui-e-agora, e projetos que visam à transformação da sociedade recorrendo a discursos originados em outros contextos, mas forrados de argumentos universais. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994. p. 382.

<sup>147</sup> Estas referências culturais e as práticas relacionadas a elas, empreendidas pelo movimento tradicionalista gaúcho, serão discutidas no capítulo III.

<sup>148</sup> Estas práticas e representações sociais serão discutidas de forma mais elaborada no capítulo III. Quanto ao cavalo, já prestes a finalizar esta pesquisa, tive conhecimento que nos últimos anos, cresce no estado, ao que tudo indica, principalmente no Alto Vale do Itajaí, o número de “Clubes do Cavalo”. Tais entidades não são CTG’s. Assemelham-se a uma grande casa de campo, com baias para acomodação dos cavalos, e onde os associados podem usufruir de momentos de cavalgadas e outras atividades. Mais do que isto, nestes clubes se encontram pessoas que simpatizam ou tem afinidade com uma vida que tenta idealizar os aspectos rústicos que a

esta afinidade contribui de modo decisivo para o crescimento da tradição gaúcha em Santa Catarina. Este leque de influências e possibilidades, contudo, como mostra Luiz Felipe Falcão, “não deve ser encarado como uma absorção ingênua ou automática de influências variadas por parte de um movimento aberto à diversidade cultural, uma vez que o tradicionalismo gaúcho, bem ao inverso, propõe-se como a única modalidade autêntica de cultura em todo o sul do Brasil e mesmo algo além, descortinando assim um projeto de homogeneização das práticas e representações simbólicas de grupos sociais originalmente muito distintos entre si”<sup>149</sup>.

Então, as práticas sociais engendradas pelo tradicionalismo gaúcho onde ele se instala, e especialmente em Santa Catarina, ultrapassam os limites de análises de um simples sistema clubístico ou de um movimento que cresce por um modismo eventual. Essas práticas, o modo pelo qual o tradicionalismo gaúcho se expande, contribui para uma complexificação maior da rede social onde ele está inserido. O tema sem dúvida “dá pano pra bombacha”<sup>150</sup>. É o que se tentará discutir no capítulo III...

---

vida do campo pode oferecer, e sobretudo, formar novas amizades, conhecer outras pessoas que como aquele que frequenta, detém recursos financeiros apreciáveis. Uma pesquisa mais cautelosa (as evidências até agora são poucas para quaisquer conclusões), pode revelar que uma considerável parcela destes associados se encontram também filiados em CTG's, numa autêntica interpenetração de interesses e vontades.

<sup>149</sup> FALCÃO, Luis Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

<sup>150</sup> Expressão utilizada por Maria Eunice de Souza Maciel em: Op. Cit. Marcas. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. V. II. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 181.

“Onde o público se estabelece como grupo fixo de interlocutores, ele não se coloca como equivalente ao grande público, mas reivindica aparecer de algum modo como seu porta-voz, talvez até como seu educador.”

(Jürgen Habermas)

“Nada se sabe, tudo se imagina”

(Federico Fellini)

“O que é que pode fazer um homem comum neste presente instante, senão sangrar, tentar inaugurar a vida comovida, inteiramente livre e triunfante?”

(Belchior)

### CAPÍTULO III:

#### O ESPÍRITO NA REDE:

O filme é, pretensamente, uma comédia<sup>151</sup>. Não é uma obra de referência do cinema. É até bastante simples. Dois cartógrafos vindos de uma cidade grande chegam a uma pequena cidade para medir uma montanha e descobrem que ela não passa de uma colina, e, portanto, não constará do mapa. Desta forma se metem em algumas confusões, pois a pequenina cidade não queria se ver fora do mapa, de jeito algum. No meio da celeuma instalada, um dos moradores mostra sua inquietude, perguntando: “quem esses cartógrafos pensam que são?”. A História Cultural, entre outras contribuições, realiza um esforço vigoroso em mostrar que a percepção do social não é neutra, envolve certamente lutas de representação, entendidas como práticas conflitivas. Tenta delimitar as configurações que permitem a cada grupo construir a realidade, privilegiando o estudo das práticas que possibilitem o reconhecimento das formas institucionalizadas que asseguram a demarcação visível de um grupo, bem como de seus laços identitários. A inquietação persiste: “Quem eles

---

<sup>151</sup> O filme a que me refiro é: O inglês que subiu a colina e desceu a montanha (Englishman who went up a hill and came down a mount) / direção: Christopher Monger, EUA, 1995.

pensam que são?”, uma pergunta que parece não ser nem mesmo feita previamente à resposta, pois a sociedade se constitui fazendo emergir uma resposta a cada pergunta em sua vida, em suas atividades. “É no fazer de cada coletividade que surge como sentido encarnado à resposta a perguntas, é esse fazer social que só se deixa compreender como resposta à perguntas que ele próprio coloca implicitamente”<sup>152</sup>

O tradicionalismo gaúcho alcança uma forte penetração social em todas as regiões e na maioria dos municípios de Santa Catarina. Então, seria oportuno realizar algumas considerações das práticas e representações sociais realizadas por este movimento em sua expansão no estado. Considerações estas que talvez possibilitem uma problematização melhor dos mecanismos pelos quais o movimento tradicionalista vem fazendo valer “a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, o seu domínio”<sup>153</sup>. Talvez desta forma consigamos alcançar ao menos um esboço, através de suas práticas, daquilo que o tradicionalismo é, de como ele se pensa e se mostra em Santa Catarina e as motivações que levam a sua expansão. Contudo, ao promover tal empreitada aceitamos sem restrições a sugestão de Michel Foucault, quando diz: “Não gostaria que o que escrevesse aparecesse como contribuindo para uma pretensão de totalidade. Não quero universalizar o que digo e, inversamente, o que não digo não o recuso nem o considero forçosamente inessencial. Meu trabalho acha-se entre esperas e pontos suspensivos. Eu gostaria de abrir uma canteira, ensaiar e, caso fracasse, voltar e começar de outro modo”<sup>154</sup>.

A diversidade cultural presente em Santa Catarina tem sido permeável à expansão tradicionalista. Mesmo frente a diversidade estadual, o tradicionalismo se expande

---

<sup>152</sup> CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 177.

<sup>153</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa e Rio de Janeiro: DIFEL e Bertrand, 1990. p. 19.

<sup>154</sup> FOUCAULT, Michel. Debate con los historiadores (1978), in TERÔN, Oscar (org.). **Michel Foucault: el discurso del poder**. México: Folios, 1980.

praticamente da mesma maneira e sob os mesmos princípios<sup>155</sup>, ignorando a diversidade cultural existente, e mais ainda os conflitos<sup>156</sup>, os campos de disputa e luta que nela já se fazem presentes. Mesmo que por vezes as relações estabelecidas pelos tradicionalistas sejam diluídas numa configuração social maior, como parece ser o caso da presença do gauchismo nos grandes centros, elas, contudo, são muito bem marcadas, uma vez que se encontram orientadas por um Estatuto estabelecido pelo MTG-SC, que exerce uma rígida fiscalização sobre os CTG's do estado. Assim, em um dos artigos que constituem o Estatuto do MTG em Santa Catarina, entre outros objetivos traçados por aquela entidade, se pode encontrar o seguinte:

“Fazer de cada CTG, um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para reação em conjunto frente aos problemas comuns.”<sup>157</sup>

Este é o sétimo de uma lista de vinte e nove princípios básicos que constituem as regras referentes as práticas sociais do tradicionalismo gaúcho, não apenas em Santa Catarina, mas no Brasil de modo geral. Contudo, mesmo tratando-se de um movimento pautado em forte disciplina e obediência, algumas regras são infringidas. Assim, em análise mais elaborada, existem evidências suficientes para desconfiarmos, de modo incisivo, do comportamento homogêneo que o tradicionalismo diz ter em sua expansão no estado. Segundo Eric Hobsbawm, “as tradições inventadas tem funções políticas e sociais importantes e não poderiam ter nascido nem se firmado se não as pudessem adquirir”<sup>158</sup>. Estas funções políticas e sociais, apontadas por Hobsbawm, colaboram para a ocorrência do

---

<sup>155</sup> Princípios estes determinados pelos Estatutos de cada CTG, que em quase nada diferem daquele estabelecido pelo MTG-SC.

<sup>156</sup> São exemplos destes conflitos, destas disputas e lutas, presentes na sociedade brasileira em geral e na catarinense de modo particular, temas tais como: reforma agrária, racismo, política partidária e relações de gênero.

<sup>157</sup> Extraído do livro de estatutos e regulamentos publicado pelo MTG-SC, em 1995. Artigo VII, p.16

<sup>158</sup> HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). Op. Cit. p. 315.

tradicionalismo gaúcho nas mais diversas regiões, e desta forma, para o seu crescimento no estado. Mais ainda, colaboram para um aumento considerável do envolvimento de catarinenses com tradicionalismo, conforme afirma Aurino Manoel dos Santos, para quem “a tradição é coisa bonita”. Diz ele:

“No início, quem freqüentava CTG era só o pessoalzinho com menos poder aquisitivo e menos estudo, mas que gostava de cavalo e de participar de rodeio. Agora, hoje não, hoje é estendido a doutor: médico, advogado, engenheiro, e assim tem gente com mais cultura no movimento, dando mais autoridade e criando mais respeito na sociedade. E, quando este pessoal se junta, não tem canudo, ninguém sabe quem é quem, são todos iguais: um toma um trago no copo do outro, um empresta a faca para o outro cortar uma costela, enfim, é uma coisa totalmente diferente.”<sup>159</sup>

Ainda que definir a tradição como algo “bonito” seja algo bastante evasivo, de outro modo, fica evidente, pela declaração, o envolvimento de pessoas das mais variadas camadas sociais com o tradicionalismo gaúcho que, enquanto anônimos portadores de bombacha, tentam apaziguar diferenças que de outra forma são bastante visíveis; promovendo assim a expansão do gauchismo. Aliás este ambiente apaziguador, ou ao menos assim pensado, encontrado em um CTG, é um argumento bastante freqüente entre aquelas pessoas que cultivam a tradição gaúcha. Um ambiente onde confraternizam-se diferentes pessoas e gerações, homens e mulheres, pais e filhos, oferecendo a seus adeptos a possibilidade de, ao menos por algum período (como por exemplo, a duração de um rodeio, que é em média de três dias) viverem de modo tranqüilo e simples. Segundo Jacob Momm Filho, tradicionalista, referência gaúcha nacional, o tradicionalismo gaúcho capacita-se a viver tal experiência, pois:

“(...) nossos eventos são coisa séria, são coisa límpida e transparente, sem envolvimento de drogas, sem envolvimento de prostituição, sem envolvimento de briga, de rixa. Então, é realmente uma coisa sadia. Sentam na mesma mesa o pai e a mãe, o filho e a filha, e durante o baile dança o pai com a filha, a mãe com o filho, a filha com o irmão,

---

<sup>159</sup> Entrevista concedida a mim na cidade de Florianópolis em 18/12/95.

há aquela troca de pares, que é muito importante para a amizade, para a fraternidade familiar. Em nosso meio, existe isso tranqüilamente. Outro fator que mostra como convivemos em nossos eventos é que dormem na barraca pai, mãe e filhos, moços e velhos. Todos tomam banho religiosamente, são limpos, não importa se está frio ou se está chovendo. O filho vai buscar água para a mãe fazer o jantar ou para servir o chimarrão aos amigos de seu pai, vai buscar uma cerveja para o pai ou ajuda a fazer uma caipirinha. Então, esta convivência familiar que não é por horas, mas durante a noite da sexta-feira, todo o dia do sábado e mais o domingo até o final da tarde, é a revolução que explica a ascensão do tradicionalismo. Porque no mundo contemporâneo, as obrigações, os compromissos, fazem com que a família se disperse: o filho vai para o colégio, a filha vai trabalhar, o pai vai para o seu emprego, a mãe, se não é dona de casa, que tem seus afazeres, também trabalha fora. Então, durante a semana, a família se dispersa. E nos rodeios, no final de semana, é o ponto de encontro onde há o diálogo pai e filho, pai e filha, mãe e filhos, naquele ambiente familiar, cada um compreendendo as suas dificuldades, os seus aborrecimentos, e aprendendo a sua educação.<sup>160</sup>

Esta face familiar oferecida pelo tradicionalismo gaúcho, é, sem dúvida, uma forte condição para seu crescimento no estado. Frente a um mundo que muda com uma velocidade muito grande — repleto de violência, drogas e imoralidades — e para aqueles que de alguma forma desejam preservar referências culturais ameaçadas por um mundo hostil, o ambiente tradicionalista é uma opção tentadora. É o que sente Darci Pandini, comerciante e patrão do CTG Laço Getuliense, da cidade de Presidente Getúlio, Alto Vale do Itajaí:

“São bailes de respeito. Mantém-se respeito com a prenda. Não existe agarramento. A tradição gaúcha cresce devido ao ambiente familiar que aqui se vive. Existe um companheirismo, a gente visita e é visitado; na tradição fiz um monte de amigos e gente das mais variadas classes sociais. Cada um dando sua contribuição.”<sup>161</sup>

Fica evidente que no intuito de conciliar o “contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e

<sup>160</sup> Entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão, na cidade de São José, em 31/10/95

<sup>161</sup> Entrevista concedida a mim em 13/10/97, na cidade de Presidente Getúlio. Ainda com relação aos CTG's do Alto vale do Itajai, em mensagem enviada aos CTG's do estado comunicando sua nova patronagem, o CTG Paraíso da Tradição, de Rio do Sul, divulga o seguinte: “As guerras, a violência, a corrupção, as drogas, são motivos para cultivarmos cada vez mais a tradição gaúcha”.

invariável, ao menos alguns aspectos da vida social”<sup>162</sup>, o tradicionalismo gaúcho vem divulgando ou propagando uma alternativa de vida com uma concepção de feição fortemente moralista, como a manifestada por Irapuã Palermo Pereira Jorge. Paranaense que mora em Florianópolis desde 1975, onde trabalha como cirurgião dentista, ele se diz orgulhoso por ter, enquanto tradicionalista gaúcho, participado como sócio de apenas dois CTG’s (Vila Velha em Ponta Grossa e o Figueira Velha de São José), pois “tradicionalista não pode ficar pulando de galho em galho”. Diz Irapuã:

“Eu tenho dois filhos: minha filha quer dançar e meu filho quer participar das lides campeiras. Indo para o rodeio, eles estão embaixo dos meus olhos. Meu filho, por exemplo, precisa do pai para carregar o cavalo, para sustentar o cavalo. Se ele envereda para o lado de uma prancha de surf, ele não precisa que eu vá junto, nem quer que eu vá, porque não faz questão que eu fique na beira da praia olhando ele surfar. Ele, com uma prancha, põe embaixo do braço, pega um ônibus, pega carona com qualquer amigo, e vai embora. Mas, dentro da tradição, ele precisa do pai, precisa que eu leve o cavalo dele, precisa que eu sustente o cavalo dele, e sustentar um cavalo hoje não é fácil, não é barato. Com isso, o que você pode esperar da gurizada? Um porre de vinho, cachaça, cerveja? Amarga três dias, vê que não é tão bom assim um porre, e no próximo já sabe que tem de manejar. (...) Enquanto ele está pensando em cavalo, vaca e dança, não está pensando em besteira.”<sup>163</sup>

Barbosa Lessa, um dos pioneiros do tradicionalismo gaúcho organizado na forma de CTG’s, após listar uma série de motivos que o levaram e também a outros amigos seus a integrarem-se ao tradicionalismo gaúcho, afirma ser o “fandango um incrível antídoto ao conflito de gerações, com pais e filhos comungando alegria em pé de igualdade. Em resumo: o retorno moral ao tempo de dantes. Não se trata de reviver esterilmente o passado. Mas, sim de resgatar, do passado, a esperança perdida”<sup>164</sup>. Este aspecto da oferta de um lazer sadio, onde a luz é acesa e as famílias se congraçam é também algo que precisa ser considerado,

<sup>162</sup> HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.10.

<sup>163</sup> Entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão, na cidade de Florianópolis, em 19/12/95.

<sup>164</sup> Lessa, Luiz Carlos Barbosa. Porteira aberta. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. V. I Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 76



pois, em alguns municípios do estado os CTG's acabam por mostrar-se como alternativa quase exclusiva de divertimento, seja ele promovido nas atividades campeiras (torneios de laços, gineteadas, etc) ou nas atividades consideradas culturais ou artísticas, como concursos de dança tradicionalista ou nos bailes e fandangos que se espremem no calendário organizado anualmente pelo MTG-SC.

Homero Milton Franco, o já referido jornalista e apresentador conhecido como Mano Terra, também acredita que as danças gaúchas (como o xote, o bugio, a polca, por exemplo, acompanhadas de indumentárias, tanto masculinas quanto femininas, que são bastante recatadas), propiciam um ambiente acolhedor e seguro para os bailes e outros encontro sociais do gauchismo<sup>165</sup>. Ele segue dizendo que:

“O movimento de tradição gaúcha firma-se pela necessidade que as famílias sentem da volta a valores passados. Isto explica a existência do gauchismo em qualquer terra (italianos, alemães portugueses, poloneses, japoneses, etc.). Nos eventos gaúchos vão o avô, o pai, o neto, o bisneto, a luz é acesa, volta-se ao valor das coisas que se conhecia e que se conheceram no passado, e isso aí é muito forte. É a maior explicação que eu tenho. O elo com a família e o fazer dos antigos. Isto explica a penetração do gauchismo em qualquer sociedade<sup>166</sup>.”

A advogada Irene Bornhausen Cunha, residente em São José, e pessoa ativa dentro do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina, do qual participa há 18 anos, salienta esta opção tentadora que é o tradicionalismo gaúcho para as pessoas que dão valor a uma vivência harmoniosa entre as famílias e dentro de cada uma delas. Ela diz que em sua casa “todos conversam, falam e pensam no estilo tradicionalista”. Acreditando que a aceitação do tradicionalismo se dá devido a importância dada pelo movimento aos valores familiares, capazes de dirimir brigas e diferenças entre as pessoas, Irene B. Cunha afirma:

---

<sup>165</sup> Nos últimos dez anos aumentou consideravelmente o número de atividades sociais entre os tradicionalistas que antes era feito em clubes ou salões e igrejas. É exemplo disso o número de bailes de debutantes, casamentos, e outras atividades promovidas pelos CTG's.

<sup>166</sup> Entrevista concedida a mim e a Luiz Felipe Falcão na cidade de Florianópolis, em 19 de dezembro de 1995.

“O jeito como recebemos nossos amigos, como as famílias se reúnem, é muito importante para nós. O sustento do tradicionalismo é a família. Os hábitos são preservados e privilegia-se a educação. Levantar para dar lugar aos mais velhos, não sentar à mesa sem camisa, são valores que não queremos perder. O gosto pelas visitas, pelos cafés e reuniões que promovemos nos mantém unidos. O CTG oferece um modo de vida, um meio de se viver e educar nossos filhos.<sup>167</sup>

Enquanto mulher tradicionalista, Irene cunha admite enfrentar discriminação dentro do tradicionalismo, afirmando mesmo ser o gaúcho um machista convicto, uma vez que os tradicionalistas, acreditam, segundo ela, que “os homens devam comandar”. Contudo, ela diz não desanimar, pois acabou por se eleger coordenadora da campeira do CTG, Os Praianos, uma das entidades mais expressivas do estado. Vale lembrar que às mulheres não é concedido o direito de laçar em competições promovidas pelos CTG's. É bastante evidente no meio tradicionalista o espaço e o papel que acabam exercendo as mulheres envolvidas com o movimento. Em artigo assinado pela própria Irene Bornhausen, publicado num suplemento rural a cargo do MTG-SC, e que entre os anos de 1987 e 1988 circulava semanalmente no jornal O Estado, à época o diário de maior tiragem em Santa Catarina, se pode ler:

“O CTG é um prolongamento do nosso lar, principalmente para os homens, pois lá reúnem-se para discutir sobre tradicionalismo, cevar um bom chimarrão e em muitos casos tornam-se amigos inseparáveis e até compadres. As mulheres (...) tornaram-se companheiras assíduas nos rodeios, onde executam a mais nobre missão de mulher e mãe gaúcha, ensinando seus filhos e filhas a cevarem um bom chimarrão, trajarem-se conforme os costumes tradicionalistas, ensinando-os a darem seus primeiros passos de danças. Mas seu gesto mais sublime é de transmitir o verdadeiro sentido da tradição, onde a amizade e o companheirismo caminham entrelaçados no decorrer dos anos. Hoje são secretárias, posteiras, decoradoras, vendedoras nas barracas em dias de rodeios e festas, organizadoras de eventos culturais, juradas e concorrentes de concursos gaúchos, anfitriãs em congressos tradicionalistas de encontros sociais e principalmente nos galpões. Trazem no sangue e no espírito a altivez herdada dos antepassados. Não fraquejam. Lutam pelo tradicionalismo porque acreditam nele como força preparadora para o futuro. Com infinita autenticidade de mulher gaúcha, são alicerces na preservação ao culto às tradições”.<sup>168</sup>

---

<sup>167</sup> Entrevista concedida a Luiz Felipe Falcão na cidade de São José, em 19/03/1998.

Existe no tradicionalismo gaúcho, uma certa tendência a apresentar as relações de gênero, que inevitavelmente se estabelecem no movimento, como algo tranqüilo e sem tensões, ou ainda, o que é mais evidente, uma resistência em se discutir tais relações. Agindo de modo a deixar claro o papéis que a mulher tradicionalista deve desempenhar, tais como: bordar, passar, conhecer chás caseiros, cantar e declamar poesias, tocar algum instrumento e outros, a parcela masculina do movimento se preocupa em mostrar a admiração e o respeito que a mulher gaúcha tem de seus companheiros, que em suas festas e eventos não deixam de prestar homenagens a mulher tradicionalista. Porém, como o trecho do artigo citado anteriormente indica, é fácil perceber que a figura feminina enaltecida no meio tradicionalista é a de uma esposa dedicada e fiel, preocupada com a educação dos filhos e com o bem estar do marido.

Entretanto como não é, com certeza, um bloco monolítico, — embora por vezes insista-se em se representar desta forma — o tradicionalismo gaúcho enfrenta divergências internas, que se acentuam cada dia mais, incrementadas pelo grande crescimento do movimento a partir de 1985. Existem participantes do gauchismo que propõem uma renovação da tradição, solicitando um afrouxamento das regras, ou ainda mudanças em relação a sustentação financeira dos CTG's, como por exemplo, o fim da proibição de cobrança para peões que participem de provas de laço, hoje franqueadas. A própria existência de conflitos de gênero ( ou a simples ignorância destes), conforme mostrado, ou ainda a ocorrência de atitudes preconceituosas e por vezes racistas<sup>169</sup>, são elementos elucidativos. Estas tensões ou resistências aparecem inclusive na forte conotação moralista, a qual o movimento reivindica e da qual aqui não faltaram exemplos.

---

<sup>168</sup> *O Estado*, Florianópolis, 30 de outubro de 1987.

<sup>169</sup> Segundo depoimentos de líderes tradicionalistas, o princípio de solidariedade e respeito não permitem que a prática racista se verifique no gauchismo. Contudo, sabemos que no R.G.S. existem CTG's fundados por descendentes de africanos que ao sentirem-se discriminados pelo movimento tradicionalista, viram na criação de CTG's próprio a eles, uma alternativa para cultivarem o gauchismo. Para uma discussão deste aspecto ver: KAISER, Jakzam. CTG de Negros: o racismo no tradicionalismo gaúcho, in LEITE, Ilka Boaventura (org.).

É o que se pode perceber em depoimentos como o de Luiz Fernando Arruda Paim, engenheiro e editor chefe do Jornal Tradicionalista Buenas Chê da cidade de Blumenau. Paim não é muito bem visto pelos setores que ele considera “mais conservadores” pois em seu jornal, segundo ele, tenta “preservar a tradição sim, mas olhando para frente, reconhecendo erros, pois só porque eu sou gaúcho não significa que não possa fazer dieta ou tomar coca-cola”. Reconhecendo que “os bailes tradicionalistas são bem puros”, Paim mostra outras restrições aos eventos tradicionalistas:

“ Os bailes tradicionalistas são bem puros. Porém no nosso meio também existe droga, tem até ginete viciado. Cara que praticamente não vem à cidade e tá viciado. Até porque o ambiente de um rodeio é propício, pois é um acampamento. Tem muito patrão, muito gaúcho que vai a rodeio, e se tu fizer um levantamento vai ficar assustado, o que não é separado às vezes tá lá com a amante ou procurando uma. Nenhum gaúcho conservador gostaria de escutar o que estou dizendo, mas é verdade. Os caras vão para caçar. Tá tudo na mão cachaça, dança. Dentro do rodeio, claro existe família e tudo, mas o descontrole é maior que no baile. Na sua barraca cada um faz o que quer.”<sup>170</sup>

Por outro lado, gozando de prestígio e reconhecimento dentro do tradicionalismo em seus diferentes setores, Darci Pandini, que já foi coordenador da 8ª Região Tradicionalista (que compreende o município de Blumenau e arredores), também reconhece que “algumas coisas andam desvirtuando o movimento”. Embora esteja mais preocupado com a sustentação econômica dos CTG’s “pois as despesas de um rodeio são grandes”, Pandini reconhece que a participação de pessoas eventuais e não ligadas a tradição podem descaracterizar o movimento, que precisa se preservar. Propõe ele que:

---

**Negros no sul do Brasil (invisibilidade e territorialidade).** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.p. 247-64.

<sup>170</sup> Depoimento concedido a mim em 14/10/97, na cidade de Blumenau.

“Aqueles que são da tradição devem acampar numa parte específica do CTG, e, os que não são da tradição devem ficar em outra. Determinar áreas isoladas. É o que a maioria dos CTGs tem feito. Para que não haja atritos com um pessoal que não é tradicionalista e que vem conturbar a ordem do rodeio ou seu bom andamento. Afinal, o homem de bombacha respeita o outro. Pessoas que usam bombachas, em sua grande maioria são honestas, não se metem em brigas.”<sup>171</sup>

Embora exista a preocupação em mostrar que é um movimento que privilegia a paz e a pacífica convivência entre todos, pode-se encontrar depoimentos e até mesmo processos onde se verifica a ocorrência de brigas e discussões<sup>172</sup>. Contudo, para além deste aspecto, o que fica claro é que existe uma qualificação de caráter promovida pelos tradicionalistas, situação esta em que, a todo aquele que com orgulho e dedicação sustenta sua indumentária, ou os valores tradicionalistas, parece ser portador de um salvo-conduto, uma espécie de garantia e até mesmo de distância de um mundo violento e hostil e que torna insuportável a existência. Desta forma, seguindo a “liturgia”<sup>173</sup> tradicionalista, muitos gaúchos em suas excursões pelo estado e até mesmo pelo Brasil, como parte de seus utensílios — entre eles uma faca, para uso em competições de laço por exemplo — carregam armas de fogo, como forma de proteção, pois “nós somos tradicionalistas, os outros não”<sup>174</sup>. Assim, a separação entre o mundo tradicionalista, — vivido em sua intensidade, e, ainda que numa temporalidade breve e por vezes esporádica — vem se mostrando como uma opção, como uma fronteira, uma panóplia da qual se armam aqueles interessados em garantir para si, ao

<sup>171</sup> Entrevista concedida a mim em 13/10/97, na cidade de Presidente Getúlio.

<sup>172</sup> O que é facilmente comprovável na declaração de Luiz Fernando Arruda Paim, em depoimento já citado, que lembra de, pelo menos, um episódio onde “o pau comeu”, referindo-se a um conflito na cidade de Lages, em 1995, envolvendo participantes de um evento artístico promovido pelo MTG-SC naquela cidade, e que de forma direta brigaram entre si os membros do CTG Barbicacho Colorado (Lages) e do CTG Os Praianos (São José). Tal declaração é ratificada por Dilmo Burato, tradicionalista, em depoimento fornecido a mim e Luiz Felipe Falcão em 06/12/95. Ainda com relação a brigas e discussões, Luiz Álvaro Jacinto matou com um tiro de revólver a Estanislau Jastrombeck na cidade de Itaiópolis em 30/04/88, em baile promovido pelo CTG Estância Crioula daquela cidade, conforme apelação criminal N.: 29.234172, de 22/11/1993, firmada pelo Desembargador Nilton Macedo Machado, em 22/11/1993 (Dados: Departamento de Assessoria Jurídica do Tribunal de Justiça de Santa Catarina).

<sup>173</sup> A expressão parece ter sido cunhada por Pierre Bourdieu. Ver BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996. Páginas 85 e seguintes.

menos alguns momentos de uma vida simples, longe das atribuições cotidianas da vida; o que promove e de certa forma explica a expansão tradicionalista no estado. Neste sentido, é pertinente a declaração de Luiz Fernando Arruda Paim, ao definir o tradicionalista:

“Somos tradicionalistas gaúchos. Nós somos gaúchos de fim de semana. Ou quando mexem com a gente e a gente se queima. Isto é um tradicionalista. Nós não deixamos de ser, não vou dizer um circo, mas um teatro, eu sou um gaúcho da cidade que no final de semana vivo três dias como gaúcho, é um teatro. O único cara que é gaúcho mesmo é um ginete, que no final de semana devia tirar a bombacha para descansar.(...)Tem até patrão que não sabe montar, não vai a rodeio que não seja o dele, e que até odeia gaúcho. (...)Aquilo lá é uma representação”<sup>175</sup>.

Afora a ressalva feita ao circo<sup>176</sup>, fica explícita a intenção de separar representações de práticas. Ele ignora ou esquece aquilo que nos lembra Pierre Bourdieu quando diz que “as categorias segundo as quais um grupo se pensa, e segundo as quais ele representa sua própria realidade, contribuem para a realidade deste mesmo grupo”<sup>177</sup>. Sendo assim, conforme se pode perceber na declaração acima, não deve causar surpresa o fato de que existam dentro do movimento tradicionalista gaúcho patrões que não sabem montar ou que até mesmo que não goste de gaúcho, pois a construção da realidade e a sua percepção é bem mais truncada e parcial do que possam supor quaisquer interpretações que privilegiem uma idéia de homogeneidade<sup>178</sup>. Neste sentido, entre aqueles que buscam se aproximar do tradicionalismo gaúcho, encontram-se pessoas que frente a um movimento em franca expansão, se utilizam dele para outros fins que não aqueles estabelecidos pelo MTG-SC<sup>179</sup>. Isto pode ficar mais evidente com a declaração de Oscar Giaretta, empresário do setor de

---

<sup>174</sup> Depoimento de Irapuã Palermo Pereira Jorge, já citado.

<sup>175</sup> Depoimento já citado.

<sup>176</sup> Cujá preocupação maior, ele diria depois, é não dar margens a piadas que tentam ridicularizar o movimento e o gaúcho.

<sup>177</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. p. 123.

<sup>178</sup> Aliás, pelo pude perceber durante a pesquisa, a cada dia cresce o número de tradicionalista que reivindicam uma flexibilidade maior de alguns princípios do gauchismo.

<sup>179</sup> Segundo Eric Hobsbawm, a “tradição inventada é utilizada num sentido amplo, mas nunca indefinido”. HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). Op. Cit. p. 09.

transporte, ex-patrão do CTG Os Praianos, um dos CTG's com maiores e melhores instalações do Brasil:

“O movimento tradicionalista é forte e as pessoas que o dirigem estão numa vitrine. Existem aqueles que para massagear o ego aparecem mais. Um patrão geralmente possui um certo status e posição social definida.”<sup>180</sup>

Jacob Momm Filho, que já foi presidente do MTG-SC e também do CTG Os Praianos, pessoa que é uma das principais referências do gauchismo no Brasil, se mostra preocupado com o crescimento desordenado do movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina, pois “corremos o risco de descaracterizar a tradição”, colabora com a declaração de Giaretta, afirmando:

“Quando começamos não havia muita ambição. Com o crescimento do movimento as coisas mudaram. A troca de patronagem ocorria sempre de uma forma natural, partindo da base. Agora com a penetração da classe alta, as coisas podem ficar mais complicadas, fugir do controle.”<sup>181</sup>

Para Luiz Fernando Arruda Paim, é muito evidente a participação de pessoas que são absorvidas pela expansão tradicionalista, e que não tem outro vínculos com o movimento que não aqueles que lhes beneficiem diretamente. Segundo Paim:

“No gauchismo, o cara excluído socialmente por algum motivo, se tiver poder financeiro, conseguirá, na maioria das vezes, ser bem aceito, ao menos por um tempo. Hoje o cara para ser patrão tem que ter um poder financeiro forte. Alguns buscam somente projeção social. São pessoas oportunistas que se vestem de peão e pensam que são gaúchos. Conseguem um status que lá fora eles não tem”<sup>182</sup>

Sendo assim, em sentido oposto, o tradicionalismo gaúcho organizado pelo MTG-SC, formalmente em seus estatutos — sob os quais os CTG's se orientam — veta

---

<sup>180</sup> Depoimento concedido a mim em 21/12/95, na cidade de São José.

<sup>181</sup> Depoimento concedido a mim e a Luiz Felipe Falcão, em 09/10/95, na cidade de São José.

<sup>182</sup> Depoimento já citado.

quaisquer manifestações do movimento em que estejam envolvidas atividades políticas, religiosas ou financeiras<sup>183</sup>, ou ainda na utilização do tradicionalismo para benefício próprio, auto-projeção ou alcance de um status<sup>184</sup>. Vetada a atividade política, a prática tradicionalista, entretanto, aponta para uma participação bastante ativa. É o que mostra a declaração contraditória e reveladora de Darci Pandini:

“A tradição gaúcha não pode se envolver com política, religião ou qualquer tipo de discriminação. Não podemos usar a entidade para fins políticos. Aqui dentro a gente evita discutir política, ao máximo. O prefeito que nos ajuda é aquele que nós apoiamos. Existem até dois ou três deputados que são da tradição gaúcha, mas com a maior discrição. Por exemplo o deputado Gervásio Maciel já estava na tradição antes de ser deputado. Nunca impôs ou cobrou de nós o apoio. É lógico que pedir apoio é válido. É um deputado nosso na Assembléia? É sim. Mas não dependemos deste aspecto político para tocar a tradição.”<sup>185</sup>

Desta forma, é bastante revelador encontrar nos arquivos do MTG-SC em Lages, a concessão de verba de subvenção social fornecida pela Assembléia Legislativa de Santa Catarina<sup>186</sup> àquela entidade, ou que dois servidores do governo do estado sejam pagos por ele e colocados à disposição do MTG-SC<sup>187</sup>. Mais ainda, nos referidos arquivos encontra-se correspondência enviada pelo patrão do CTG Liberdade da Querência aos tradicionalistas do estado, onde após um fraternal e “forte quebra-costela”, pode-se ler o seguinte: “Nós também estamos empenhados na campanha de um amigo, Nequinho Moura, candidato a deputado federal pelo PRN, N. 3636. Vamos todos juntos fazer um belo trabalho pelo nosso amigo e

<sup>183</sup> Extraído do livro de estatutos e regulamentos publicado pelo MTG-SC, em 1995. Artigo XIII, p.16, que diz: “evitar toda e qualquer atitudes manifestação individual ou coletiva movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou financeira”.

<sup>184</sup> Extraído do livro de estatutos e regulamentos publicado pelo MTG-SC, em 1995. Artigo XII, p.16, que diz: “evitar todas a formas de vaidade e personalismo que buscam no MTG-SC, veículo para projeção em proveito próprio”. Mais curiosa ainda parece ser que uma suposta renovação tradicionalista venha sendo reivindicada, justamente pautando-se em práticas sociais que não seguem, *stricto sensu*, aquilo estabelecido nos estatutos dos CTG's, como é o caso da ânsia por maior projeção social.

<sup>185</sup> Depoimento já citado.

<sup>186</sup> Declaração de recebimento e aplicação de subvenção social, sendo o ordenador da despesa Deputado Pedro Bittencourt Neto, ao CTG Porteira Cerritense, com data de 13/06/94 no valor de 200.000,00 (moeda da época).

<sup>187</sup> Conforme extensa carta enviada pelo presidente do MTG-SC (à época ATEGESC) de 1986, senhor Sebastião Nunes de Oliveira, endereçada ao então vice-governador Vítor Fontana, reclamando da retirada dos



consequentemente elegê-lo para, a partir daí, termos um bom representante na esfera federal, mantendo, assim, acesa a chama da tradição”. Segundo levantamento feito, o tradicionalismo gaúcho conta com representantes na Câmara Federal, Assembléia Legislativa<sup>188</sup>, e inúmeras Prefeituras e Câmaras Municipais. Contudo, o número de políticos que direta ou indiretamente participam da tradição gaúcha superam quaisquer expectativas que relacione o movimento a uma sigla partidária específica<sup>189</sup>. Luiz F. A. Paim comenta a participação política do MTG-SC e dos CTG's de modo geral, quando da promoção de eventos tradicionalistas:

“As cartilhas da tradição gaúcha dizem que não deve existir envolvimento político. Eu acho que até deve existir. Porque hoje nós comemos nas mãos dos políticos. Os grandes rodeios são feitos com aniversário da cidade, o prefeito é um cara político. Se não fizer isto não sai o rodeio. Não devemos deixar a tradição morrer. Não tem política, não tem política, mas de repente o seu Bornhausen é candidato a governo do estado e eles põe uma bandeira na cabeça de cada boi que será laçado no rodeio. Então em vez da gente deixar estes políticos explorar a gente, vamos nós sermos inteligentes e explorar estes políticos.”<sup>190</sup>

Pertencendo a uma região tradicionalista diferente daquela a qual pertencem Darci Pandini e Luiz Fernando Arruda Paim, o ex-patrão do CTG Figueira Velha da cidade de São José (7ª RT), Aurino Manoel dos Santos afirma:

“Se o cara quiser ir para lá a fim de se promover politicamente, ele não vai se criar. Agora, como é que eu não vou apoiar um prefeito meu lá de São José, que tem me dado um monte de apoio, como na hora em que

---

funcionários que prestavam serviços ao tradicionalismo, bem como do atraso no recebimento das verbas de subvenção social.

<sup>188</sup> Ainda com relação a Assembléia Legislativa, na referida Casa, sob Presidência do Deputado Pedro Bittencourt Neto, foi criada a Semana Juliana para comemorar a Proclamação da República Juliana em Santa Catarina, promulgada a lei em 22/05/92, com sanção do então governador Wilson Pedro Kleinubing, que em seu artigo segundo diz: “A Secretaria de Estado da educação, Cultura e Desporto de Santa Catarina e o Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina organizarão e orientarão as festividades da Semana Juliana. Cabe ressaltar que é de iniciativa da mesma Assembléia a lei nº 3.124 de 09/12/1991, reconhecendo a indumentária gaúcha como traje oficial do estado para uso em cerimônias de posse, representações sociais, etc.

<sup>189</sup> Pode-se citar como exemplos: ex-deputado estadual e atual federal, Ivan César Ranzolin (PPB); o deputado estadual Jaime Mantelli (PDT); Luiz Bassin (PFL); Neuto de Conto (PMDB) e assim sucessivamente.

<sup>190</sup> Depoimento já citado. Em rodeio de médio porte são utilizados, em média, duzentos e cinquenta bois. Já em rodeio internacionais, como o promovido pelo CTG Os Praianos, o número pode chegar a quinhentos.

eu preciso de uma máquina ou de resolver uma dificuldade? A quem é que eu vou recorrer? Se o poder público não der uma mãozinha para nós, nós não nos criamos. Então como é que eu não vou apoiar ele? Aí, é a mesma coisa que eu virar o prato que como, e então não tem jeito.<sup>191</sup>

A declaração de Aurino é elucidativa. Não há como negar a colaboração política, bem como o auxílio do chamado setor público. Pelo contrário, freqüente são as situações onde o movimento tradicionalista as reivindica. Aliás, ao que tudo indica, isto é uma prática comum a todas regiões tradicionalistas do estado. Isto, pelos benefícios que proporciona, vem colaborando de modo decisivo para expansão do gauchismo no estado. Nos arquivos do MTG-SC se pode facilmente constatar que entre os 420 CTG's do estado, vários deles mantêm endereço para correspondência nas respectivas prefeituras onde se localizam, como é o caso do CTG Desgarrados do Pago, da cidade de Otacílio Costa, e em pelo menos dois deles: os CTG's Rincão da Santa Cruz, de São José do Cerrito e Tropeiros da Querência, o endereço indicado é o da Câmara Municipal de Vereadores<sup>192</sup>.

Paulo Roberto Tschumi, ex-prefeito de Agronômica, Alto vale do Itajaí, membro da patronagem do CTG Tropicilha de Lei da mesma cidade, para quem “entrar no movimento pensando em política é um equívoco”, — embora admita que o referido CTG tenha sido viabilizado em sua gestão municipal “pelos serviços que a prefeitura nos prestou” — afirma que:

“O movimento cresceu bastante de uns quatro anos para cá. Houve uma avalanche de prefeitos tradicionalistas e também a cobrança do movimento de que as prefeituras deveriam incentivar. E hoje precisa ter esse incentivo do poder público, da própria Assembléia Legislativa, do governo do estado. Eu acho que o movimento tende a crescer muito com isto”.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> Depoimento já citado.

<sup>192</sup> Os exemplos são inúmeros: CTG's: Fronteira da Serra, de Nova Veneza (6ª RT); Herança Trinta e Cinco, de Capinzal (13ª RT); Laço da Saudade, de Rancho Queimado (7ª RT); Sesteada de São Francisco, de Petrolândia (11ª RT); e assim por diante.

<sup>193</sup> Depoimento concedido a mim na cidade de Agronômica, em 14/10/97.

Desta forma, ora explícita, ora dissimulada, o fato é que a participação política do movimento tradicionalista no estado é, sem dúvida, bastante efetiva. A dificuldade, contudo, existe em determinar, ou ao menos esboçar, em que medida esta participação se dá enquanto influência, e, esta última, enquanto momentos decisivos de lutas políticas e embates sociais que de alguma forma imprimem mudanças na vida de ponderáveis segmentos sociais. Neste sentido, a fim de dirimir aquela dificuldade, é pertinente uma reflexão acerca do envolvimento do movimento tradicionalista com as decisões políticas e o gerenciamento do setor agrário no Brasil, e particularmente em Santa Catarina.

A maioria dos líderes tradicionalistas no estado, se encontram, em alguma medida, envolvidos com fazendas, criação de gado ou outras atividades que direta ou indiretamente estão relacionadas a terra<sup>194</sup>. É expressivo o número de pessoas que são ou foram membros de patronagem nos diversos CTG's espalhados no estado, e que exercem ou exerceram cargos nos sindicatos rurais situados em Santa Catarina: João Francisco Harger, patrão do CTG Chaparral, de Joinville, integrou a diretoria efetiva do sindicato rural do município na gestão 1982-1985; Alirio Evaldo Ritzmann, patrão do CTG Mágoas de Boiadeiro, de Rio Negrinho, integrou a diretoria do sindicato rural do município entre 1981 e 1990, e fez parte do Conselho Fiscal desta mesma entidade entre 1991 e 1994; Francisco Schlager, patrão do CTG Velha Espora, de Campos Novos, é delegado do sindicato rural do município junto à Federação da Agricultura de Santa Catarina na gestão 1994-1997<sup>195</sup>. Também é significativo que em 1995 o número de municípios onde os sindicatos se faziam presentes, e os CTG's ausentes, que era de 19, em 1997 diminuiu para 13. Isto com certeza não vincula a existência de uma entidade em função da outra, mas, sem dúvida, estabelece uma considerável relação. E como outro indicativo em relação a esse tipo entidade, numa

---

<sup>194</sup> Ver capítulo II, nota 124.

<sup>195</sup> Estas informações foram obtidas com o cruzamento de dados do arquivo do MTG-SC e do arquivo da Federação da Agricultura de Santa Catarina. Ver também: FALCÃO, Luís Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

perspectiva maior, se verifica que Affonso Ribeiro Neto, um dos fundadores e Membro Honorário do CTG Barbicacho Colorado, um dos mais antigos do estado, situado na cidade de Lages, seja presidente da Associação Latino Americana de Pecuaristas.

Apesar destes vínculos demonstrados, a polêmica agrária é um tema bastante reservado, sendo poucos os tradicionalistas que se mostram favoráveis a uma discussão mais elaborada desta questão. É o que se pode perceber na declaração de Irapuã Palermo Pereira Jorge, o mesmo cirurgião dentista citado anteriormente, que deixa claro sua posição em relação a política agrária no país:

“Este é um campo minado para a gente discutir. Eu vou falar sem cores partidárias. O peão que é bom, ele está assentado. Se você é bom e está querendo produzir, sempre vai ter alguém que vai te dar uma área, um pedaço de chão. Noventa por cento desses que estão aí querendo terra são aproveitadores, e é só para agitar. Aí já entra política partidária, e eu não quero comentar. É muito bom, é lindo, se todos tivessem um pedaço de terra para plantar, mas não adianta eu te dar doze alqueires que você não sustenta a tua família, pois é muito grande para ser braçal e muito pequeno para mecanizar. Onde vai arranjar alguém para te financiar semente, inseticida? Então este negócio de reforma agrária é muito criticado. Se você analisar, um peão que está empregado numa fazenda ganha dois salários, três salários, ganha muito mais que um trabalhador da cidade que recebe um salário mínimo. Se ele planta às meias, ainda recebe mais. O grande problema de tudo isto é a parte política e a parte religiosa, porque a Pastoral da Terra é um grande problema que a gente tem no interior. Eles dizem “você tá dando dinheiro pro teu patrão, teu patrão tá ganhando às tuas custas, você é um burro, você é um escravo”. Mas na hora de guentar, quem guenta é o patrão, não é a Pastoral.”<sup>196</sup>

Desta forma, mesmo com resistência à discussão, é evidente que os problemas sociais que envolvem a questão da propriedade de terras ou conflitos acerca da reforma agrária no estado e no país, também preocupam o movimento tradicionalista. Isto pode ser verificado, de modo bastante marcado, no excerto do estatuto do CTG Mangueira Lebonregense, fundado em 1986, na cidade de Lebon Régis:

---

<sup>196</sup> Depoimento concedido a mim e a Luiz Felipe Falcão, na cidade de Florianópolis, em 19/12/1995.

“Como organização que congrega os homens afeitos às lides campeiras, o CTG Mangueira Lebonregense pode e deve defender os altos interesses da classe, podendo igualmente para isto filiar-se às organizações rurais tais como associações, sindicatos ou centros agropecuários<sup>197</sup> .

Sendo assim, não causa estranheza que o movimento tradicionalista gaúcho venha estabelecendo relações com outras entidades rurais, inclusive aquelas consideradas paramilitares, como é o caso da União Democrática Ruralista — UDR — que pretendia desde sua fundação (1985), “reunir todos os proprietários de terra contra a Reforma Agrária e armá-los para resistirem às ocupações de suas propriedades pelos trabalhadores rurais sem terra”<sup>198</sup>. O sociólogo Tau Golin, ao comentar a temática agrária no Rio Grande do Sul, afirma que “do ponto de vista da organização, o braço cultural do latifúndio é o movimento tradicionalista gaúcho; o braço político e armado, a UDR”<sup>199</sup>, e em outro momento ele conclui: “No Rio Grande do Sul, os grupos paramilitares da UDR se fardam à moda tradicionalista, ostentando como bandeira o seu símbolo maior: a bombacha!”<sup>200</sup>.

Em Santa Catarina, o vínculo do tradicionalismo gaúcho com a UDR fica bem evidente ao se considerar que esta última entidade funda seu núcleo no estado nas dependências do CTG Porteira Aberta, de São Miguel do Oeste, pioneiro e um dos maiores e mais articulados CTG's do estado, congregando na oportunidade, 17 municípios daquela

---

<sup>197</sup> Extraído do Estatuto do CTG Mangueira Lebonregense (Artigo 4). Outros CTG's também apresentam em seus Estatutos idéias semelhantes, sugerindo aos adeptos do tradicionalismo que não descuidem da relação do movimento com entidades agrárias, são exemplos: CTG's Saudades do Pago, de Mondai, e Companheiros da Estância, sendo que neste último é possível encontrar em seu Capítulo 1, Artigo 2, o seguinte: “O CTG Companheiros da Estância não faz discriminação de raça, religião, cor, sexo, ou política, podendo filiar-se a entidades agropecuárias já que tem por finalidade congruar os rurahstas”. Ver também: FALCÃO, Luís Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

<sup>198</sup> LISBOA, Teresa Kleba. **A luta dos sem terras no Oeste Catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1988. p. 62. A autora lembra ainda que pelo menos um ano antes de seu funcionamento formal, a UDR já atuava no país com o apoio da Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a TFP. René Dreifuss, ao citar depoimento de Ronaldo Caiado, presidente fundador da UDR, mostra que “apesar da UDR não ter sustentação política no Congresso, mais de 70% dos deputados e senadores são fazendeiros e a tentativa era de orientar os “homens certos, defensores da livre iniciativa e principalmente, do direito inalienável da propriedade privada”. Op. Cit. p. 71.

<sup>199</sup> GOLIN, Tau. **Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca**. Porto Alegre: tchê!. 1989. p. 30.

região<sup>201</sup>. O ano de fundação do núcleo regional da UDR (1987) coincide com o acirramento dos debates sobre reforma agrária no país, quando a entidade empreendia os mais dedicados esforços para defender a propriedade da terra, utilizando inclusive milícias armadas de caráter privado<sup>202</sup>. É necessário salientar também que um outro grande momento de crescimento tradicionalista, ocorrido a partir de 1996, e discutido anteriormente (Cap. II), coincide com o recrudescimento de forças contrárias a ação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), — também em franca expansão no estado e país —, canalizadas em conflitos armados de sérios desdobramentos e repercussão internacional, como foram os casos de Corumbiara (Rondônia, agosto de 1995) e Eldorado dos Carajás (Pará, abril de 1996)<sup>203</sup>. Ainda com relação ao envolvimento do tradicionalismo gaúcho, especialmente suas lideranças, com entidades vinculadas a tensões agrárias, é pertinente mostrar que: João Maria Almeida, patrão do CTG Recordando o Passado, José Arlindo Didomenico, patrão do CTG Estância Nova, e Nelson Noriler, patrão do CTG Laço da Saudade, são também dirigentes regionais da UDR, sediada na cidade de Campos Novos, onde se localizam os referidos CTG's; e para

---

<sup>200</sup> GOLIN, Tau . **A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul** . Porto Alegre: Tchê, 1989. p 44.

<sup>201</sup> Diário Catarinense, 24/10/1987.

<sup>202</sup> Em Santa Catarina, a primeira invasão de terras que se tem notícia ocorreu em maio de 1980, com a ocupação da Fazenda Burro Branco, no município de Campo Erê, por mais de 300 famílias, marcando também o início das atividades do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ver: LISBOA, Teresa Kleba. Op. Cit. Para uma discussão mais abrangente desta questão, ver: IOKOI, Zilda Márcia Gricoli . **Igreja e camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no Campo (Brasil e Peru: 1964-1986)** . São Paulo: HUCITEC e FAPESP, 1996.

<sup>203</sup> Em março de 1998, assumia a presidência da UDR, a médica Tânia Tenório de Farias, estrategicamente escolhida pela entidade, segundo seu ex-presidente Roselvet Roque dos Santos, para tirar do MST o argumento de que a entidade seria formada por fazendeiros truculentos. A médica ao assumir afirmou que “não vai se limitar a críticas ao governo e confrontos como o MST”. E conclui: “o fazendeiro tem direito a usar a violência para defender sua propriedade”. FOLHA DE SÃO PAULO. 28/03/98. Em Santa Catarina, segundo Teresa Kleba Lisboa, há onze anos (1988) as principais áreas de conflito envolvendo a disputa de terras se encontravam nos municípios de: Campo Erê, Pinhalzinho, São Miguel do Oeste, Xanxerê, Matos Costa, Três Barras, Papanduva, Monte Castelo, Águas Mornas, Lauro Müller, Orleans e Urussanga. IN: Op. Cit. p. 56. Os dados atuais se encontram ainda muito dispersos. Contudo, segundo levantamento feito junto a funcionários do INCRA/SC, em suas Regionais de Chapecó e Florianópolis, em 1997, os municípios onde se encontravam os conflitos mais acirrados eram: Campo Erê, Xanxerê, Matos Costa, Papanduva, Monte Castelo, Campos Novos, Caçador, Passos Maia, Abelardo Luz e São Miguel do Oeste. A UDR tem abrangência em todos estes municípios, bem como também, em todos, os CTG's se fazem presentes, sendo que em Campos Novos, o número de CTG's chega a expressiva marca de 16 entidades, atrás apenas de Lages, onde existem 25 CTG's e se localiza a sede do movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina, o MTG-SC. Embora extremamente estimulante, uma discussão mais elaborada dos conflitos envolvendo a terra no Brasil e em Santa Catarina, extrapolam os limites deste trabalho.

finalizar, Getúlio Miguelin, vice-presidente da regional da UDR de Abelardo Luz, é também patrão do CTG Poncho Verde da mesma cidade.<sup>204</sup>

Tendo uma visão bastante particular da temática relativa a propriedade de terras e os conflitos a ela relacionados, o pensamento de algumas lideranças, ainda que reservados, podem ser observados em declarações como a de Oscar Giaretta, empresário do setor de transporte e também fazendeiro, da cidade de São José:

“O grande problema são os especuladores da terra, que tem grandes propriedades mas não tem compromissos em torná-las produtivas. Se você observar o que acontece no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, onde o movimento tradicionalista é mais forte, você vai ver que não existem mais os grandes latifúndios, pois o que acontece com o fazendeiro, com o senhor da terra, é que ele vai dividindo a propriedade para os seus filhos, para os seus netos, vai subdividindo e fazendo com que este pessoal continue lidando com a terra, continue tirando o seu sustento da terra. Então, até nisto a tradição gaúcha é sábia, pois ela mostrou e mostra como é que se faz um movimento de reforma agrária, sem sangue e indolor. Por isso, eu sou radicalmente contra as invasões de terra, pois o direito de propriedade da terra tem de ser sagrado”<sup>205</sup>.

Fica explícito na declaração o cuidado em mostrar o gauchismo enquanto um movimento exemplar e competente para deflagrar um autêntico e justo desenvolvimento da reforma agrária, uma vez que se trata de ruralistas que não cultivam o latifúndio<sup>206</sup>, e que promovam mudanças de uma forma pacífica, sem sangue ou dor (mesmo que declaradamente estejam dedicados a defesa da propriedade enquanto um direito sagrado e inalienável, ao menos àqueles que não façam parte da família tradicionalista). Luiz Fernando Arruda Paim, editor do jornal tradicionalista Buenas Chê, já citado, também compartilha da visão de Oscar Giaretta, ao dizer:

<sup>204</sup> Uma nominata maior pode ser encontrada em : FALCÃO, Luís Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

<sup>205</sup> Depoimento concedido a mim, na cidade de São José, em 21/12/95.

<sup>206</sup> O que não procede frente a qualquer análise mais criteriosa. Ver por exemplo: LISBOA, Teresa Kleba. Op. Cit.; ou ainda: SILVA, Elizabeth Farias. O Município de Lages. In: **O fracasso da oposição no poder. Lages: 1972-1982**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

“Eu acho que o movimento sem terra não é viável. Se um grande fazendeiro, que as vezes tem estudo e condições financeiras, tenta produzir e não consegue, muito menos um sem terra que não tem nem uma enxada ou pá, conseguirá. Eu vou te dar um jornal para tocar sem você saber mexer com isto e você vai quebrar. Mesmo que consiga produzir ele as vezes não vende. O governo sacaneia liberando a importação de produtos mais baixos. O caminho mais viável é pegar a terra.”<sup>207</sup>

A afirmação de Paim encontra ecos na lideranças tradicionalistas. A preocupação em transferir responsabilidades: a um governo ineficiente e não-protetionista, que desde sempre se esquece do Sul (novamente o regionalismo aparece, e embora Luiz Fernando se declare contrário ao separatismo, diz ter elaborado uma camiseta, junto a outro amigo seu, com a frase “o Sul também é Brasil”); ou a um movimento incapaz de se auto gerir, como seria o MST<sup>208</sup>. O que fica implícito nestas considerações, e como lembra Luiz Felipe Falcão, é que o tradicionalismo gaúcho “rejeita a política enquanto espaço de discussão pública de opções racionalmente definidas, e admite enquanto esfera onde podem transitar livremente favores e interesses privados”<sup>209</sup>.

---

<sup>207</sup> Depoimento concedido a mim, na cidade de Blumenau, em 14/10/97.

<sup>208</sup> Fazendo referência ao sucesso do gauchismo em empreendimentos da pecuária intensiva no Rio Grande do Sul, e desvinculando deste sucesso a obrigatoriedade dos estigmas postos ao gaúcho (discutidos no capítulo I deste trabalho), o antropólogo Sergio Alves Texeira diz que: “ Por rentável e economicamente racional que seja a pecuária intensiva ela, *per se*, não produz pessoas com atributos que compõem a representação do gaúcho. Quanto mais avançada ela for mais seus agentes imediatos atuarão num contexto burocrático. Este, como é notório, rejeita valentias e ousadias. Op. Cit. Tradição e culto da heroicidade e valentia. In: GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. V. II. Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 189. Como qualquer outro tipo de movimento que se coloca frente as lutas sociais (como o próprio tradicionalismo), o MST, ao empreender tais embates nem sempre consegue êxito. Como um exemplo de assentamentos que funcionaram bem do ponto de vista financeiro em Santa Catarina, se pode citar o de Abelardo Luz, ou como um empresa geradora de divisas, a indústria de leite longa vida “Terra Viva” de propriedade da Cooperativa Central de Reforma Agrária em Santa Catarina, situada em São Miguel do Oeste (ver notícia no WEB SITE: [www.mst.org.br/minforma/Info15.htm](http://www.mst.org.br/minforma/Info15.htm)). Também são inúmeros os exemplos de assentamentos mal realizados ou de especulação por parte de pessoas vinculadas ao próprio MST, como é o caso, em Santa Catarina, do assentamento da cidade de Vidal Ramos, localizada no Alto Vale do Itajaí (informações obtidas junto ao INCRA –SC).

<sup>209</sup> FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit.



Por outro lado, é bastante presente na sociedade brasileira, na qual a catarinense não é exceção, a idéia de que ao longo dos anos — diria desde o período colonial brasileiro<sup>210</sup> — o poder público, e até mesmo uma esfera pública a ele relacionada, seja visto como uma instrumentalização do poder privado. Sérgio Buarque de Holanda, para quem os efeitos de um desequilíbrio social promovido por esta instrumentalização permanecem vivos ainda hoje<sup>211</sup>, referindo-se ao século passado, mostra que: “Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção entre os domínios do privado e do público”<sup>212</sup>. Sendo inegável a privatização do poder público nas suas mais variadas formas, entretanto, o poder privado ou a ampliação de uma esfera privada, é sem dúvida alguma, um campo de conflito, de lutas internas vigorosas, das quais o tradicionalismo gaúcho não se exclui.

O tradicionalismo gaúcho é um movimento muito bem articulado, que engendra uma série de práticas sociais buscando algum benefício, mesmo que por vezes tenha que se associar a outras instituições, ou ainda, de outra forma, desconsiderar ou repudiar outras manifestações sócio-culturais que não lhes sejam favoráveis<sup>213</sup>. Então, ainda que por vezes, em sua instalação, o movimento tradicionalista gaúcho, em suas práticas — para usar uma expressão própria dos cientistas sociais — “se estende e comprime”; ao mesmo tempo imprime um esforço considerável para que “seja socialmente reconhecido e politicamente provido de influência”<sup>214</sup>.

---

<sup>210</sup> Sobre este tema ver: FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato brasileiro**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

<sup>211</sup> Este “hoje” é referente a 1967. Entretanto a temática é ainda bastante presente para invalidar totalmente a expressão. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995. p.141.

<sup>212</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. Cit. p.145. O autor toma como ponto de análise inicial a família, tentando através dela mostrar as discontinuidades que se apresentam na construção de um senso público e até mesmo do Estado.

<sup>213</sup> Contudo, segundo Jürgen Habermas, “uma esfera pública, da qual certos grupos são excluídos, não é apenas, digamos, incompleta: muito mais, ela nem sequer é uma esfera pública. HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 105

<sup>214</sup> HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p.50

Claro está que, embora sejam diferentes os CTG's dispostos nas diferentes regiões tradicionalistas postas no estado, outros elementos que não aqueles colocados como fins últimos da tradição — cujo sentido de continuidade é uma relevante evidência— se mostram comuns a eles. Desta forma, como um fio condutor, a ambientação pública do movimento tradicionalista gaúcho parece conectar os diferentes CTG's em suas respectivas regiões tradicionalistas. Assim se apresenta o tradicionalismo gaúcho a um domínio público. Domínio este que segundo Hannah Arendt é o “espaço que quando existe e não está obscurecido, tem como função iluminar a conduta humana, permitindo a cada um mostrar, para o melhor e para o pior, através de palavras e ações, quem é e do que é capaz”<sup>215</sup>.

Continuando, o tradicionalismo gaúcho em sua tentativa de instalação e auto-afirmação social, vem conseguindo explorar “práticas claramente oriundas de uma necessidade sentida — não necessariamente compreendida de todo — por determinados grupos”<sup>216</sup>. A virtual inexistência de determinadas práticas — como o suporte à uma vida mais regrada ou o alcance de privilégios políticos — na rede social onde se insere o tradicionalismo, se mostra a ele como interessante mecanismo de aceitação. Neste sentido, numa perspectiva capilar<sup>217</sup>, ocorre uma infiltração do tradicionalismo gaúcho no solo cultural onde se faz presente e se instala, dificultando desta forma uma delimitação de seus limites e influências.

Segundo Hannah Arendt, o que hoje concebemos por social, modernamente não ascende nem do público — o espaço onde os homens expõem-se —, nem do privado — o espaço da intimidade — mas sim de uma condição humana de se estar junto a outros, sendo

---

<sup>215</sup> ARENDT, Hannah. Men in Dark Times. In: ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. P. 341.

<sup>216</sup> HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). Op. Cit. p. 315.

<sup>217</sup> Como a idéia desenvolvida por Michel Foucault em relação ao sujeito e ao poder e suas múltiplas faces e penetrações. Quanto a isto ver especialmente : FOUCAULT, Michel. **EL sujeto y el poder**. México: Instituto de Investigaciones Sociales – ISS, 1988. Também: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

que “com o surgimento das sociedades de massas a esfera social atinge finalmente o ponto em que abrange e controla, igualmente e com igual força, todos os membros de determinada comunidade”<sup>218</sup>. Neste sentido, podemos pensar o social — operacionalizado pela necessidade de estar juntos, por uma condição humana como mostra Arendt — como o espaço onde se arma uma rede, costurada por fios de interesses e vontades, se tornando cada vez mais difícil identificar onde se localizam nele, as esferas pública e privada, tamanha a sua difusão e permeabilidade.

Então, uma vez diluídas na esfera social, as práticas tradicionalistas, com a penetração que possuem, contribuem para reduzir sensivelmente a distância entre as esferas pública e privada<sup>219</sup>. Assim, se os tradicionalistas, os gaúchos em seu estado de espírito, desejam preservar algumas referências — como honra, lealdade, respeito —, de outra forma não hesitam em reivindicar para si, o direito de inclusão social num mundo não tradicionalista. Estas práticas tradicionalistas, contudo, são empreendidas pelos gaúchos que formam os princípios do movimento, pessoas com posição de destaque e poder de decisão dentro do meio tradicionalista, e que desta forma representam a instituição do gauchismo; e, embora de forma indireta o freqüentador eventual — um “orelhano de CTG’s”, para usar uma expressão do meio tradicionalista — tenha contato com estas práticas e que desinteressadamente, ou de forma até mesmo lúdica, acabe as divulgando, sem dúvida são níveis diferentes de participação.

Enquanto um dos pensadores do gauchismo, principalmente das reformas que, segundo sua visão, o tradicionalismo precisa (como uma maior participação feminina no movimento ou uma aproximação mais clara e participativa dos CTG’s junto a política

---

<sup>218</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. P. 50

<sup>219</sup> Característica esta, aliás, apontada por Hannah Arendt como reflexo da instalação da sociedade moderna, que tem o social politicamente representado pelo Estado Nacional Moderno. Ver: ARENDT, Hannah. Op. Cit. Jürgen Habermas também lembra que: “em uma sociedade cada vez mais diferenciada, um número cada vez maior de pessoas adquire direitos cada vez mais direitos inclusivos de acesso a, de participação em, num número

institucional), o já citado Editor Chefe do Jornal tradicionalista Buenas Chê, da cidade de Blumenau, Luiz Fernando Arruda Paim, afirma:

“Eu venho lutando para que os CTG’s convivam perfeitamente na sociedade. Nós não podemos ser contrários a sociedade. Vamos mostrar para as pessoas que falam mal da tradição gaúcha que nós somos pessoas de carne e osso iguais a qualquer um. E que temos um papel comum dentro da sociedade. Além de um papel cultural temos uma função social dentro da sociedade. Não temos que pensar somente em bailes e rodeios.”<sup>220</sup>

Frente a uma configuração social que muito pouco tem de harmônica — pois os conflitos e embates estão sempre, e ainda, postos na rede social onde se insere o gauchismo — fica evidente, porém, a consciência que os tradicionalistas possuem da necessidade de interação social com o mundo, que em sua forma bruta, não é o seu.

E neste espaço social difuso, nesta rede social tramada por interesses, é que o tradicionalismo gaúcho se insere, e onde público e privado encontram sua fluidez. Desta forma, a participação tradicionalista nesta trama social se encontra diluída, não somente nos setores em que, de modo mais direto e freqüente são associados e atribuídos como próprios do movimento, tais como a participação em eventos artísticos — através das invernadas<sup>221</sup> — ou mesmo em programações de caráter mais específico como o dia do gaúcho ou as comemorações alusivas à Revolução Farroupilha, comemorada anualmente em todos os CTG’s. Ao contrário, o movimento tradicionalista vem sabendo aproveitar programações eventos sociais alheios, a princípio, aos valores da tradição gaúcha, demonstrando trânsito social e êxito na divulgação do gauchismo. É bastante ilustrativo o depoimento de Darci Pandini, patrão do CTG Porteira Getuliense:

---

crescente de subsistemas. In: HABERMAS, Jürgen. Between facts and norms. In: PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O público e o privado**. Artigo eletrônico: [www.mare.gov.br/Reforma/Papers/Bobbio1h.htm](http://www.mare.gov.br/Reforma/Papers/Bobbio1h.htm).

<sup>220</sup> Depoimento já citado.

<sup>221</sup> Artísticas ou campeiras. Ver capítulo II.

"Somos respeitados e nossa entidade é olhada com bastante seriedade (...) mesmo em festas estranhas ao movimento, não deixamos de participar e contar com o incentivo de toda a comunidade, inclusive a não-tradicionalista. Há seis anos participamos da Festa na Praça promovida pelo Lions (...)"<sup>222</sup>.

Esta associação com outras entidades e eventos é bastante presente atualmente<sup>223</sup> no meio tradicionalista, nas cidades e regiões onde o gauchismo se faz presente, conforme apontam os dados colhidos para esta pesquisa<sup>224</sup>. Indica também um considerável aumento da dimensão que alcançam as ligações muito bem estabelecidas de empresários, proprietários rurais, industriais e comerciantes. É o que se pode perceber na declaração do tradicionalista e ex-prefeito de Agrônômica, já citado, Paulo Roberto Tschumi:

"A preocupação é integrar o CTG á sociedade, não distanciá-lo. Agrônômica, eu acho, cresceu bastante nessa parte social com a presença do CTG, porque nós não temos Rotary ou Lyons, e até pouco tempo não tinha órgãos representativos dentro do próprio município. Então, de dois anos para cá aparece uma instituição que tenta dar um retorno social, que antes ficava só com o parte religiosa e esportiva: era um clube de futebol ou a igreja com seu estatuto. Hoje não, já temos várias associações no município, e acho que foi o CTG que despertou esse surgimento."<sup>225</sup>

Assim, inserido numa rede social<sup>226</sup> bastante complexa, arquitetada num mundo repleto de contradições, desejos e práticas que insistem em fugir de um controle mais próximo, de uma rígida hierarquia ( e da qual o movimento de tradição gaúcha é um representante bastante característico), o tradicionalismo, embora se mostre como uma força

<sup>222</sup> Entrevista concedida a mim em 13/10/97.

<sup>223</sup> Quando mencionamos atualmente, numa temporalidade estendida, estamos nos referindo ao último período de expansão tradicionalista, caracterizada nesta pesquisa entre 1985 e 1997.

<sup>224</sup> São inúmeras as evidências que apontam para a ocorrência destas ligações e associações do movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina. Como exemplo pode-se citar o jornal *Oi São José: O Jornal verdadeiramente josefense*, da cidade de São José, Maio de 1997, ano III num. 25, que trás em manchete e em matéria principal da edição: "Mais de 100 mil pessoas visitam as dependências do CTG Os Praianos durante a realização da FEINCO – Feira do Industria e Comércio.

<sup>225</sup> Depoimento já citado.

<sup>226</sup> Segundo Gilson Schwartz, "uma rede é sempre um conjunto de relações entre pontos ou "nós" que mantém a cada momento uma independência relativa, ainda que ressalte sempre, ao mesmo tempo, uma força que resulta do conjunto. Op. Cit. FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 19 nov. 1995.

notoriamente distinta, de todas as formas tenta se integrar a um sentimento maior de solidariedade social. Segundo Darci Pandini “uma forma de honrar nossa bombacha é prestar a comunidade em geral, auxílio aos seus problemas. Por isso promovemos eventos no CTG com a intenção de arrecadar fundos para ajudar entidades como APAES, Hospitais, Colégios e Igrejas, de quem também recebemos apoio<sup>227</sup>. Em contrapartida, o jornal Buenas Chê, da cidade de Blumenau, noticia: “Lions clube da cidade de Joinville e cavaleiros da noite (CTG Querência da Tradição ) promovem a ‘Cavalgada da Arrecadação’ de alimentos para o natal das famílias carentes de Joinville<sup>228</sup>. Luiz Fernando Arruda Paim diz que “as primeiras prendas dos CTG’s tem que fazer, e já estão fazendo um papel social. (Devem) ir para os semáforos organizar pedágios em prol não do cavalo ou da vaca, mas sim em prol de um asilo, de crianças pobres, do natal de crianças carentes (...)”<sup>229</sup>. Assim, o movimento tradicionalista gaúcho também vem apostando na oferta de benefícios sociais oferecidos a comunidade em geral, o que parece lhe fornecer visibilidade e penetração social.

Para Marcio Oliveira, 22 anos, patrão do CTG Laço Aberto, empresário, residente em Laurentino, os CTG’s extrapolam em muito as atividades inicialmente proposta a eles. Coloca-se como demonstração, pois além de patrão, encontra-se envolvido com a presidência da Câmara Júnior Municipal<sup>230</sup>. Em relação ao apoio que os tradicionalistas recebem, Paulo Roberto Tschumi, em depoimento já citado, afirma:

“Tenho visto em vários CTG’s a ajuda de várias pessoas. Num município é um grupo de empresários, no outro município é outro determinado grupo. Eles patrocinam principalmente o rodeio, que dá muita despesa para o CTG. Eu acho que até agora toda a ajuda tem sido bem recebida e estão dentro do limite da participação sem influência. Para nós é importante este apoio da indústria, do comércio e até do poder público”.<sup>231</sup>

<sup>227</sup> Entrevista concedida a mim em 13/10/97, na cidade de Presidente Getúlio.

<sup>228</sup> JORNAL BUENAS CHÊ. Blumenau: Buenas Chê, Novembro de 1995, p. 8

<sup>229</sup> Entrevista concedida a mim na cidade de Blumenau em 14/07/97.

<sup>230</sup> Segundo o próprio Márcio: “A Câmara Júnior, não é Lions ou ROTARY. É uma Associação, uma escola-de-novas lideranças”. Depoimento concedido ao autor na cidade de Laurentino em 14/10/97.

<sup>231</sup> Depoimento já citado.

Assim, são várias as situações, eventos e instituições onde o tradicionalismo gaúcho encontra-se representado. Araíde Odorizze, secretário do CTG Laço Getuliense é também presidente do CDL - Clube de Diretores Lojistas - local; José Edésio Guimarães, patrão do CTG Minuano Catarinense (1990-1992), entre outras atividades, foi fundador e presidente do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) de São Joaquim e da diretoria Cooperativa de Eletrificação Rural da mesma cidade; Fidelis Barata, empresário de Criciúma e patrão do CTG Pedro Raimundo é também presidente do CDL local; e assim sucessivamente. Mais ainda, estes vínculos, ao mesmo tempo que mostram as relações do tradicionalismo com outras formas de instituições, contribuem também para uma percepção melhor de práticas sociais que promovem um alargamento das possibilidades de participação pública (fornecem visibilidade e se fazem visíveis) de setores mais privilegiados, as elites, em diversos municípios (ao que tudo indica, principalmente nos de menores porte), e no estado de modo geral, e, embora esta pesquisa não seja extensa o suficiente para determinar em que medida o movimento tradicionalista gaúcho, através de seus CTG's, tenta diluir ou esconder tal alargamento (evitando por exemplo, a discussão pública destas implicações), as evidências (os vínculos, mais precisamente) são indicativos suficientes, sobretudo se considerarmos que o tradicionalismo apresenta picos de crescimentos consideráveis (ver Cap. II), justamente em situações de grande efervescência cultural e social, onde eleições decisivas ou conflitos agrários podem ser apontados como exemplos.

Por outro lado, o sucesso da expansão tradicionalista em Santa Catarina não se deve somente a participação de empresários, proprietários rurais ou comerciantes. Existe um número expressivo de pessoas, que embalados pelos fandangos, pela conversa desinteressada e por momentos de diversão cada dia menos freqüentes, frente as atribulações e ao frenesi impostos pela vida que levam, se mostram estimulados a freqüentar as dependências dos diversos CTG's espalhados pelo estado. Aliás, isto não causa estranhamento, uma vez que nos eventos promovidos pelo tradicionalismo se fazem presentes um leque considerável de opções

de lazer: atividades ligadas a competições campeiras (torneios de laço, gineteadas, vaca parada e outros); concursos de danças voltadas ao cultivo da tradição gaúcha, com seus integrantes devidamente trajados com suas indumentárias (para o homem a pilcha, para a mulher o vestido de prenda); as barraquinhas<sup>232</sup> (alugadas pelos CTG's às pessoas interessadas em explorar comercialmente o evento), onde além dos churrascos preparados à moda gaúcha, o freqüentador pode encontrar outras opções gastronômicas (carne de sol, cachorro quente, lanches diversos), e, se mesmo com as opções oferecidas, o freqüentador ainda não estiver satisfeito, ele pode também levar sua própria carne e bebida e prepará-las nas dependências do CTG, que também oferece condições para que as pessoas se acomodem em suas barracas, acampando enquanto dura o evento (em média três dias).

Existe, no gauchismo, uma corrente de tradicionalistas que defendem a utilização dos CTG's enquanto opção turística, e, embora sejam em menor número e sofram agudas resistências dos setores preocupados em conservar o movimento em suas feições iniciais (representados principalmente pela alta direção do tradicionalismo no estado, o MTG-SC), ela é verificável. Em artigo publicado no Jornal Buenas Chê, depois de frisar a necessidade que o gaúcho tem de possuir um “cartão de afinidade Banco do Brasil/MTG/ VISA”, o colunista prossegue: “o tradicionalismo pode contribuir para o desenvolvimento do turismo, sendo a ‘indústria sem chaminé’, criando motivações turísticas, inclusive transitórias, das quais os eventos culturais e artísticos constituem recursos valiosos, ao lado das feiras, rodeios, gastronomia e outros. Isto parece ocorrer também no Rio Grande do Sul. Segundo Barbosa Lessa, “em Caxias do Sul, o CTG Rincão da Lealdade assumiu marcantes funções turísticas (certa vez apontado, por um secretário estadual de turismo, como modelo para os demais); e o mesmo ocorreria depois como o CTG Manotaço, de Gramado, quando esta cidade se tornou o

---

<sup>232</sup> O comércio que envolve um evento tradicionalista é expressivo. São negociados automóveis, gado, produtos de couro e trajes típicos, entre outros produtos. É um setor que cresce muito dentro do tradicionalismo e que enfrenta muitas resistências por parte de dirigentes que receiam “transformar a tradição num simples evento festivo, esquecendo os princípios básicos da tradição gaúcha”. Existe também uma boa gama de patrocinadores



maior pólo de atração turística”. Ele termina afirmando que “um viajante comercial pode percorrer o Rio Grande do Sul de ponta a ponta e sendo tradicionalista, sentir-se sempre em casa ao chegar num CTG, por compartilhar de um mesmo repertório de mitos e símbolos com alto poder de confraternização”<sup>233</sup>.

Os rodeios geralmente têm entrada franqueada, quando muito, uma insignificante quantia é cobrada do freqüentador (no caso do evento promovido pelo CTG Os Praianos, de São José, em 1997, o visitante pagava, pela entrada, R\$1,00 [moeda da época]), receita esta utilizada para cobrir os gastos de transporte e confinamento do gado utilizado no evento. Tamanha oferta de divertimento pode ser bastante tentadora se considerarmos que em determinados municípios de Santa Catarina, e não são poucos, os CTG’s se constituem numa das poucas opções de lazer, senão a única. E mesmo nos centros urbanos mais populosos o tradicionalismo consegue trazer para seus eventos, um grande número de pessoas.

Maryana Ferrari, estudante universitária, 21 anos, nascida em Florianópolis, onde reside até hoje, admite que na sua família ninguém gosta do tradicionalismo, e que entrou para o movimento influenciada por uma amiga. Dizendo gostar das atividades campeiras que se desenvolvem nos CTG’s, embora não participe, e mais, diferenciando dança típica de dança de salão (esta última apontada por ela como pouco expressiva), ela continua:

---

dos eventos tradicionalistas, alguns deles imbuidos do “espírito gaúcho”, têm assegurado a realização de vários rodeios, que se tornam cada dia mais onerosos.

<sup>233</sup> LESSA, Luiz Carlõs Barbosa. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre: LP&M, 1985. p. 94-5. Embora estimulante, uma discussão mais elaborada dos vínculos tradicionalistas com setores voltados a exploração do turismo, ultrapassa os limites deste trabalho. Para uma discussão instigante da cultura enquanto um evento de massa, bem como o uso do turismo como promoção cultural em Santa Catarina, ver: FLORES, Maria Bernadete Ramos. **OKTOBERFEST: Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. Pgs. 107 e seguintes, que lembra: “a grande expansão do turismo em Santa Catarina na década de 1980”, que é uma década onde também o tradicionalismo cresce vertiginosamente no estado, “pode estar relacionada à emergência de fenômenos que permitem antever uma nova forma de desenvolvimento e expansão capitalista, tendendo à terceirização da economia e à formas mais flexíveis da economia.” p. 121. Para uma abordagem ampla da cultura de massa, ver: MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo II: Necrose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

“Eu achava o CTG um lugar de gente velha, de chinelo de dedo. Então fui a um baile estimulada por uma amiga e detestei, embora a maioria presente fosse composta de jovens. Em outra oportunidade, assisti a apresentação de uma dança gaúcha e fiquei fascinada. Desde então eu estou no movimento. Sinto-me bem com as roupas que são decentes e confortáveis. Na dança eu sinto toda emoção de participar do movimento e de estar vinculada a ele.”<sup>234</sup>

Eleita primeira prenda adulta<sup>235</sup> do CTG os Praianos, de São José, Maryana não esconde a satisfação de participar de um evento onde a decência é valorizada e a emoção é franqueada. Diz ela: “minha mãe acha que atrapalha um pouco meus estudos, embora ela diga a todos que é um ambiente no qual ela confia em que a filha esteja, uma vez que no CTG não existe brigas, nem drogas”<sup>236</sup>. Opinião semelhante alimenta Dilmo Burato, 28 anos, catarinense de Bom Retiro, mas residente em São José há mais de 10 anos, mecânico de automóveis na mesma cidade, quando fala sobre seu envolvimento com o tradicionalismo:

“Vai muita gente solteira, como eu, mas é um lugar que você pode levar a tua mulher, pode levar teu filho, tua filha, sem problema. É um troço que tem luz acesa, não tem nada de penumbra; se tu quer fazer qualquer coisa de diferente, tem que sair fora dali, porque não tem ambiente.”<sup>237</sup>

A possibilidade de se desfrutar de horas de lazer num ambiente rústico (por isso atrativo) e aprazível é, sem dúvida alguma, para aquele que procura um CTG, uma forte razão para cultivar o tradicionalismo. Neste sentido, o depoimento do professor universitário aposentado e sócio patrimonial do CTG os Praianos, José Américo D’Ávila, é bastante ilustrativo:

<sup>234</sup> Depoimento concedido a mim e a Luiz Felipe Falcão, em 18/12/95, na cidade de Florianópolis.

<sup>235</sup> O concurso de primeira prenda é realizado na maioria dos CTG’s do estado, onde ocorrem também os concursos para eleição do peão barriga-verde. No primeiro, realizado para as categorias infantil, juvenil e adulta, as candidatas passam por rigorosos testes, entre eles um de conhecimentos gerais (História e Geografia) onde se apresentam questões tais como: “quem foi Anita Garibaldi? Quais são as cores oficiais do Brasil? Qual a data da comemoração do dia da bandeira e em que horas se dá seu hasteamento?. Além disto, existem provas práticas onde a candidata deve mostrar seus dotes culinários, saber bordar, conhecer chás caseiros e declamar poesias tradicionalistas, a sua escolha. Cabe a prenda eleita, participar de todos os eventos promovidos pelo CTG que a eleger.

<sup>236</sup> Depoimento citado.

<sup>237</sup> Depoimento concedido a mim e a Luiz Felipe Falcão, na cidade de São José, em 06/12/95.

“Nós que ainda podemos nos dar ao luxo de conviver com animais, com grandes áreas verdes, com muita gente simples andando do jeito que mais lhe convém, será que estamos aproveitando todas as oportunidades que estão ao nosso alcance? Costumamos estar no CTG muitas vezes por semana e aos sábados e domingos. Angustia-nos ver tão bela área quase deserta, pois, raras são as pessoas que ali comparecem para curtir um programa com a família, soltando a garotada para desenvolver suas potencialidades e ativar seu físico, tão comprometidos com as rotinas escolar e domésticas. Será que os pais também não precisam mudar seus hábitos? Fim de semana em casa, curtindo sofá e televisão, não combinam com as exigências do dia a dia do mundo moderno. Movimentos diferentes daqueles que estamos habituados a fazer, a convivência com o ar puro e os animais são de grande valia para nos ajudar a enfrentar o stress da vida atribulada. Por que não aproveitamos melhor o espaço físico que dispomos no CTG? Por que não formamos grupos de pessoas para um bom papo, para um joguinho, para uma boa cavalgada, para aquele churrasco, para aquele café das tardes de Sábado e Domingo, para oportunizar que as senhoras se conheçam e se integrem com suas experiências, suas receitas e sua graça.”<sup>238</sup>

Após esta declaração, fica claro que o anseio (e a saudade) de viver num mundo mais tranqüilo, acolhedor, onde a natureza<sup>239</sup> se faz presente no cotidiano, longe de todas as vicissitudes que uma atribulada vida urbana proporciona, vai bem ao encontro de um movimento que, entre uma série de princípios, acalenta a esperança de uma vida mais próxima do mundo rural, onde faltam atribulações e sobram harmonia e simplicidade<sup>240</sup>. Desta forma, os aspectos motivadores que levam uma parcela ponderável da população catarinense a freqüentar os eventos promovidos pelo movimento tradicionalista gaúcho, permitem vislumbrar o crescimento do gauchismo em áreas ou regiões do estado onde a

<sup>238</sup> JORNAL COCHO DE SAL. São José: Setembro de 1995. p. 02.

<sup>239</sup> Um trabalho bastante elaborado acerca da naturalização da cultura pode ser encontrado em : MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996. p.231-298. Nele, o autor argumenta: “que a natureza não é mais considerada simplesmente como objeto, a explorar, mas inscreve-se cada vez mais, num processo de parceria. É neste sentido que ela não pode ser mais estranha ao debate social”. p.234. Uma outra análise do mundo natural, numa perspectiva histórica e ambientada na Inglaterra no século XVII, discute as novas sensibilidades do homem em relação as plantas e aos animais, pode ser encontrada em: **THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas a aos animais**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

<sup>240</sup> Esta concepção estereotipada, do campo, e deste relacionada a cidade, ainda que ambientada na Inglaterra, é discutida por Raymond Willians. Ver : Op. Cit. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Cabe ressaltar que a positivação do campo se encontra fortemente presente no discurso tradicionalista.

influencia cultural do Rio Grande do Sul, ou ainda, as chamadas lides campeiras, não se fazem presentes.

Por outro lado, agindo no sentido de promover um certo retorno social, o tradicionalismo gaúcho vem se envolvendo em atividades filantrópicas que, inicialmente, em nada se relacionam às atividades pelas quais ele, durante muito tempo, se propôs a realizar, o que numa linguagem própria do tradicionalismo se chamava o esteio da tradição<sup>241</sup>; ou seja, a propagação de uma concepção de vida com um sentido claramente conservador. E os desdobramentos deste tipos de práticas e representações que se difundem das mais variadas formas, e que foram aqui esboçadas, se configura num tentador e quase irresistível convite à participação de uma parcela considerável da população catarinense no tradicionalismo gaúcho, afinada com esta perspectiva de vida, ainda que, enquanto seres humanos estejam imersos num mundo repleto de contradições, embates e lutas, a exemplo da complexidade cultural catarinense, neste trabalho tratada. A História Cultural ao oportunizar uma perspectiva capaz de nos permitir a percepção do social, e neste caso específico, a percepção do social que o tradicionalismo gaúcho mostra, colabora para uma compreensão maior da construção da realidade catarinense.

A tradição inventada que é o tradicionalismo precisa ainda de muitas reflexões. Assim, a sugestão de Foucault de “sacudir a quietude com a qual aceitamos as coisas, mostrando que elas não se justificam por si mesmas”<sup>242</sup>, parece pertinente. Uma arqueologia criteriosa do Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina, tem muitos fósseis a registrar, de modo a permitir uma melhor compreensão da sociedade catarinense e de seus conflitos. Para finalizar, deslocando, em parte, a reflexão de Michel Maffesoli, ao tratar das possíveis e diversas solidariedades e afinidades cotidianas e anódinas, gostaria de lembrar

---

<sup>241</sup> O esteio da tradição foi várias vezes citados nas entrevistas realizadas, variando pouco o conteúdo, sendo este sempre carregado de uma forte conotação moralista e disciplinadora. Para Oscar Giaretta, ex-patrão do CTG Os Praianos, em depoimento já citado, “o esteio da tradição consiste em lealdade, honradez e respeito a hierarquia da família tradicionalista”.

<sup>242</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P.29.

que o Movimento Tradicionalista Gaúcho “está aí, e de nada serve negá-lo, ou recusar sua existência ou amplitude, sob pena de sobressaltos, quando, pontualmente, suas manifestações fazem-nos lembrar dele”<sup>243</sup>.

---

<sup>243</sup> MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995. p. 75.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando é chegada a hora de realizar estas considerações finais, me lembro, então, do armário posto em meu quarto, e que se encontra extremamente desorganizado, com as gavetas foram de ordem, desafiando-me a arrumá-las. Mas eu resisto. Não porque goste de bagunça, mas sim pela inquietação que me causam. E apesar dos insistentes apelos, elas estão lá, desarrumadas.

Os historiadores, parece, durante muito tempo, dispuseram de gavetas muito bem organizadas, onde podiam tranqüilamente depositar as tensões e embates, acomodando-os num armário muito bem alinhado. Mais ainda, os enquadramentos teóricos davam conta de tudo acomodar. Mas, um moleque travesso andou mexendo nas gavetas, que agora, diria, nas últimas duas décadas, se mostram bagunçadas, inquietando-nos. Os historiadores de hoje (não necessariamente os de minha geração), têm, assim me apresenta, a instigante tarefa de manter desarrumadas as gavetas, estimulando o debate social e a visibilidade de tensões e conflitos que, de outra forma, poderiam estar guardados a chaves.

O tradicionalismo gaúcho, desde cedo, no início da pesquisa, se mostrou um tema bastante instigante. Os desafios eram muitos: viagens pelo interior do estado, entrevistas, delimitação das discussões, fontes que precisavam ser “cavadas”, num autêntico exercício arqueológico arquivístico gaúcho. Isto não consiste em lamentações, pelo contrário, os “achados” foram muitos e estimulantes.

Partindo de uma perspectiva plural, capaz de permitir a percepção das imbricações nas quais um fenômeno sócio-cultural como é o tradicionalismo gaúcho se entrelaça, algumas relações ficaram evidentes. Uma delas se inicia ainda no século passado, no Rio Grande do Sul.

Houve, naquele estado, com certeza, ao menos entre 1850 e 1930, um investimento vigoroso de setores sociais bastante organizados e providos de influência — as elites sul-rio-grandense — representados por estancieiros, políticos e intelectuais, em fornecer (e com sucesso) uma nova configuração ao gaúcho, que de desviante e bandido aventureiro, passou a honesto, obediente e determinado. Desta forma, em 1948 ele novamente é apropriado e alcança o status de “estado de espírito” (com toda a volatilidade e imprecisão que a denominação alcança). O discurso regionalista e homogenizador ganhava um importante aliado. Instrumentalizado pelo tradicionalismo gaúcho, este estado de espírito é encarnado em Santa Catarina.

A expansão tradicionalista converge com momentos bastante elucidativos da realidade brasileira, e da catarinense em particular. Exemplo disto aparece na estreita relação do movimento com outras entidades não tradicionalistas (ao menos não tradicionalistas gaúchas), e embora não tenha sido exaustivamente trabalhada (para isto outros trabalhos se fazem necessário), tal relação contribui decisivamente para a visualização das tensões nas quais o tradicionalismo se encontra imerso.

Assim, revelador é o envolvimento do gauchismo com a União Democrática Ruralista – UDR. Também perceber que o tradicionalismo atinge picos de crescimento em momentos de emergência de conflitos ou debates em torno da problemática agrária no país, como foi o caso do período entre 1986 e 1989, quando estavam acesas as implicações agrárias na Constituição que se elaborava no Congresso Nacional, ou ainda entre 1995 e 1997, quando, novamente ganha força a questão, em torno de debates (e lutas) promovidos por um lado, pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, e por outro os ruralistas organizados. Para um movimento que se diz a-político, como o tradicionalismo gaúcho, as implicações contrárias são evidentes. Mais ainda, este tipo de prática empreendida pelo tradicionalismo, vem promovendo um alargamento das possibilidades de participação pública de setores mais

privilegiados socialmente (empresário, industriais, comerciante, políticos) numa caracterizada experiência de alternância e fluidez entre o privado e o público.

O alargamento citado acima aponta para uma outra discussão: o envolvimento de todos os segmentos sociais com o tradicionalismo gaúcho. Ao que tudo indica, a expansão tradicionalista se deve em boa medida, a freqüência de pessoas que afinadas ao pensamento gauchesco, desejam preservar relações que se sentem ameaçadas, onde se destacam a harmonia familiar e um moralismo enérgico, ou ainda a volta a um mundo campestre (e idealizado), onde as pessoas seriam simples, sinceras e companheiras. Estes elementos são contemplados por um movimento de concepção claramente conservadora.

Ainda assim, também existem freqüentadores eventuais, que participam do movimento movidos pelo desejo de desfrutar de alguns momentos de lazer, que são oferecidos pelo diversos CTG's presentes no estado. Embora seja uma opção que provoque reações contrárias entre lideranças tradicionalistas, há gaúchos que defendem a integração dos CTG's em projetos turísticos espalhados nas diferentes regiões de Santa Catarina.

Para fugir da repetição (agora já inevitável), uma última, e não menos pertinente observação. O tradicionalismo gaúcho se configura num movimento bastante organizado, e sua expansão, dispersa em Santa Catarina, em muito extrapola quaisquer supremacias sócio-culturais e econômicas que se possam mostrar nos diferentes municípios do estado e em suas diversas regiões. Assim a configuração cultural complexa, híbrida, presente em Santa Catarina na sua diversidade cultural, se mostrou permeável ao tradicionalismo, que se configura num fenômeno sócio-cultural relevante a se considerar as implicações a que se encontra ligado.

Espero que este trabalho contribua efetivamente para a produção outros inéditos acerca do tema que discute, e, ao mesmo tempo, colabore para um melhor entendimento dos



processos mediante os quais, práticas e representações simbólicas se difundem no universo cultural catarinense, idéia inicial a que ele se propôs.

Foi um prazer.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA:**

### **FONTES:**

#### **1. Documentos:**

- 1.a. Arquivo do Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina – MTG-SC (Lages). Vários impressos em datas diversas.
- 1.b. Documentos sobre sindicatos rurais no Arquivo da Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina (Florianópolis).

#### **2. Fontes Orais:**

Depoimentos (entrevistas) concedidos ao autor:

Paulo Roberto Tschumi (Agrônômica); Darci Pandini (Presidente Getúlio); Marcio Oliveira (Laurentino); Luiz Fernando Arruda Paim (Blumenau); Jacob Momm Filho (São José); Américo Augusto da Costa Souto (Florianópolis); Aurino Manoel dos Santos (Florianópolis); Dilmo Burato (São José); Homero Milton Franco - Mano Terra (Florianópolis); Irapuã Palermo Pereira Jorge (Florianópolis); Maryana Ferrari (Florianópolis); Oscar Giaretta (São José); Moacir Claudio Conrad (São José).

Depoimentos (entrevistas) concedidas a outros:

Irene Bornhausen Cunha (São José), concedeu depoimento a Luis Felipe Falcão.  
Gelci José Coelho – Peninha (Florianópolis), concedeu depoimento a Jakzam Kaiser.

#### **3. Jornais e revistas**

JORNAL BUENAS TCHÊ. Blumenau: Buenas Tchê, 1991-. Várias edições até 1997.

JORNAL COCHO DE SAL. São José: Cocho de sal, 1995-1996. Várias edições.

JORNAL TRADICIONALISMO. Criciúma: Latina, 1995-1996. Várias edições

JORNAL A NOTÍCIA: Joinville: A Notícia, 19-- - . 11996 (junho e julho)

JORNAL O ESTADO: Florianópolis: O estado, 19-- -

JORNAL DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis: RBS, 1985. Varias ed. 1986 a 1988

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 19 nov. 1995.

Coluna do Movimento Tradicionalista Gaúcho, in O Estado (Suplemento Rural) Florianópolis, várias edições entre 1987 e 1988.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 03 de Junho de 1998. p.76-7

\_\_\_\_\_, 14 de setembro de 1993. p. 68-9.

#### 4. Livros, folhetos e discursos impressos:

**Amor e tradição (coletânea de poesias e contos de autores catarinenses)** . Lages: MTG-SC, 1995, 100 páginas.

AL NETO . **O gaúcho** . Lages: ATGESC, sem data de edição, 36 páginas.

**Boletim da Comissão Catarinense de Folclore** . Florianópolis: várias edições entre 1949 e 1985.

FRANCO, Homero Milton (Mano Terra). **Raízes da América Gaúcha** . Florianópolis: Grupo de Arte e Cultura Ilha Xucra, 1993, 264 páginas.

HERNANDEZ, Jose . **Martin Fierro** (segunda edição bilingüe) . Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991, 264 páginas.

LOPES NETO, João Simões . **Contos gauchescos e lendas do sul** . Porto Alegre: Globo, 1978, 186 páginas.

MEYER, Augusto. **Gaúcho: História de uma palavra**. Porto Alegre: IEL, 1957

SOARES, Doralécio .**Folclore brasileiro: Santa Catarina** . Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979, 84 páginas.

VIANNA, Francisco José Oliveira . **Populações meridionais do Brasil** (volume II.) . Rio de Janeiro: José Olympio, 1952, 368 páginas.

**Tradição gaúcha em Santa Catarina: Os Praianos** . Florianópolis: Paralelo 27, 1992, 136 páginas.

#### 5. Homepages:

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.  
WEB SITE: <http://www.ibge.gov.br>

- Jornal Cocho de Sal.  
WEB SITE: <http://www.iaccess.com.br/cochodesal>

- Jornal Buenas Chê  
WEB SITE: <http://www.flynet.com.br/buenas>

- Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG-RS  
WEB SITE: <http://www.cam.org/~guri/mtg.htm>

- Rotary Club  
WEB SITE: <http://www.ibase.org.br/~rotaryfrutal/RorayClub.html>

- Lions Club  
WEB SITE: <http://www.intervale.com.br/lions/netclub.htm>
- São Miguel do Oeste (dados sobre o Município)  
WEB SITE: <http://www.smo.com.br/smoeste/smoeste.htm>
- Movimento do Trabalhadores Sem Terra – MST  
WEB SITE: <http://www.mst.org.br/dhumanos/dhumanos.htm>
- Governo Brasileiro  
WEB SITE: : <http://www.mare.gov.br/Reforma/Papers/Bobbio1h.htm>.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: História e Mitificação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1988.
- ARAÚJO, Hermetes Reis. **A Invenção do Litoral**. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado.
- ARENDT, Hannah. Men in Dark Times. In: ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997
- AURAS, Marli. **Poder oligárquico catarinense: da guerra dos “Fanáticos” do Contestado à “Opção pelos pequenos”**. São Paulo: PUC, 1991. Tese de Doutorado (Educação).
- BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi, vol 1 (memória-história). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa Da Moeda, 1984.
- BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. **Os doze Rio Grandes**. Porto Alegre: Sanrig, 1981.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar (a aventura da modernidade)**. São Paulo: Cia das letras, 1988.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Encruzilhadas do labirinto II - Domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTRO, Iná Elias de e GOMES, Paulo César da Costa (orgs.) **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa e Rio de Janeiro: DIFEL e Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*. 11(5), 1991. São Paulo: USP, jan/abr. 1991.

CÔRTEZ, J.C. **Origem da semana Farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: Ed. Própria, 1994.

DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DREIFUSS, René Armand. **O jogo da direita na nova república**. Petrópolis: Vozes, 1989.

FALCÃO, Luís Felipe. **Entre hoje e amanhã: Diversidade Cultural e separatismo em Santa Catarina no século XX**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato brasileiro**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A farra do boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: UFSC, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **OKTOBERFEST: , Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997

FLORES, Moacyr. **Negros e índios: História e Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Debate con los liistoriadores (1978), in TERÔN, Oscar (org.). **Michel Foucault: el discurso del poder**. México: Folios, 1980.

FOUCAULT, Michel. **EL sujeto y el poder**. México: Instituto de Investigaciones Sociales – ISS, 1988.

FRANCO, Homero. **Raízes da América Gaúcha**. Florianópolis: Grupo de Arte e Cultura Ilha Xucra, 1993.

FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOLIN, Tau . **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GOLIN, Tau. **Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca**. Porto Alegre: tchê!. 1989.

GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). **Nós os gaúchos**. V. I Porto Alegre: UFRGS, 1993.

GONZAGA, Sergius e FISCHER, Luís Augusto (orgs.). Vol. II. **Nós os gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

GONZAGA, Sergius. **As mentiras sobre o gaúcho: Primeiras contribuições da literatura**. In: DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sergius (org.) . RS: Cultura e ideologia . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAESBAERT, Rogério. **“Gaúchos” no Nordeste: Modernidade, Desterritorialização e identidade**. São Paulo: USP, 1995. Tese de Doutorado.

HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Campinas: UNICAMP, 1998.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins fontes, 1992.

LAMBERTY, Salvador Fernando. **ABC do tradicionalismo**. Porto Alegre: Martins, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1994.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no sul do Brasil (invisibilidade e territorialidade)**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996

LEITE, Lígia C. Moraes. **Regionalismo e Modernismo**. São Paulo: Ática, 1978.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre: LP&M, 1985.

LISBOA, Teresa Kleba. **A luta dos sem terras no Oeste Catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1988.

LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 30**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a História de Pelotas**. Florianópolis: UFSC, 1993. Dissertação de Mestrado.

MAUCH, Cláudia e VASCONCELOS, Naira (orgs.) . **Os alemães no sul do Brasil (cultura, etnicidade, história)** . Canoas: ULBRA, 1994.

MEYER, Augusto. **Gaúcho: história de uma palavra**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1957.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1993.

MIGNONI, Washington Luis. **CTG Os Praianos: sua atuação no litoral catarinense**. Fpolis: UFSC, 1995. TCC.

NEDER, Ricardo. **Figuras do espaço público contemporâneo, associações civis, fundações e ONG's no Brasil**. Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1998

NEVES, GERVÁSIO. **Fronteira gaúcha**. Belo Horizonte: UFMG, 1990. Tese de livre docência.

OLIVIEN, Ruben George. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. In: FONSECA, Cláudia (org.) . **Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1983.

\_\_\_\_\_. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação contraditória. In: **A parte e o todo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **A fabricação do gaúcho**. Ciências Sociais Hoje (Anuário de antropologia, política e sociologia). São Paulo: Cortez, 1984.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho d'água, 1996.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIXÃO CORTES, J. C. **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **A Invenção da Sociedade Gaúcha**. in. Ensaios. Porto Alegre: SEE, Ano XIV, nº 2, 1993.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina na História**. Florianópolis: UFSC e Lunardelli, 1983.

POSSAMAI, Zita (org.) **Revolução de 1893**. Porto Alegre: Sec. Mun. Cultura (cadernos; nº 3, 1993).

RAMBO, Arthur Blásio e Félix, Loiva Otero. (orgs.). **A revolução Federalista e os teuto-brasileiros**. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: UFRGS, 1995.

RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Rio De Janeiro: UFRJ, 1990.

SERPA, Élio Cantalício. **A Identidade Catarinense nos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Fpolis: UFSC, 1996. Mimeo.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1990.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: FCC, 1981.

SILVA, Elizabeth Farias. O Município de Lages. In: Op. Cit. **O fracasso da oposição no**

**poder. Lages: 1972-1982.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994

SOARES, Doralécio. **Folclore brasileiro: Santa Catarina** . Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas a aos animais.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: História Oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WILLEMS, Emílio . **A aculturação dos alemães no Brasil** (segunda edição, edição original em 1946) . São Paulo e Brasília: Companhia Editora Nacional e Instituto Nacional do Livro, 1980.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.